

BRANCO E NEGRO



O SEMEADOR

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras,
periódicos, etc.

Photogravura
em todos
os generos

PERFEIÇÃO,
RAPIDEZ
ECONOMIA

Photogravura Universal
DE
Castello
Branco
&
Alberni
Lisboa

R. da Bombarda, 48. 1.
N.º Telephonico 313

PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.



PIANOS
HARMONIUMS
CORDAS
REBECAS
BANDOLINS, ETC.

ACCESSORIOS
PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS
MUSICA

LAMBERTINI
43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.	Réis	200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior).....	"	240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- lonecello	\$400	e 1 \$500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.....	"	\$050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	\$200	e \$300
OLEO «PREMIER» para lustrar instru- mentos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	\$200	e \$300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 27

LISBOA, 4 DE OUTUBRO DE 1896

1.º ANNO

O CONVENTO DE S. MARCOS



CAPELLA MOR E RETABULO DE MARMORE

Um dos monumentos nacionaes mais interessantes e mais ignorados é sem duvida o mosteiro de S. Marcos, hoje propriedade particular. Basta esta circumstancia para nos demonstrar á evidencia a falta de senso artistico que presidiu ao esbulho dos bens e edificios conventuaes na occasião em que se extinguiram no nosso paiz as ordens religiosas.

S. Marcos fica afastado do povoado, quasi n'um ermo, e esta é sem duvida uma das causas que influem para que elle seja tão escassamente concorrido, visitado apenas de longe a longe por algum curioso peregrino da arte.

Todavia, qualquer fadiga e qualquer despeza na romagem são mais que de sobra compensadas pelo encanto que nos offerece a vista de tantos objectos, dignos de contemplação e de estudo. Além d'isso, a jornada effectua-se commoda e gostosamente atravez d'uma paysagem ridente, quasi luxuriante. Tomaes um trem em Coimbra. e durante duas leguas seguis pela estrada da Figueira, n'um percurso encantador, enlevados constantemente os olhos no panorama delicioso dos campos do Mondego. Chegados á freguezia de S. Silvestre, proximo da igreja matriz,



TUMULO DE FERNÃO TELLES DE MENEZES

bateis á porta do solar do sr. Manuel Cabral de Vilhena, que é hoje o actual possuidor do extincto convento. Escusado será dizer-se que sereis recebidos com o mais benevolo acolhimento de patriarchal fidalguia provinciana. Mas antes de partir para o termo da vossa excursão, pedi ao dono da casa que vos deixe ver a sua capellinha, se elle não fôr o primeiro a vól-a franquear n'uma captivante expontaneidade.

A capellinha de S. Silvestre a bem dizer que é o prologo formosissimo da grande obra que ides admirar. Sem nenhum adorno architectonico, singelissima, eila encerra comtudo tres objectos, que bastam para a tornar saliente, para a converter n'um dos mais importantes marcos millionarios d'esta perigrinação do bello. Ao fundo, um retabulo em marmore de delicada esculptura, e nas paredes lateraes, um de cada lado, dois pequenos altos relevos, representando S. João e S. Jeronymo. Que vigorosa expressão n'estas duas imagens! Qual seria o artista que não sentisse um prazer inaudito em possuir tão notaveis peças para adorno do seu gabinete de trabalho?



PULPITO DA EGREJA DE S. MARCOS

documento é uma doação feita em Lisboa a 28 de julho de 1451, em que a illustre dama faz doação aos frades procuradores da Ordem de S. Jeronymo, fr. Bernardo de Braga e fr. João Velho, d'uma capella instituida em S. Marcos, termo da quinta de S. Silvestre, por seu sogro João Gomes da Silva, afim d'elles edificarem ali um mosteiro da invocação da dita ordem de S. Jeronymo.

D'esta carta de doação quer deduzir Ayres de Campos que D. Brites de Menezes fôra a primitiva fundadora, mas esta opinião afigura-se nos demasiado exclusiva e por algumas palavras da carta de doação se vê que D. Brites não fizera para assim dizer senão ampliar e completar a vontade e as ultimas disposições testamentarias do sogro. Os proprios epitaphios até certo ponto vão de accordo com os documentos e se conciliam mutuamente. O de D. Brites affirma que ella fizera a maior parte do mosteiro e das suas rendas o dotara. Verdade é que esta expressão é um pouco ambigua, pois tanto póde significar que ella proseguira no que já estava começado, como, iniciando-o, o deixára n'um tal ou qual estado de adiantamento á hora da sua morte. Como quer que seja, não ha duvida que D. Brites, se não foi a unica, foi a principal fomentadora da obra e mais um reforço comprovativo encontramos no Livro 1.º da Chancellaria de D. Affonso v. E' uma carta regia, privilegiando, a pedido de D. Beatriz de Menezes, *aya que foi de meu filho*, a Nuno Gonçalves, pedreiro, morador na Azoupeira, *porquanto hade estar prestes pera servir na obra do mos-*

De S. Silvestre a S. Marcos tem de se fazer o trajecto a pé ou a cavallo. São dous a tres kilometros de caminho, que se transitam sem fadiga por entre campos e pinheirae, n'um scenario de verdura. Ao fim do longo atalho apparece, entre corpulento arvoredo, um elegante cruzeiro do seculo passado. E' para assim dizer o pharol que vos denuncia o porto. Em frente do cruzeiro uma larga rua que vos conduz em linha recta á fachada da igreja. Esta é modesta, incaracteristica, d'uma época de decadencia, do seculo dezoito talvez. Nada vos indica que ides entrar n'um santuario dos meados do seculo xv ou do seculo xvi. Só o portal é que vos denuncia que ha alguma cousa de admiravel sob aquelle reposteiro ordinario, como um riso de fada atravez d'uma mascara sem vida.

Mas antes de penetrar no recinto sagrado, consagremos duas linhas á sua historia. Jorge Cardoso, no tomo 2.º do seu *Agiologio Lusitano*, baseando se no epitaphio sepulchral de João Gomes da Silva, o qual falleceu em 1445, diz que elle fôra o fundador do convento. Este letreiro mortuario já se não encontra hoje em S. Marcos, mas isto não é motivo para duvidarmos de ter ali existido. Jorge Cardoso, apesar da sua credence, vicio e necessidade da época, era consciencioso e investigador.

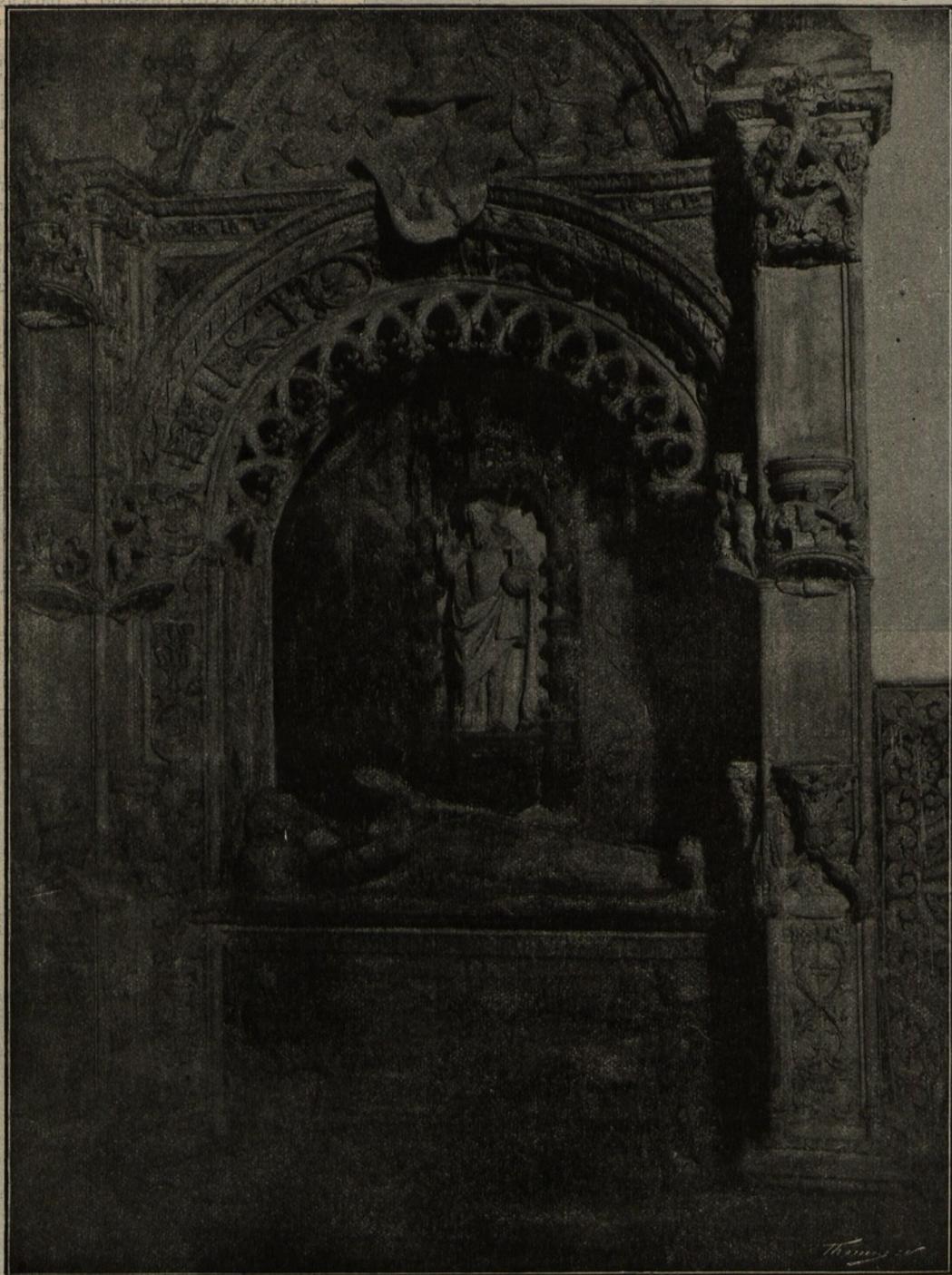
Ayres de Campos, nas notas ao Supplemento 1.º do *Catalogo dos objectos existentes no Museu de archeologia do Instituto de Coimbra*, pretende contrariar esta opinião, e baseando-se n'um documento que se acha transcripto no *Tombo de S. Marcos de Tentugal*, attribue a fundação do convento a D. Brites de Menezes, casada com um filho d'aquelle illustre fidalgo. Este



PORTA DA EGREJA

teiro de S. Marcos cada vez que pera ello requerido for. Esta carta foi passada em Tentugal a 24 de setembro de 1462. ¹

Da edificação primitiva pouco ou quasi nada resta. A porta principal, que nos recorda no rendilhado o chamado estylo manuelino, tem insculpido no tampo esta inscripção : *Era de mil d... X se fez esta porta*. Em 1510 poderíamos prefixar a data, se não faltasse ainda algum algarismo. O interior do templo é singelo e só se destacam pelo merecimento architectonico a capella mór e uma capella lateral do cruzeiro, a do Santissimo.



UM TUMULO DE S. MARCOS

Estamos, porém, n'um recinto imponente, n'um campo santo, que é ao mesmo tempo um pantheon e um museu de esculptura. Contemplemos em primeiro logar o retabulo da capella mór, de marmore, em quadros de delicado labor, animados de figuras e de varios ornatos. E' uma peça capital, que, pelas suas dimensões, não encontra similhante no paiz, muito superior ao da Pena, rivalisando apenas com elle o admiravel retabulo da Sé Velha de Coimbra, embora trabalhado em materia e estylo differente, um seculo anterior.

(1) *Siguenza*, na sua *Historia de la Orden de San Geronimo*, tambem considera como fundadora D. Brites. Devemos observar que Jorge Cardoso não visitou S. Marcos e que o seu informador não foi demasiado exacto, pois levou-o a duvidar da existencia do tumulo e epitaphio de D. Brites. Accrescentemos ainda que um *Nobiliario* da Bibliotheca d'Evora attribue a fundação do convento a D. Affonso V. E' do seu reinado, sim, mas não é obra real, como positivamente se sabe, e nem para ella, que conste concorreu com alguma ajuda.

A collecção tumular é que é de primeira grandeza e póde soffrer sem desaire o confronto com o que ha de mais precioso n'este genero na Batalha, em Alcobaça e em Santa Cruz. Nem tudo é da mesma época, nem tudo é obra do mesmo artista, mas talvez proceda tudo da mesma escola, embora se notem diferenças d'estylo. No geral ha um ar de familia artistica, assim como ha um parentesco intimo entre todos os mortos que repousam n'aquellas urnas elegantissimas, caprichosos de labores.

A arte e a historia ligaram-se alli n'uma confraternidade amorosa. A epigraphia como que sente o influxo magico do scopro do esculptor. Alguns dos epitaphios dir-se-hiam paginas arrancadas] das chronicas pittorescas de



CAPELLA DO SANTISSIMO

Fernão Lopes. São illuminuras lapidares d'um florido livro de linhagens. Observa-se ao mesmo tempo, n'um enlace festivo e luminoso, o orgulho da fidalguia e a ingenuidade d'uma época de cavalheirismo e de crença.

A personalidade da familia Silva desenvolve-se n'um dos periodos mais agitados, mais nobres e mais tragicos da nossa historia. Todos os cavalleiros que dormem o seu somno de morte n'aquellas urnas poderiam revelar-vos os mais importantes segredos da côrte nos seculos xv e xvi. Tanto frequentaram as recamaras do paço, como frequentaram os campos de batalha. A sua voz tanto se aprimorou nas conversas subtis dos serões palacianos, como se fortaleceu no côro epico das guerras. João Gomes da Silva, alferes mór de D. João I, foi com elle na batalha real e na tomada de Ceuta. Na batalha real! como quem resume, n'uma phrase curta, a historia da independencia d'um povo! A batalha real é simplesmente Aljubarrota, a nossa mais brilhante gloria militar, a nossa mais pura consagração artistica.



TUMULO DA FUNDADORA NA CAPELLA MOR

que se ufana com justiça a historia de Roma. O resto das forças assistiu espectador ao singular combate dos seus capitães. Ruy de Pina, no capítulo *clxxxiii* da sua *Chronica de D. Affonso V*, conta-nos brevemente este episodio, mas a narrativa do epitaphio é muito superior ao trecho historico.

Quem visita S. Marcos reconhece quanto é infundada a opinião dos que encarecem a pobreza da nossa escultura. Está hoje comprovado á evidencia que a reedificação da igreja e mosteiro de Santa Cruz deu logar a que se estabelecesse em Coimbra uma escola de escultura, que se conservou por todo o seculo XVI, chegando ainda ao primeiro quartel do seculo XVII, e cujo raio de extensão ainda não está exactamente medido. Tanto n'aquella cidade como nos seus suburbios existem numerosos documentos que attestam uma extraordinaria fecundidade artistica. O principal fundador d'essa escola foi por ventura João de Ruão, mas outros de certo não contribuíram menos para o seu esplendor. Se os nomes estrangeiros avultam, é justo tambem mencionar que já em Coimbra alguns esculptores portuguezes, como Diogo Pires, tinham alcançado fama, aliás merecida, como o attestam algumas das obras que lhes sobreviveram e que ainda subsistem. A escola de Coimbra estendeu-se acaso até ao Porto, onde ainda se encontram vestigios da sua influencia n'uma capella da igreja de S. Francisco. Diogo de Castilho casado com mulher portuense, foi algumas vezes áquella cidade. Como se sabe, o habil artista não era só architecto, mas tambem esculptor. Outras terras soffreriam igualmente o influxo da mesma escola. O bello túmulo que existe na igreja matriz de Obidos acusa por ventura identica linhagem artistica. Sobre a importancia da escola escultural conimbricense e sobre a area da sua influencia lêa-se o importante artigo do sr. A. Gonçalves, *O pulpito de Santa Cruz de Coimbra*, publicado no numero 4.º da *Arte Portuguesa* (Lisboa, abril de 1895).

Sobre a historia do convento de S. Marcos, alem das obras já indicadas, veja-se o curioso estudo do sr. Antonio Francisco Barata, no seu livrinho intitulado *Miscellanea-historico-romantica*, publicado em Barcellos em 1878. Ahí se acham transcriptas as inscripções que adornam aquella estação monumental.

Este nosso artigo não preenche lacunas nem é sequer um modesto estudo critico e historico do mosteiro de S. Marcos. Escripito a pedido d'um amigo, significa apenas a nossa admiração e o nosso entusiasmo por uma das mais bellas paginas do livro da arte em Portugal.

E esta perola, em vez de se guardar cautelosamente no thesouro dos monumentos nacionaes, está confiada á vigilancia d'um particular, que é hoje um homem intelligente, mas que pode ser amanhã, pela natural evolução das cousas, um perdulario ou um iconoclasta, que a dissipe vergonhosamente ou a reduza a pó no almofariz da sua insensatez!

Souza VITERBO.



A "Patrie Portugaise,, de Madame Adam

É um livro escripto com amor, vibrante de emoção sincera. A cada pagina se encontra a expressão da sympathia verdadeira, do interesse mais vivo pelas cousas e pelos homens de Portugal. E apesar das lacunas, que as tem muitas e grandes, percebe-se o assiduo cuidado da auctora em informar conscienciosamente o leitor estrangeiro da patria lusitana, o que foi e o que pôde ainda pretender ser no futuro pelas virtudes da raça, pela prodigalidade do solo uberrimo e farto de riquezas naturaes.

Ao publicar este livro, Madame Adam, que foi ha ainda bem pouco tempo recebida em Portugal com o carinho que ali se reserva aos estrangeiros illustres como dever de hospitalidade pobre porém generosa, ao publicar a *Patrie Portugaise* diziamos, Madame Adam não teve nem podia ter a pretensão de nos revelar a nós, aos que fallamos e entendemos a lingua de Camões, o que é Portugal. Seria estultice inconsiderada, como ella mesmo o diz. Mui diverso foi o seu intento, e mais generoso. Tornar conhecido cá fóra, onde pouco ou nada se sabe do torrão portuguez, um paiz que ainda na sua decadencia presente tão superior se mostra á fatalidade da sorte adversa, a despeito da ignorancia dos politicos e dos erros de todos os governos.

Madame Adam revela-nos, logo nas primeiras paginas, como, desde muito nova, a epopêa de Camões seduzira o seu coração de mulher, inspirando-lhe o secreto desejo de visitar a patria amada do poeta. O encanto da sua juvenil admiração não esmoreceu com os annos, antes parece que o acrisolaram os obstaculos que por largos annos a impediram de realisar a almejada viagem. Embora mais tarde a *Odyssea* supplantasse nas suas preferencias as *Lusiadas*, o poeta grego não desvanecera a lembrança do lusitano, ao contrario, associadas as recordações admirativas de um e outro, reciprocamente se enalteciam.

A *Patrie Portugaise* é a synthese das bellezas sonhadas e das impressões reaes da viajante, a concretisação de illusões generosas e de observações profundas, o quadro vivo do Portugal contemporaneo, tal qual o viu um espirito imparcial, porém mais predisposto á benevolencia que a severa censura. O estrangeiro que ler este livro ficará com uma noção exacta do Portugal dos nossos dias, apesar das muitas deficiencia de detalhe e das omissões ás vezes importantes que se lhe podem notar.

Quasi não é preciso dizer que estas deficiencias e omissões não concernem a parte historica e descriptiva, a qual só merece encomios e cumprimentos. A pintura da paisagem sorridente e meiga das margens do Tejo é tambem primorosa e digna da penna eximia da auctora. Seria aliás ocioso insistir sobre as qualidades do estylo da eminente escriptora.

Importa porém que nos detenhamos quanto ao que na exposição de Madame Adam exigiria mais desenvolvimento, sobre o que ficou incompleto ou foi esquecido. Assim é que a physionomia dos partidos politicos tal qual nol-a apresenta a auctora da *Patrie Portugaise* é vaga e incerta. Ha sem duvida n'este capitulo do livro apreciações originaes e judiciosas, mas não se pôde ter uma comprehensão clara da actual situação da politica portugueza, deixando na sombra o movimento republicano do Porto. Por duas vezes Madame Adam allude a elle; porém parece que tivesse formado o proposito de se não pronunciar evitando maiores explanações. Percebe-se o quer que seja de constringido e desconnexo na exposição, ou porque carecesse de informações ou porque depois de escripto o capitulo tenham sido supprimidas as passagens relativas a este movimento. Entretanto os homens que o fizeram, o seu chefe ao menos, o sr. Alves da Veiga, merecia uma menção na historia dos partidos politicos, porquanto qualquer que seja a opinião que se tenha ácerca da oportunidade da revolução de 31 de Janeiro, é incontestavel que ninguem pôde pôr em duvida o patriotismo e a sinceridade dos que a emprehenderam. Convinha além de tudo prestar um justo tributo de homenagem ao exemplo de coherencia e solidariedade politica que dá o chefe da revolução, não querendo acceitar o beneficio da amnistia que lhe cabe como civil, porque os militares implicados no movimento não foram comprehendidos na medida de clemencia.

Outra lacuna menos explicavel ainda. Portugal teve em nossos dias uma pleiade de romancistas de grande alento, desde Camillo Castello Branco, o mais correcto e fecundo dos escriptores contemporaneos, até ao sr. Eça de Queiroz, o Flaubert portuguez.

Não fazemos á illustre escriptora a injuria de suppôr que não inquirisse dos romancistas portuguezes contemporaneos. Mas sem duvida a sua pergunta cahiu na orelha de algum plumitivo invejoso do alheio renome; é facil de adivinhar o que se passou.

Tambem os jornalistas foram esquecidos, alguns pelo menos e não dos menos illustres: Ramalho Ortigão em primeiro logar, o mestre incontestado do jornalismo portuguez, o redactor das *Farpas*, pamphleto que vale os melhores de Paul Louis Courier; entre os polemistas da politica, Navarro, Mariano de Carvalho, Silva Lisboa, Luciano Cordeiro, Alpoim, Oliveira Martins, Cecilio de Souza; entre os doutrinarios Consig'ieri Pedroso, Bruno, Julio de Mattos, Brito Aranha, e muitos outros.

São porém lacunas que facilmente se remedeiam em uma segunda edição, que queremos acreditar proxima, pois continuamos convencidos que o real e merecido successo que a *Patrie Portugaise* obteve não só em França como no extrangeiro, obrigará Madame Adam a refazer em breve, mau grado seu, alguns dos capitulos do seu primoroso livro. Em todo o caso, é incontestavel que Madame Adam prestou um serviço aos portuguezes com a publicação d'este seu livro, em que os defende de muitas acusações aleivosas que até aqui corriam mundo sem que nenhuma voz auctorizada se levantasse para combatel as.

Paris.

OSCAR D'ARAÚJO.

N'um Album

Não tenho fé, nem balsamos, nem crenças!
Ouço est'alma gemer e a indago e a escuto!
E é dôr o que ella sonha e o que ella pensa
Se o que ella pensa e sonha é sombra e luto!

Como pôde esta inusa austera e fria
Trazer versos á luz do sol escriptos,
Se ella tem uma noite em cada dia
E blasphemias e coleras e gritos!

Como o gyro traçar de uma ave errante,
E a sua voz imitar candida e bella,
Se tenho o inferno em roda e a treva adiante
Com horrendas figuras dentro d'ella!

Outra musa que cante o valle e as flôres
E o alvorecer primeiro da innocencia;
Que eu só traduzo as impressões e as côres
De uma tão rude e perfida existencia!

Quem de outros versos vir o alegre bando,
Vendo dos meus o aspecto horrendo e torvo,
Perguntará, talvez, que faz, grasnando,
No meio d'estas pombas, este corvo?!...

LUÍZ MURAT (Brazileiro).



A ENTRADA PARA O CONVÍVIO.—(Quadro de Rougier)

Quem de outras coisas se dá a mão, dando
Vendo nos olhos o mesmo sorriso e torção
L'armature s'élève par le regard
No mais d'estes pontos, este corte

— A. J. B. —

O Ramo da Mestra

CONTO PARA CRIANÇAS

(A' eximia professora D. Cacilda F. de Souza)

NAVIA festa em casa da Caróla ;
— aquell'a muito branca e delicada,
que vem sempre de carro para a escola,
por uma velha tia acompanhada. —
Fazia sete annos a Caróla.

Entre os muitos presentes preciosos,
— bonecas, cestas, joias e vestidos,
e lindos livros e cartões formosos, —
entre os multiplos mimos recebidos,
figurava um gentil ramo de flôres :
cravos brancos, vermelhos, multicôres,
violetas, myosotis, rosas finas,
combinadas com gosto caprichoso.

Fôra sua mestra, a amiga das meninas
boas e estudiosas, que lhe dera
esse ramo tão fresco e perfumoso,
maravilha ideal da Primavera.

Era de vêr então a pequenita
como pulava e ria de contente.

Não foi, de certo, só por ser bonita
que recebeu das flôres o presente

da mestra dedicada,

mas por ser boa, meiga, obediente,
estudiosa, quieta e bem criada.

Em linda jarra, do salão no meio,
sobre uma meza foi o ramo posto.

E rescendia que fazia gosto !

Do seu perfume o ar estava cheio.

Horas depois — era ao cair da tarde,
quando do sol o brilho já não arde,
aos poucos expirando —

com as amigas no jardim andava

Carolina brincando,

quando viu que ao portão alguém chegava.

Olhou : era Don'Anna, a mãe da Córa.

Correu ao seu encontro... e, de repente :

«Que tem, Don'Anna ? exclama : porque chora ?

«Responda : está doente ?

«Minha filha morreu, minha menina,
esta manhã, entre horrorosas dôres !

(Caróla empallidece, desatina...)

«E eu vinha-lhe pedir algumas flôres
«do seu bello jardim para enfeitá-la,
«que as não posso comprar... Ai, minha filha !»

E soluça... Carola corre á sala,
que, illuminada já, resôa e brilha.

Vae á jarra, o bouquet da mestra apanha,
vem correndo com elle para fóra,

e o entrega a Don'Anna, que tamanha
surpreza tem que pasma, já não chora,
mas diz : «Pois que ! minha menina, as flôres
«da sua festa para a pobre Córa !

«Oh ! não posso aceitar, pois ha favores
«que...» Mas não continúa : a pequenita

fal-a acceitar o ramo docementé,

dizendo-lhe : «Que pena ! tão bonita !

«Foi p'ro ceu sem dizer adeus á gente !»

Rio de Janeiro 1896.

VALENTIM MAGALHAES



A minha casa

A minha casa é branca como um ovo e tem um não sei quê que faz com que todos a notem, d'entre as outras.

Cercam-n'a sebes de roseiras. Para o lado do caminho, a suas fachada rustica, de tosca escada de pedra, fóra, ri pelas janelas, que faz agora a sua primeira commu-nhão — tal a graça que apresenta com a sua honestidade recatada e florida.

Eu adoro a minha casa como adoro a minha mãe e a minha noiva.

Foi ella que me viu nascer, n'uma tarde de agosto; e mais tarde, a minha infantil odyssea de traquinagem passou-se alli, por aquellas salas sempre caiadas de fresco, pelas ruas do quintal, com regueiras d'agua para as primeiras sementes da terra.

Muita vez lhe sacrifiquei lindos passeios para fóra, com ranchadas de raparigas, a cantar; moços, tocando na viola o *regadinho*, romarias pittorescas, pittorescas serenadas ao luar, sob arvores que floriam.

Toda a minha familia ali vivia; minha mãe e meu pae, meus irmãos; uma velhinha que me viu nascer e que tinha ficado, esquecida da morte, n'esse recanto ignorado e perfumado; o hortelão que plantava as leiras e que contava lindas historias — doces historias de encantamentos, com fadas que vinham beber, á meia noite, ás fontes.

Quando eu morrer não me levem d'aqui — não me levem. Eu não gosto do cemiterio — tenho horror aos cy- prestes que nenhuma brisa agita; tenho medo da terra santa que não se parece com a terra do meu quintal onde eu plantava flores... E — para que o não dizer — aqui talvez eu reviva sempre em tudo, emquanto que lá devas- tarão meu corpo os bichos.

DOMINGOS GUIMARAES.

Tumulo de D. Duarte de Menezes no Muzeu de S. João d'Alporão de Santarem

Do nosso amigo e collega João Arruda, redactor do *Correio da Extremadura*, de Santarem, recebemos a seguinte carta:

Srs. Directores:

No *Branco e Negro*, uma das mais interessantes revistas illustradas que ora veem a luz, encontrei ha pouco uma photogravura representando o *Mausoleu de D. Duarte de Menezes no convento de S. Francisco de Santarem*.

Ha aqui um erro *topographico* que eu pretendo esclarecer, dizendo a essa illustrada redacção que o tumulo em questão, mandado construir pela esposa e filhos do valoroso capitão, — morto na serra de Benacofú *por salvar a vida de seu Rey D. Affonso V* — esteve desde 1464 no cruzeiro da igreja do mosteiro de S. Francisco, hoje irreverentemente convertido, como tantos outros, em quartel do regimento d'artilheria 3, sendo transferido a expensas da commissão executiva da extincta junta geral para o vetusto edificio de S. João d'Alporão que hoje serve de museu archeologico do districto.

E' este soberbo artefacto de pedra, primorosamente rendilhada, um dos mais interessantes monumentos n'este genero em Portugal e perpetua condignamente o valor e a intrepidez d'um dos mais audazes cavalleiros do seculo XV que nos plainos d'Africa honraram — como o estão fazendo agora os modernos soldados — o nome portuguez.

E já que, por incidente, falei do tumulo que se admira no museu de S. João d'Alporão direi que, por motivo de transferencia do mausoleu, parece ter desaparecido o dente de D. Duarte, que era a unica reliquia que ali se conservava!

Grato pela inserção d'estes periodos se confessa o

De V. etc.

João Arruda.

MANOBRAS DO OUTOMNO



PREPARAÇÃO DO RANCHO

A CABARAM as grandes manobras que o sr. ministro da guerra tinha ordenado se fizessem n'este principio d'outomno para instrucção dos reservistas. Os jornaes diarios da capital deram tão desenvolvida noticia d'esses exercicios que nos parece escusado acompanhar as nossas gravuras de qualquer explicação. Damos no entanto a ordem da divisão que o sr. general Francisco Maria da Cunha mandou expedir para conhecimento dos corpos que tomavam parte nas manobras:

•Tendo concluido o periodo de instrucção das praças da reserva, de que se tirou o maior proveito para o aperfeiçoamento dos regulamentos tacticos e para a instrucção dos quadros e dos reservistas, com a maior regularidade e sem a mais leve falta de disciplina, cumpro o grato dever de louvar, como é determinado na portaria que abaixo por copia se transcreve, todos os srs. generaes commandantes de brigada e officiaes combatentes e não combatentes pelo zelo e intelligencia com que se desempenharam dos seus deveres, e bem assim as demais praças, e designadamente os reservistas, pela correcção e boa vontade com que se esforçaram por manter as nobres tradições de disciplina e dedicação, que tanto honram o soldado portuguez; entendo, por minha parte, não dever deixar de fazer especial e justa referencia ao general Cesar Augusto Barradas Guerreiro, commandante da brigada de instrucção; coronel chefe do meu estado maior José Manuel de Elvas Carneira, coroneis João Eduardo Augusto Vieira, José Augusto da Costa Monteiro, Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo, tenente coronel do regimento de artilheria 1, Francisco de Paula Gomes da Costa; tenente coronel do regimento n.º 4 de cavallaria do imperador da Allemanha Guilherme II, João Albino Figueiredo Soares Serrão; major do regimento de artilheria 1, Cesar Pedro de Freitas e Azevedo; cirurgião de brigada Nicolau Antonio Camolino, capitães do corpo de estado maior Antonio Maria de Mattos Cordeiro, Alvaro Pereira Gouveia, Alfredo Mendes de Magalhães Ramalho, capitão do regimento de enge-

nharia João Eloy Nunes Cardoso, 2.º oficial da administração militar Antonio Aniceto Móra, aspirante da mesma administração com graduação de tenente, João Carlos de Sousa Schiappa de Azevedo e 2.º tenente do regimento de artilharia 3, Luiz Augusto Ferreira Martins, pelas maiores responsabilidades que lhes advieram dos serviços de que foram encarregados e das quaes se desobrigaram com inexecúvel zelo e correção.

Francisco Maria da Cunha, general de divisão.



BIVAQUE DE INFANTERIA

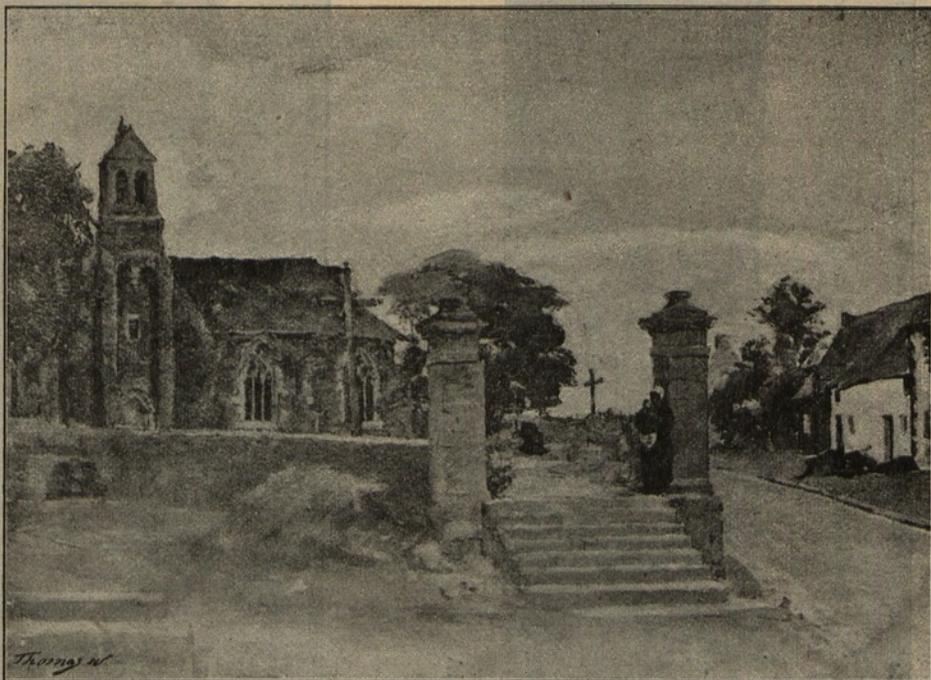


ACAMPAMENTO DA ARTILHERIA

КОМАНДА ВЪЗДУШНОГО
ВІДБОЙНЕГО

RITORNELLO

(CONTO BRAZILEIRO)



VELHA ermida, tem cem annos... Ha mais de um seculo que ella é a mesma assim: — branca, alvejando ao sol, com a sua torresinha esguia, onde oscilla um sino, não sei se o mesmo que annunciou aos mortos de hoje em dia, crianças n'esse tempo, a primeira missa no pequeno altar.

Cercam n'a os cajueiros frondosos, de cem annos talvez, talvez de mais.

Outras capellas surgem nas aldeias proximas, muito maiores, muito mais formosas, entretanto as pombas e as andorinhas dão preferencia á velha ermida branca e vem gente de muitas leguas d'além, batendo as terras áridas dos valles com os bordões das jornadas, ouvir as rezas que o cura balbucia, o cura quasi cego, tremulo de velhice... de quantos annos? ninguem sabe dizer ao certo.

O rio que deriva ao fundo, por entre salgueiras, em cima é bebedouro — bebedouro de gado e de tricanas.

E' tão puro, tão limpido, tão alvo, que o acolyto vaé, de vez em quando, cantaro ao hombro, buscar agua n'elle para encher as pias.

Agua mánsa do rio que dessedenta e purifica, agua que vai nos alcatruzes, agua que rola os moinhos, agua que leva as barcas e as nymphéas, essa :: esma baptisa, ha cem annos, na aldeia, desde que alveja entre os alourados campos a torre onde bimbalha o sino e onde as pombas e as rolas arrulham.

*

N'essa manhã de junho, fria, velada pela musselina brumal, sem sol ainda, dois velhinhos descansavam nos rusticos degrãos do templo aldeão — ella trazia o rosto embiocado, elle, com a cabecinha branca exposta ao vento, vestia um gabão de panno grosso escuro.

Chegaram juntos.

Caminhavam, talvez, desde meia noite — tinham os pés brancos do pó finissimo dos atalhos e as roupas lantejouladas de rocio.

Immoveis e calados como estavam pareciam mais dois santos que tivessem descido dos altares para ficar de guarda ao templo campesino. Não se lhes notava o minimo movimento — estavam impassiveis

As cabeças paradas, os olhos fitos no indigo severo das montanhas esfuminhadas pela garoa leve e tenue, braços cruzados, o cajoado aos pés, não balbuciavam — estavam alli como dois extases.

Ao fundo murmulhava o rio; azas tatalavam no alto e o azul emergia da neblina alumiado, resplandecente; vinha sol á terra; já nas longinguas leiras havia gente a mourejar e dos casaes subia tranquillamente o fumo espiralado.

Claro dia. Um raio de sol baixava sobre a torre; a frontaria da ermida, as naves e a vinha do presbyterio ficavam todas douradas. Vinha na serena e matutina brisa um estribilho de canto camponez muito vago, mas quem conhecia o tom compunha a estrophe. Era a moda dos «Olhos negros». Começa:

Deus do Ceu, Senhor meu Deus,
Que olhos negros tão fataes

Rematava apaixonadamente:

A propria Virgem Maria
Não tinha uns olhos eguaes

O velhinho voltando a cabeça já encontrou o olhar meigo da velhinha, sorriram; e a canção sempre ao longe no frescor matinal dos campos,

— Quem será? indagou a velhinha agitando a cabeça dentro do bioco. Quem cantará?

O velhinho encolheu os hombros sorrindo e acenou balançando a mão tremula na direcção do campo.

— Vae para oitenta annos! suspirou.

— Oitenta annos! disse a velhinha sem tristeza.

— Lembras-te? ainda não eramos noivos...

— Ainda não eramos...

Falláramos sómente, uma ou duas palavras no correr do serão. Vestias uma saia de ramagens e trazias na cabeça uma coifa branca...

Encolheram-se, baixaram as cabeças, por fim o velho disse :

— Fizeram-me cantar... improvisei.

Olharam-se e as pupillas quasi extinctas tiveram um relampago de malicia.

— Fingiste não perceber, disse o velhinho, raspando a terra com o cajado.

A propria Virgem Maria
Não tinha uns olhos eguaes

— E não tinha, disse o velhinho. A velhinha sacudida pelo riso, foi-se levantando tremulamente.

— Onde vaes ?

— Quero ver quem canta... anda alli pelas terras de traz... é moço do campo.

— Quero vêr tambem... O velhinho ergueu se levando a mão em pala á altura dos olhos.

— E' um rapazola... é um rapazola, vês ?

— Vae carreando... é um carreiro... Quem será ?

O velhinho, por sua vez, encolheu os hombros, sempre a olhar, mudo de enternecimento.

A propria Virgem Maria

disse no etribilho o carreiro cantador, e o velhinho, muito baixo, passando a mão pelos hombros da velhinha, atrahiu-a docemente e terminou a quadra

Não tinha uns olhos eguaes

Sentaram-se calados. O tom da cantilena foi aos poucos morrendo longe, nas viçosas culturas, e o silencio caiu apenas interrompido pelos chilros dos passaros.

Subitamente a porta da igreja abriu-se de par em par e o cura, assomando na soleira, não conteve um grito de indignação :

— Eh ! eh, corja !

Os velhinhos estremeceram e apartaram-se.

— Então, que é isto !? aos abraço aqui diante de Deus !... mas vendo a figura do velhinho e o rosto encarquilhado da velhinha, o cura desatou a rir andando com o olhar de um para outro.

— Pois ainda !... Pois ainda !... Olhem que já lá vão velhissimos annos... Até me parece que vocês casaram ao ar livre, á sombra de uma arvore... as pedras da ermida dormiam ainda na rocha de onde vieram. Não se me dava de jurar que foi o proprio Deus quem vos casou, porque não havia padres n'esse tempo... e desatou a rir.

— Eh, eh, eh !... fez o velhinho. Olhe que somos da mesma idade... bem bons annos... bem bons annos... o sr. cura era um rapaz e foi o primeiro casamento que fez.

E o cura, dando a mão a beijar, sempre a rir, sempre a rir :

— Pode ser... mas garanto que já não me lembra... e batendo pancadinhas leves no hombro do velho :

— Mas então que foi isso hoje ?... a manhã ? o bom sol ou os amores dos passaros porque andam delirantes, os patifes. Que foi isso ?... e para a velhinha — hein, velhota, que foi ?

— Não, sr. cura, foi uma canção de tempo, disse o velhinho estalando os dedos, uma velha canção !...

— Uma canção que elle fez aos meus olhos quando noivo, disse a velhinha baixando a cabeça e torcendo as franjas do chale, cantou baixinho :

Deus do Ceu, Senhor meu Deus...

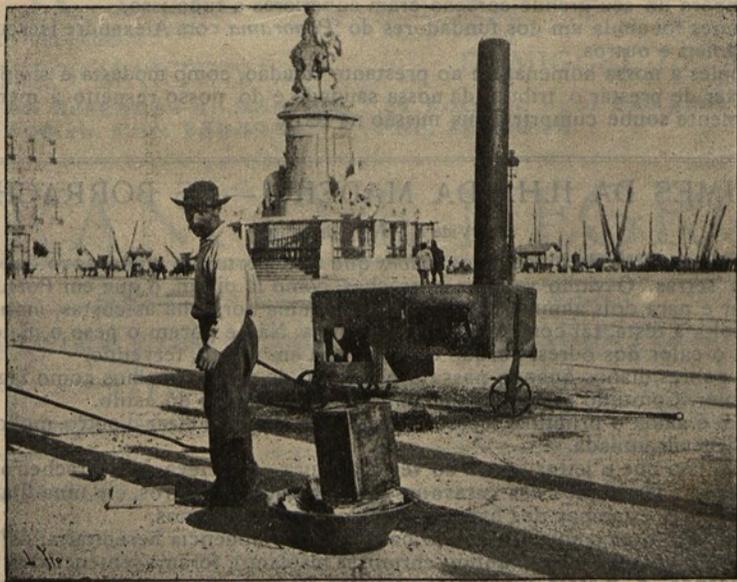
Que olhos negros tão fataes...

— Sei bem... sei bem... disse o cura, por signal que acaba com um formidavel sacrilegio, e os tres, juntando-se, inclinando as cabecinhas, cantaram como se balbuciassem um segredo para que os santos, lá dentro não ouvissem os versos da cantiga

A propria Virgem Maria,
Não tinha uns olhos eguaes.

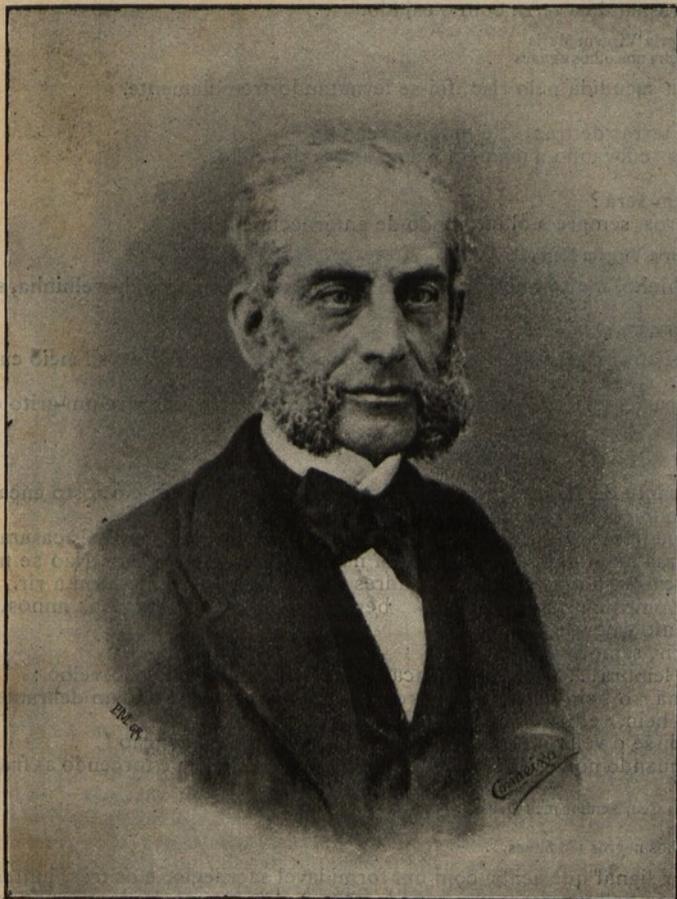
COELHO NETTO.

Lisboa Pittoresca



A QUEIMA DO PAPEL MOEDA, no Terreiro do Paço

ANTONIO MARIA GOMES



CIRCUMSTANCIAS independentes da nossa vontade tem feito com que só hoje possâmos publicar o retrato d'este benemerito fallecido em 28 de Agosto, e cuja morte foi lamentada por toda a imprensa de Lisboa. Antonio Maria Gomes, tio do nosso amigo conselheiro Barros Gomes, foi um homem prestante, na mais larga accepção da palavra. Herdeiro d'um nome illustre, porquanto era elle o quarto e ultimo filho do celebre doutor Bernardino Antonio Gomes, o eminente chimico e naturalista, que foi physico-mór da armada e medico da Real Camara de D. Maria I e de D. João VI,— Antonio Maria Gomes foi sempre no serviço publico, um verdadeiro modelo de dedicação, de zelo e de assiduidade. Elevado á cathegoria de chefe da Repartição Central do Ministerio da Guerra, — soube merecer a todos os ministros das mais diversas proveniencias politicas que geriram aquella pasta em tão longo lapso de tempo, a mais absoluta confiança. Bastaria esta circumstancia para se avaliar o seu merecimento como funcionario.

Uma das feições caracteristicas do seu espirito e do seu coração bom e affectuoso, era o affecto especial que as instituições de beneficencia e de protecção á infancia sempre lhe inspiraram. Foi essa uma das occupações da sua vida. Pertencendo por largos annos á Direcção da Sociedade das casas de asylo de Lisboa, foi elle um dos que mais dedicadamente trabalharam para a fundação e desenvolvimento do asylo de D. Pedro V, no Campo Grande, e para o asylo do Barreiro, instituido por sua irmã D. Henriqueta Leonor Gomes d'Araujo. Os seus instinctos amoraveis affirmaram-se ainda por innumeros actos de philantropia e de caridade praticados sem o menor alarde. Os que tiveram a fortuna de conviver intimamente com elle,

sabem o bem que elle fazia a tantissimos desventurados, para os quaes era um protector incançavel.

A convivencia com seu irmão Custodio Manuel Gomes, que foi, por alguns annos, governador da India, inculcou-lhe o amor pela gente e pelas cousas d'aquella colonia. E muitos indios encontraram na sua generosidade e na sua influencia valiosissimo auxilio em varias conjuncturas.

Nem o egoismo natural dos velhos, nem a descrença que traz a experiencia da vida, amorteceram sequer até ao ultimo lampejar d'uma existencia de 82 annos, os seus impulsos generosos e caritativos. Foi sempre um bom, um humilde, por indole e por caracter, alheio a todas as vaidades e sem hesitações na pratica do bem. Feriram-n'o muitas ingratições, e bastantes d'aquelles a quem elle valêra o esquecêram desde que se encontraram servidos: mas a bondade e a tempera do seu grande coração eram superiores a tudo isso.

Antonio Maria Gomes foi ainda um dos fundadores do *Panorama* com Alexandre Herculano, Anselmo Braamcamp, Varnhagen, Figanieri e outros.

E' modesta e simples a nossa homenagem ao prestante cidadão, como modesta e simples foi a sua vida. Não podiamos, porém, deixar de prestar o tributo da nossa saudade e do nosso respeito á memoria de quem tão elevadamente, tão nobremente soube cumprir a sua missão na terra.

COSTUMES DA ILHA DA MADEIRA—OS BORRACHEIROS

(Vidê a gravura do n.º 26)

Assim são conhecidos na ilha da Madeira os *villões* que transportam o vinho novo das freguezias ruraes para a cidade, atravez das serras. O vinho vem em borrachas, como lá dizem, o que em Portugal se chama ôdres. A sua capacidade regular é para dois almudes. Cada villão traz uma borracha ás costas, amparada por uma correia de couro que lhe dá volta á testa, tal como a um boi de canga. Não é porém o peso o maior tormento d'elles durante a jornada; é sim o calor dos ôdres, porque o vinho vem em mosto, fervendo.

Temos dó d'estes pobres diabos quando passam por junto de nós, vermelhos como lagostas cozidas, encharcados e pingando de suor. Comtudo sempre um d'elles vem cantando: é do estilo.

O transporte assim é ainda o primitivo, como vêem, e não se pode fazer d'outro modo porque não ha estradas e a ilha é de natureza alcantilada.

A impressão immediata que o leitor sentiu ao vêr a gravura—uma leva de borracheiros entrando no Funchal—acordou-lhe certamente a lembrança das caravanas de carregadores negros, em uma fila unica, extensa e equidistante, como as vemos nas estampas dos livros dos exploradores africanos.

Pois essa impressão não o enganou. N'este uso ha tambem a influencia hereditaria; os primeiros colonos madeirenses (diz Gaspar Fructuoso, o mais antigo chronista insulano), foram: sentenciados da metropole, captivos mouros e negros africanos. E d'estes ultimos os vestigios ethnicos são ainda manifestos na physionomia, sobre tudo, dos villões de certas freguezias.

H. DAS NEVES.

O NOVO SYSTEMA DE CURAR

DE

L. KUHNE

EXPOSIÇÃO, APRECIÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

Livraria do Editor

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

MANUAL

DE

ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro. broch. 800 rs. Enc. 15000 rs.

MANUAL

DE

GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras. br. 800 rs. Enc. 15000 rs.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

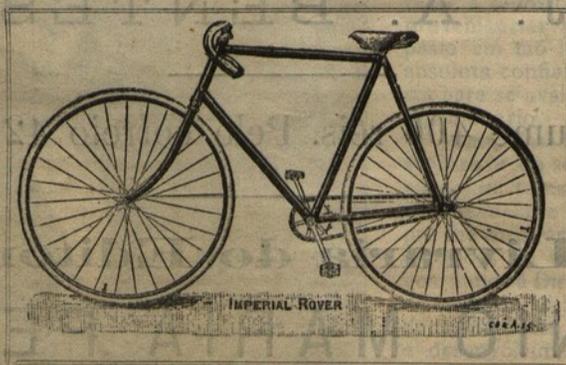
Redacção e Administração — *Rua Augusta, 47, 2.º andar* — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	10100 réis	20200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	10300 "	20600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	10050 réis	20100 réis	40200 réis

ROVER CYCLES

OU BOM
OU NADA

11 Primeiros
premios.
6 Segundos
premios



1 Diploma de meda-
lha de ouro.
1 Diploma de meda-
lha de prata.

Na Rover não ha uma unica peça que não seja de superior qualidade.

ESPECIFICAÇÃO

SELLA — brooks N.º B 10.

QUADRO — (55, 60 e 65 centm.) é do melhor tubo Weldless (sem soldadura).

PEDALEIRO — 12 centm. de largura.

RODA DENTADA — desmontavel.

GUIADOR — reduzido.

PUNHOS — E. H.

AROS DAS RODAS — occos Westwood.

RAIOS — tangentes, reforçados nas duas extremidades.

PNEUMATICOS — da The Dunlop Pneumatic Tyre C.ª Ltd.

GARPHO — do melhor tubo Weldless (sem soldadura).

ALVADO — 12 centm. completamente impermeavel.

ROLAMENTOS — todas as caixas e rola-mentos são feitos do aço DIAMANT, e temperados por um processo particular.

NICKELADOS — sobre cobre.

ACABAMENTO — esmalte extra-brilhante e adherente.

MANIVELLAS — quadradas.

PEDAES — Rover, impermeaveis.

CORRENTE — Renold.

Com material tão escolhido junto a um acabamento esmerado, obtem o cyclista amador ou profissional uma machina de primeira ordem, tanto para a estrada como para a pista.

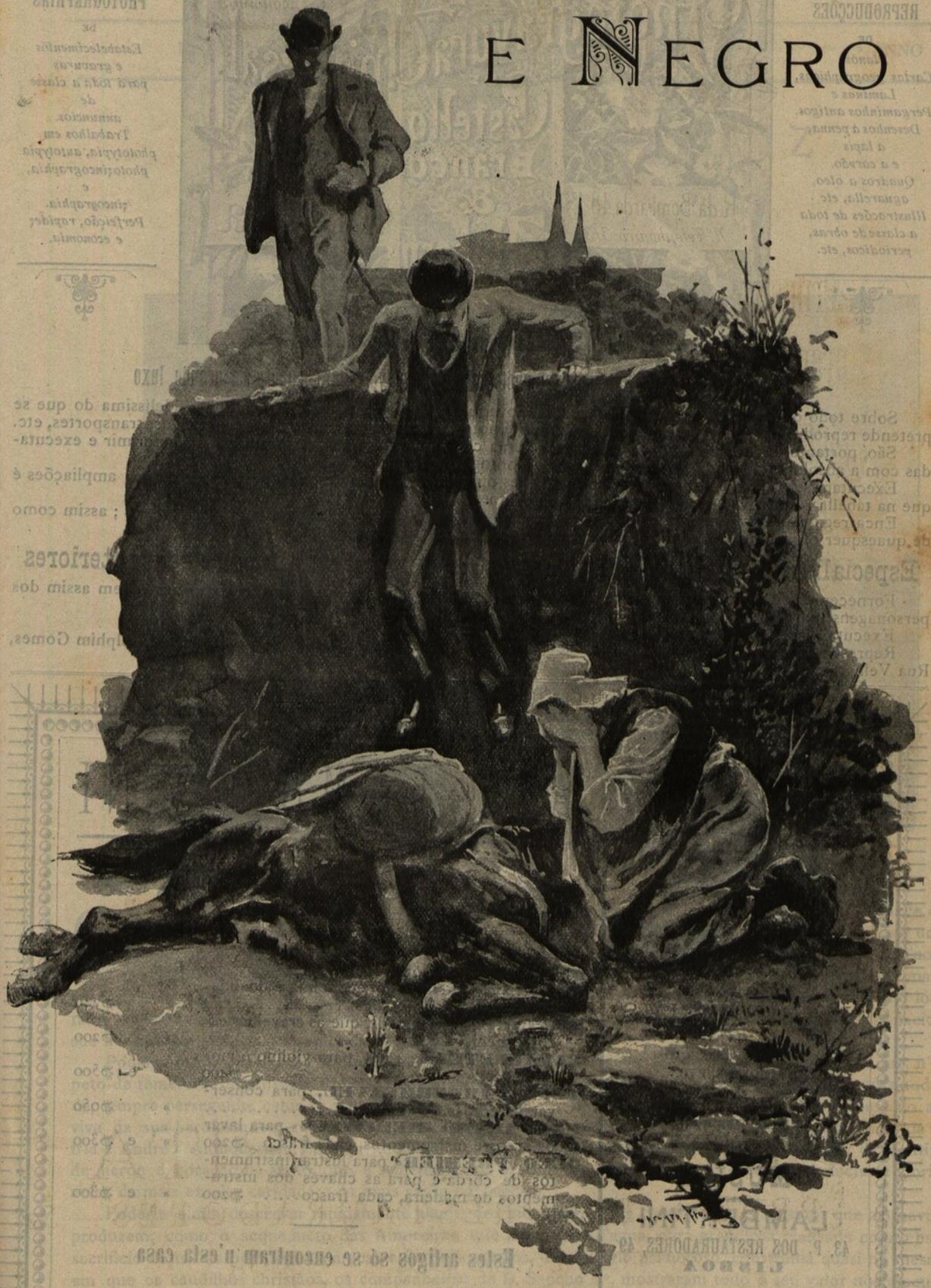
DEPOSITO DAS "ROVERS,"
CASA FAVORITA

50 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 52

AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA

BRANCO

E NEGRO



UM DESASTRE

PREÇO 40 RÉIS

N.º 28

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.



PIANOS
HARMONIUMS
CORDAS
REBECAS
BANDOLINS, ETC.

ACCESSORIOS
PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS
MUSICA

LAMBERTINI
43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	\$200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior)	"	\$240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	\$200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello	\$400	" e 1 \$500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.....	"	\$050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	\$200	" e \$300
OLEO «PREMIER» para lustrar instru- mentos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	\$200	" e \$300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 28

LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 1896

1.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

(IX)

ELVAS

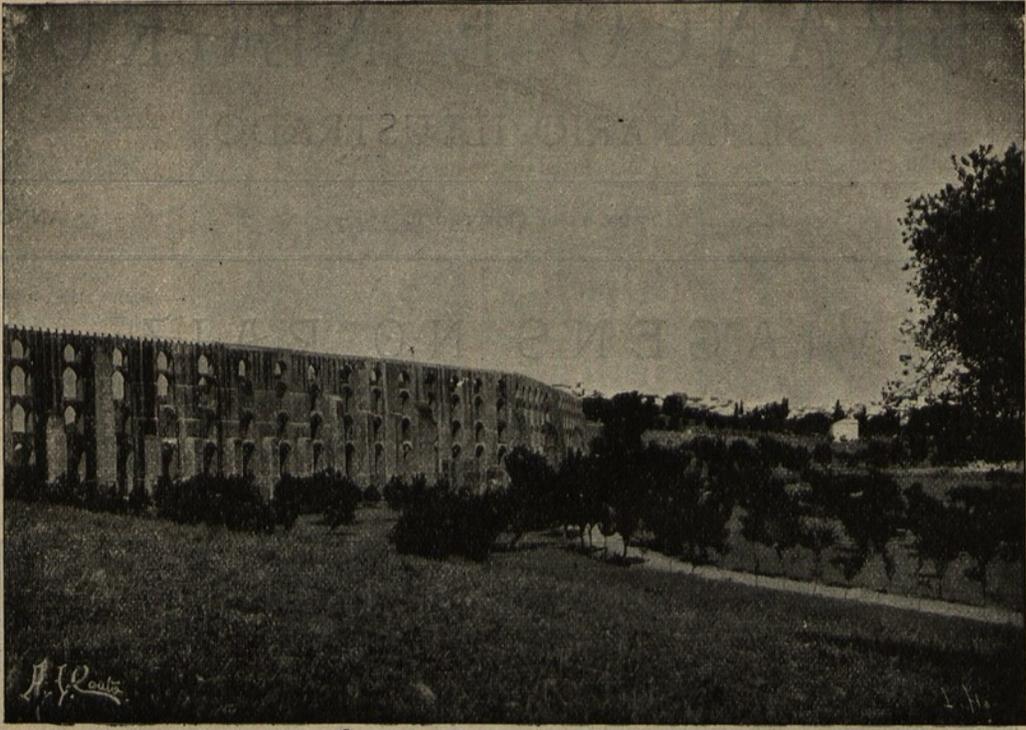


VISTA GERAL DA CIDADE

QUERENDO escrever uma noticia para acompanhar as gravuras que este jornal publica hoje da cidade d'Elvas, poderia referir-me ás tradições gloriosas d'essa terra, onde tem palpitado em todas as epochas um acendrado amor patriotico. Teria assumpto largo para relembra algumas das paginas mais bellas da nossa historia e bastar-me-ia descrever, por exemplo, a pequenina ermida de Santo Amaro, erguida no alto d'uma colina, em frente da cidade, para poder invocar a batalha das Linhas d'Elvas, que regou de sangue esse mesmo local, batalha memoravel, onde o soldado portuguez affirmou com tanto lustre o seu amor á independencia nacional e a sua fidelidade á bandeira estremecida das quinas.

Poderia esboçar tambem a vasta galeria dos seus typos heroicos. Desde o lendario guerreiro que, n'um impeto de temeraria desaffronta, tomou uma bandeira castelhana nas ruas de Badajoz e veiu correndo a toda a brida, sempre perseguido, cahir só junto dos muros d'Elvas, varado de frechas, depois de ter arremessado a prova viva da sua heroicidade para dentro da fortaleza, até Gil Fernandes, o destemido luctador pelos fóros da sua patria e André d'Albuquerque, figura primacial em toda a nossa historia militar, irmão do vencedor de Montijo, alma de heroe e coração de santo, que, á semelhança do grande condestavel, sellou a sua vida de luctas e glorias com actos da mais excelsa caridade e da mais santa contricção.

Poderia ainda descrever rapidamente alguns dos monumentos da cidade, d'esses mesmos que as gravuras reproduzem, como o aqueducto das Amoreiras, que a abastece d'agua, obra grandiosa realisada com o esforço e sacrificio de toda a população e a abside de S. Domingos, d'um estylo primoroso, construida quasi no mesmo sitio em que os caudillos christãos, os companheiros de D. Sancho 2.º, mostraram todo o seu valor nos ataques á cidadella mourisca, conquistada pouco depois para os dominios da nova nacionalidade do occidente.



AQUEDUCTO DAS AMOREIRAS

Sobejavam-me pois assumptos historicos de valor e a maior difficuldade que teria, para realizar o meu proposito, seria poder resumil-os, sem lhes apoucar a grandeza, a significação e a elevada influencia que elles tiveram na historia do nosso paiz.

As tradições militares da cidade; os seus costumes arreigados e resistentes, alguns d'elles, á acção reformadora do tempo; o desfilar dos ternos de tambores e cornetas pelas ruas principaes, á hora de recolher, marcando ao commercio e á população civil o fim da labuta diaria; o seu aspecto de clausura depois d'essa hora, a que as



AVENIDA DA CONCEIÇÃO

portas da cidade se fecham, naturalmente no receio d'alguma inesperada invasão castelhana, communicando ella com o exterior apenas por uma guella aberta na garganta das suas muralhas ; o seu panorama muito estirado, em que as casas brancas de neve se espreguiçam dolentemente n'uma larga encosta ; as qualidades typicas dos seus habitantes, um pouco arredados e indifferentes ao que vae pelo mundo, sem arrancos de enthusiasmo, eivados d'um scepticismo inconsciente, nascido em grande parte do abandono a que tem sido votada, ha muitos annos, a terra em que nasceram, mas no fundo intensamente bons e hospitaleiros, d'uma sinceridade nativa e de dotes mo-
raes, que vão sendo raros, tudo isso seriam elementos preciosos para um artigo, se eu tentasse dar uma ideia ni-
tida e completa da cidade de Elvas.

*

* *

Prefiro, porém, não só pela indole do jornal para que escrevo, mas ainda por uma natural predilecção do meu espirito, falar-lhes antes das bellezas naturaes dos arredores da cidade, que formam um delicioso oasis na ampli-



PARQUE DA PIEDADE

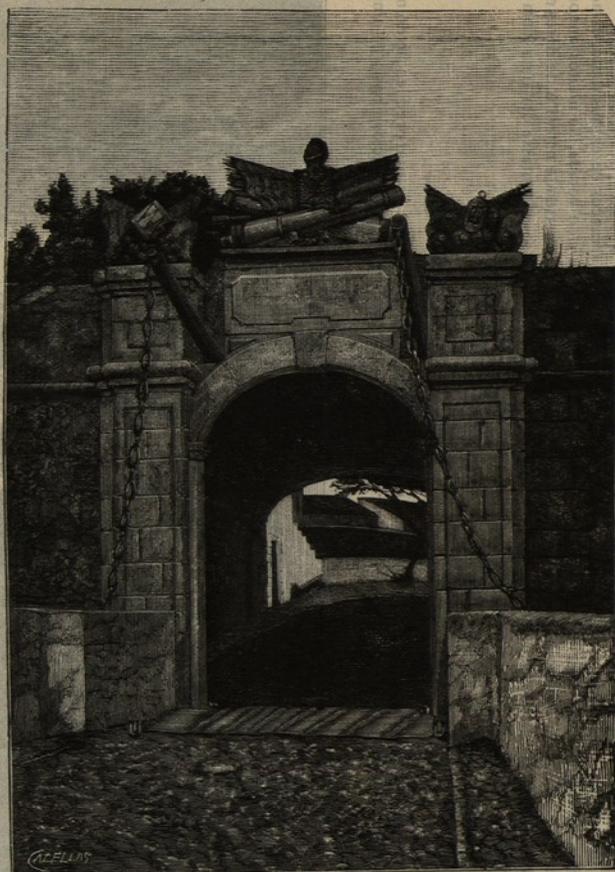
dão melancolica da paysagem alemtejana e referir-me em especial á Piedade, cuja frescura e encanto se exhala d'uma das gravuras, que acompanham este artigo.

No pequenino templo consagrado á imagem venerada do Senhor da Piedade, templo em que a simplicidade rivalisa com o mais esmerado aceio e escrupulo de ornamentação, realisaram-se, ainda ha poucos dias, apparatusas festividades, a que concorreram milhares de feis dos pontos mais distantes, unidos ali pela mesma crença, pela mesma fé na imagem santa, que adquiriu o renome de ser prodiga nos mais inverosimeis milagres. Os attestados, que documentam esse renome, são aos milhares e, em paineis e quadros de todos os tamanhos e feitios, com desenhos os mais phantasistas e originaes, occupam totalmente as paredes de duas grandes salas. Distrae e commove ao mesmo tempo, passar-se em revista esses quadros, onde os doentes, os medicos, a fila alinhada e por alturas dos parentes mais proximos do enfermo, que se reputou moribundo, tem todos um aspecto intensamente comico. Fazem rir aquellas posições, cabeças descommunaes assentes em troncos e pernas de pygmeus, aquelles disticos em que o *milagre realisado* é descripto em termos apologeticos e por vezes exaggerados, como o do crente que agradece ao Senhor o ter quebrado uma perna ao despenhar-se n'um carro por uma ribanceira abaixo, quando poderia ter quebrado as duas, e o do outro que se prostra deante da imagem adorada por lhe ter salvo a vacca, a maior riqueza do seu lar, n'um lance difficil e perigoso. Mas commovem ao mesmo tempo, pela fé ardente que traduzem, pela affirmacão exaltada e sincera da crença n'um poder superior e omnipotente, pela ideia que nos suggerem de horas e horas de afflicção, resgatadas com alegrias celestiaes.

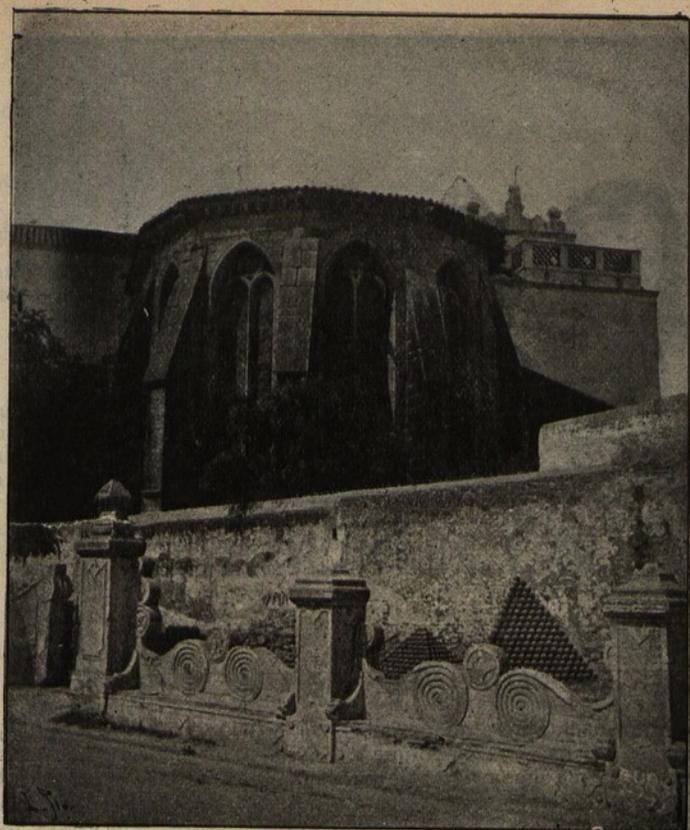
As festividades religiosas a que acima alludi, são acompanhadas de arraiaes em torno da igreja, de fogos d'artificio, queimados no alto da esplanada fronteira, completando tudo uma romaria conhecida em todo o Alem-



PORTA DA ESQUINA E CONCEIÇÃO



PORTA D'OLIVENÇA (exterior)



ABSIDE DE S. DOMINGOS

mentos d'um minuetto voluptuoso, com os trages e penteados caracteristicos, dão uma nota originalissima ao grande arrayal, onde pessoas de tantas povoações se reúnem e vivem em commum, n'um grande acampamento, durante tres ou quatro dias, sem que a chronica policial tenha a registar uma desordem grave, ou a liquidação de qualquer contenda de povos rivaes.

Por isso as festividades do Senhor da Piedade mantem a tradiçção de serem das melhores de todo o Alemtejo; por isso ellas continuam a ser desejadas pelas trabalhadoras populações dos arredores, que durante aquelles dias em que o outomno já se annuncia com toda a sua encantadora tristeza, e as novas sementeiras se approximam, se vão refrigerar das canceiras do anno agricola que findou; por isso ha terras das cercanias em que as noivas exigem dos seus apaixonados, como condiçção imprescindivel para a posse tão desejada, o elles levarem nas a essas festas, onde o amor e a devoção por uma imagem milagrosa se conciliam com os mais honestos prazeres e as festas mais de harmonia com o genio popular.

E' legitimo pois o orgulho que Elvas tem pela romaria da Piedade, e pelos encantos d'aquelle seu arrabalde e, se fosse ainda preciso proval-o, bastaria reeditar a trova popular, que diz na sua singeleza :

Se fores a Elvas
Vae á Piedade
Que é a melhor cousa,
Que tem a cidade.

Lisboa, Outubro, 1896.

LOURENÇO CAYOLLA.

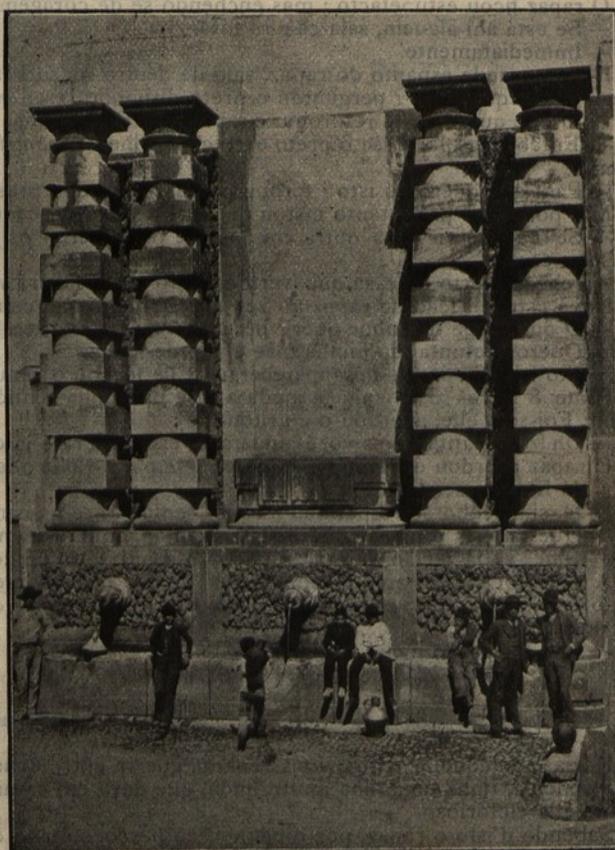
tejo como das mais bellas da provincia, cheia de prazeres e tradiçções para os povos de vinte leguas em redor.

Os arrayaes são na verdade tudo o que se pode imaginar de mais interessante no genero. Bem observados, constituem um magnifico ensino da ethnographia da provincia e até mesmo de povos estranhos como os da Extremadura hespanhola, e ainda os das *troupes* de ciganos, que conservam atravez das gerações e das vicissitudes da sua vida nomada, a fidelidade á sua lingua e aos seus habitos.

Durante as tardes e as noutes dos arrayaes tocam no coreto bandas dos regimentos e phylarmonicas e cá em baixo, na espaçosa avenida que orla a matta, n'uma agglomeração de muitos milhares de pessoas, organisam-se bailes populares, ao som dos cantos mais dolentes, dos rythmos mais diversos, dos instrumentos mais variados, desde o pandeiro ao harmonium.

Cada baile marca distinctamente a que povo pertencem os que o formam.

No cadenciado dos passos, na desenvoltura das voltas, na originalidade dos requebros, os entendedores percebem, mesmo sem reparar no typo das dançadeiras, se são as *camponezas*, as de Borba, as hespanholas, ou as ciganas, que expandem ali a sua alegria. Especialmente estas ultimas, com a sua dança muito lasciva, em movi-



FONTE DE S. LOURENÇO



HISTORIAS PARA CRENÇAS

OS TRES PRETOS DO CANUDO

ERA UMA VEZ uma mulhersinha muito pobre que tinha um filho a quem obrigava a ir buscar todos os dias lenha para o lume, que ella depois vendia a diferentes pessoas. Era d'isto que ella vivia.

Ora succedeu que o rapaz, um dia, cansado de ir todos os dias buscar lenha, decidiu fazer uma *partida* á mãe: ir a uma quinta que ficava proximo apanhar lenha, que era para o guarda o multar e a pobre mãe pagar quinze tostões de multa.

Assim fez. Pegou n'um machado e encaminhou-se para a quinta. Chegado que foi poz-se a contemplar as arvores para ver qual havia de cortar. Por fim, decidiu-se por uma sobreira já velha, que havia de dar muito boa lenha, dizia elle.

Empunhou o machado e poz-se a cortar a sobreira; ao chegar ao meio pareceu-lhe ouvir uma voz lá dentro: parou e poz-se a escutar, mas como nada ouvisse, continuou a cortar. D'esta vez, porém, ouviu distinctamente uma voz:

—Tento, que está gente aqui dentro.

O rapaz ficou estupefacto; mas enchendo-se de coragem, disse:

—Se está ahí alguém, saia cá p'ra fóra.

—Immediatamente.

E com grande espanto do rapaz, saiu de dentro da sobreira... um preto!

—O que queres tu? perguntou o preto dirigindo-se ao rapaz.

—O que quero eu?! retorquiu o rapaz; quero o quintal de minha mãe cheio de lenha.

—Então pega lá, disse o preto entregando-lhe um canudo de canna; quando quizeses alguma coisa abre este canudo.

—Para que quero eu isto? tornou o rapaz. Isso não presta para nada.

Mas por fim o preto tanto instou que elle aceitou o canudo, dizendo:

—Se não servir para outra coisa, serve para metter os palitos. E mettendo o canudo na algibeira, foi-se embora p'ra casa.

Ao chegar perto de casa quiz verificar se o preto fallara verdade.

Nova estupefacção do rapaz ao ver sair de dentro do canudo *tres pretos!*

—O que é que o senhor quer? perguntaram os pretos a um tempo.

—Quero o quintal da minha mãe cheio de lenha.

E dito isto, os pretos desapareceram. Elle fechou o canudo e depois dirigiu-se para casa e deitou-se.

Eram 8 horas da manhã e ainda a mãe não tinha sentido sair o rapaz. Foi á procura d'elle, e encontrou-o a dormir. Foi-se a elle, acordou-o e gritou-lhe:

—Oh! seu patife! pois você ainda aqui está?! Trate já de me ir buscar a lenha!

O rapaz acordou estremunhado e virou-se para o outro lado. A mãe agarrou-se a elle e deu-lhe uma bofetada.

—Já foste buscar a lenha?

—Já, sim senhora, respondeu o rapaz sentando-se na cama por effeito da bofetada.

—Que tal está o maroto, hein?! Pois então, aqui na cama é que tu arranjaste a lenha!

—Olhe, vá lá ver ao quintal, replicou o rapaz, levantando-se.

A mãe foi ver ao quintal, convencida de que o rapaz mentia e disposta a dar-lhe uma sova. Qual não foi porém o seu espanto ao ver o quintal cheio de lenha! Foi ter com o filho e perguntou-lhe como é que tinha arranjado aquella lenha.

—Isso é segredo meu; respondeu elle.

*

* * *

Havia por aquelle tempo uma renhida guerra entre duas poderosas nações. O rei d'uma d'ellas, a que estava quasi vencida, tinha uma filha muito linda, que dava em casamento a quem tivesse a coragem de decidir a guerra, ficando elle victorioso.

Sabendo d'isto o rapaz, poz o canudo ao pescoço atado com um cordel, e foi ter com o rei.

Referiu-lhe o que alli o levava e o rei respondeu-lhe que se elle não vencesse, mandava-lhe cortar a cabeça.

Acceites estas condições, tirou o nos o homem o canudo do pescoço, abriu-o, e logo os pretos lhe perguntaram o que queria.

— Quero muitas fortificações para defender a cidade e muitos navios para vencer a outra nação, mas quero isso prompto á noite.

Escusado é dizer que o rei venceu o inimigo e que o nosso homem casou com a formosa filha do rei.

Havia porém na outra nação uma bruxa que propoz ao governo vencer o rei victorioso se elle lhe desse o que ella quizesse.

Acceite a proposta deram á bruxa um navio competentemente equipado e dentro em pouco partiu para tornar a conquistar a nação victoriosa.

Chegados que foram, desembarcou apenas a bruxa e, disfarçando-se n'uma mendiga, foi ter com a filha do rei. Bateu á porta, vindo ella pessoalmente abrir. Depois de pedir esmola, ficou a conversar com a rainha e quando estava para sahir, disse :

— Vossa Magestade já viu o que o seu marido traz ao pescoço ?

— Não, respondeu a princeza.

— Pois vá lá ver e traga-m'a cá, que é até uma vergonha um principe trazer uma coisa d'aquellas ao pescoço.

Foi a rainha, e cortou o cordel que prendia o canudo e trouxe-o á bruxa. Esta, assim que o apanhou na mão, fugiu immediatamente para bordo do navio. E abrindo o canudo fez desaparecer logo as fortalezas e conquistou novamente o reino que tinha ficado victorioso. O rei vencido immediatamente mandou prender seu genro e inter-nal-o n'um poço immensamente fundo, mas onde não havia agua. Apenas lhe concederam que levasse consigo um gatinho que elle estimava muito.

Escusado será dizer que os ratos lá não tinham conta e por isso o gatinho não fazia senão matar ratos.

Ao segundo dia apparece-lhe lá um rato muitissimo grande, dizendo para o ex-principe :

— Oh ! senhor diga lá o que quer mas não me ande a matar as minhas tropas que me fazem muita falta.

— As suas tropas ? perguntou o ex-principe espantado, quaes tropas ?

O rei dos ratos — pois que era elle — apontou para um monte de ratos que o gatinho tinha apanhado.

— Então aquellas é que são as suas tropas ? eu não tenho nada com isso, quem as mata é o meu gatinho.

— Mas, retorquiu o rei dos ratos, diga lá o que quer, mas não me mate mais tropa.

O ex-principe respondeu :

— Quero que me tragas um canudo que está no reino de tal em casa d'uma bruxa.

Immediatamente partiu um exercito de ratos á procura do canudo.

A velha bruxa tinha o canudo escondido debaixo do travesseiro. Uma noite estava deitada, e sentiu os ratos cortarem os chouriços que estavam pendurados na chaminé. Enxotou-os da cama mas elles fizeram-se desentendidos e continuaram na sua tarefa.

— Malditos ratos, resmungou a velha levantando-se para os enxotar. Emquanto ella os enxotava da cosinha, iam outros tirar-lhe o canudo ; quando porém já o tinham em porto de salvamento, deixaram-n'o cair no chão. A velha que já vinha de volta, imaginando que eram os ratos outra vez nos chouriços, voltou para traz a resmungar. Entretanto os outros ratos trataram novamente de apanhar o canudo. D'esta vez conseguiram trazel-o para fóra e ir entregal o ao ex-principe.

Este, assim que se viu de posse do canudo reconquistou outra vez a sua liberdade e independencia da nação, continuando a viver alegre e feliz, em companhia da princeza e de sua mãe, o resto dos seus dias.

JOAQUIM DE MATTOS ROSA.

○ MAESTRO CARLOS GOMES

A morte do grande compositor brasileiro foi uma perda irreparavel que a Arte terá de lamentar por muito tempo.

Nascido sob o brilhante e quente sol d'esse paiz luxuriante e uberrimo que se chama o Brazil, Carlos Gomes trouxe para as suas composições todos os caracteristicos da sua raça, todas as harmonias extranhas das suas florestas immensas e mysteriosas, todos os rythmos languidos, todas as vermelhas vibrações que retinem n'uma apotheose de victoria.

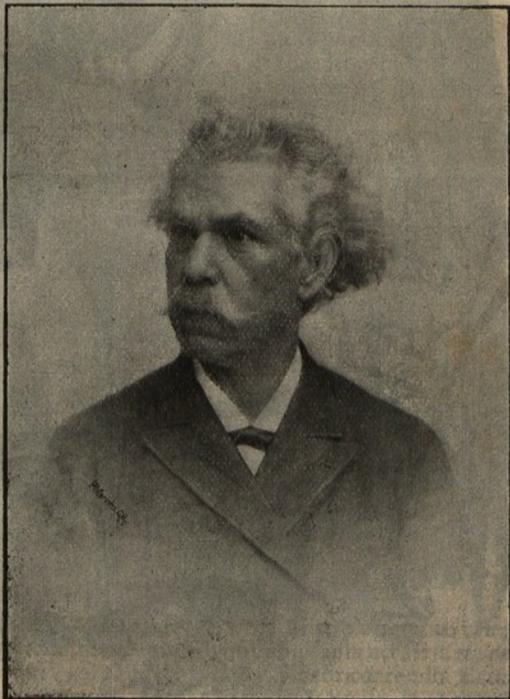
E elle foi um victorioso em todos os paizes, e conquistou para o seu nome a fama que nimba do fulgor do genio a frente dos grandes homens.

Dotado de um temperamento artistico de primeira ordem, de uma concepção originalissima e bizarra, imprimiu nas suas operas o cunho da nacionalidade a que pertenceu e cuja terra tanto amou em sua vida.

O *Guarany*, o *Condor*, e tantas outras peças, inspiradas na alta e maviosa poesia dos sertões brasileiros abriram-lhe um caminho luminoso e juncado de flôres, em que, a meio ainda, o grande luctador cahiu, varado pela morte.

Chorou-o o Pará, Estado em que Carlos Gomes havia visto a primeira luz, e chorou-o o Brazil inteiro, e com elle toda a Arte do mundo. O seu funeral denunciou a maior manifestação de pesar de que ha memoria ; fecharam as lojas, e toda a gente, grandes e pequenos, sem distincção de qualidade, acompanharam á morada do seu ultimo somno aquelle genio que havia para sempre emmudecido.

Dando hoje no nosso jornal o retrato do chorado *maestro*, acompanhamos na sua dôr pungente o Brazil, nação-irmã.



«SAUDADE» — Um d'elles então, depois de ter espraído a vista pelo mar...



«SAUDADE» — Um d'elles então, depois de ter espraído a vista pelo mar...

SAUDADE

(A Manuel Machado)

ERA n'uma tarde d'outono. Vinha cahindo a noite caliginosa e triste, e o nevoeiro avançando do mar encobria já a linha do horisonte.

Noite de incertezas e angustias para muitos! Ainda não tinham recolhido ao ancoradouro todos os barcos que haviam partido ao romper da manhã para a pesca.

Junto á praia um grupo de velhos marinheiros, lobos do mar de rostos tismados e olhos expressivos e cabellos já brancos sahindo em desalinho de sob a orla do barrete, fallavam — para matar o tempo emquanto esperavam em velhas coisas; historias dos seus tempos de rapazes, quando ainda Deus lhes dava força a todos para irem, mar fora, empunhando um remo, ganhar a vida. Hoje — louvado Deus! — quem lhes dera tabaco...

Abeirei-me do grupo.

— Salve-os Deus, boa gente.

— Venha c'o Senhor.

Um d'elles, então, depois de ter espriado a vista pelo mar como tentando envergar atravez da neblina a vela d'algunha catraia, começou contando a seguinte historia:

«Havia em tempo lá em baixo na azinhaga onde corre a levada que faz moer a azenha do paçal, uma velha e pobre caza onde vivia uma santa mulher — a *tia Helena*, — viuva d'um companheiro nosso que um dia não voltou do mar quando, os barcos á noite ali arribaram na praia. Lá ficara, coitado, no seio das aguas fazendo companhia a tantos que o mar tem roubado ao carinho e affecto dos seus.

Tinha a *tia Helena* um filho, o Paulo, que era o retrato fiel de seu pae; rapaz corajoso e valente para as luctas do mar, não havendo outro como elle em toda a costa.

Quantas vezes não foi elle na catraia ou a nado levar soccorro ao barco em perigo que, lá fora, entre collossaes vagalhões, e acossado pelo temporal, pedia soccorro?!

Valente rapaz, que se me parte o coração ao lembrar-me d'elle.

Na companhia dos dois vivia uma afillhada da *tia Helena*, a *Chica* do Marçallo, galanté rapariga, conjuncto de perfeições e graças que a tornavam um anjo. Esbelta e delicada que nem parecia filha do povo, de cabellos e olhos pretos — olhos d'uma me guice de enfeitigar; labios frescos e rosados onde sempre brincava um terno e amoravel sorriso; rosto formoso e alegre, d'um moreno encantador, tal era a *Chica* — a orfã.

Morrera-lhe o pae tysico n'uma noite fria d'inverno, quando cá fóra rugia impetuoso o vento açoutando o mar que, revolvendo-se em terríveis convulsões, vinha debater-se na praia, desafiando a coragem dos pescadores audazes!

Uma ave agoureira viera poisar sobre o telhado da casa soltando um canto dorido, e a vida extinguiu-se para sempre nos labios seccos e desbotados do moribundo. Deus lhe falle n'alma, que não deixou na terra inimigos!

Mãe, já não a tinha a pobre *Chica*, que ha muito ella deixara este mundo. A *tia Helena* recolheu a orfã por esmola e a pedido do filho.

E lá viviam os tres, pobres sim, mas felizes e identificados com a sua penuria,

O Paulo amava a *Chica* e até lhe dissera um dia com aquella rude franqueza de homem do mar:

— Queres casar commigo, *Chica*? Se gostas de mim, vê lá, que a coisa arranja se.

Ella baixara timidamente os olhos d'onde se saltaram duas lagrimas que foram orvalhar as calosas mãos do Paulo, que entre as suas apertava as d'ella. E aquellas duas lagrimas sellaram a alliança de dois corações tão sinceros! Uma manhã, na porta da capella do logar appareceu pregada a lista dos mancebos chamados ao serviço militar. Lá estava tambem o nome do Paulo.

Que de lagrimas e afflicções não foram n'aquelle dia em casa da *tia Helena*! Nem o lume se accendeu na lareira, e a velha cosinha encheu-se de amigos da casa animando a familia e maldizendo a sorte.

— Raio de geringonça! apostrophavam; e eu não sei para que é tanta tropa se as *patuleias* acabaram!

— Vão para as Áfricas... Má raios partam a pretalhada!

— E cria uma mãe um filho com tanto carinho...

O Paulo, então, ergue-se e com o rosto transtornado e o olhar faiscando-lhe de colera, gritou fóra de si:

— Não é a mim que elles lá apanham! Antes a terra me engula!

Dias depois, o Paulo não tornou á apparecer na praia; embarcara para o Brazil, fugindo ao serviço militar.

Na aldeia ficaram as duas pobres mulheres sem amparo e arrimo, chorando amargamente a ausencia do ente querido de quem apenas receberam uma carta escripta ainda em viagem, e na qual os vestigios das lagrimas eram bem visiveis. Era para a *Chica* a ultima pagina toda cheia de promessas, saudades e adeuses.

Recommendava-lhe coragem que elle, por Deus, depressa voltaria com o dinheiro preciso para se remir; e depois viveriam felizes na companhia de sua santa mãe.

Mas as cartas não continuaram e a pobre velha não podia resistir por muito tempo á longa ausencia do seu querido filho. Todas as manhãs a *Chica* ia anciosa procurar carta para se consolar a si e animar a pobre velha, mas debalde!...

Choravam, então, abraçadas, por muito tempo, murmurando uma prece ao Senhor dos Afflictos.

Bem adivinhara o coração á *tia Helena*, vendo partir o filho de que não o tornaria a vêr. E assim foi. Uma manhã expirou, tendo colada aos labios a unica carta que o filho lhe escrevera. Santo amor de mãe!

Que seria da pobre *Chica*, agora totalmente desamparada no mundo? Como ha pessoas para quem a vida é um constante martyrio e a quem a desgraça jamais deixa de perseguir!...

Decorriam os dias lentos e tristes para a pobre *Chica*, cujo coração ainda esperançoso, anciava por receber noticias d'aquelle a quem jurára amor eterno. Quizesse ella esquecer o que não fartaria no sitio quem a requestasse. Um dia, depois da missa, já o sol ia alto, mandou o senhor abba de chamar a *Chica* á residencia. Correu pressurosa, o coração palpitando-lhe fortemente.

O bom do cura recebeu-a com palavras animosas, batendo-lhe familiarmente com a mão no hombro. Depois fungou uma pitada, assoou-se com estrondo e disse-lhe:

— Tem paciencia, rapariga; tem paciencia. Aquillo são fracas terras... era d'esperar. Olha: o Paulo morreu no Brazil com a febre. Eu bem lh'o préguei, mas... mas, era a sorte a chamal-o! E' soffrer... é soffrer. Chora, chora que te faz bem... Mal empregado moço... Deus lhe perdõe!...

Ao receber a fatal noticia, o rosto da desgraçada tornou-se livido de morte; esgazeou os olhos, agitou os braços no ar e, soltando um grito da mais pungente angustia, cahiu desamparada no chão. Momentos depois ao vir a si, percorreu com a vista transtornada tudo o que a cercava e soltando uma gargalhada estridula sahiu correndo. Estava doida!...

Por ahí vagueou algum tempo, até que um dia a encontraram morta sobre a sepultura da *tia Helena* — a santa mulher que a agasalhara em vida.

Sobre a humilde campa da pobre doida, alguém collocou uma cruz tendo como simples epitaphio a palavra SAUDADE!...

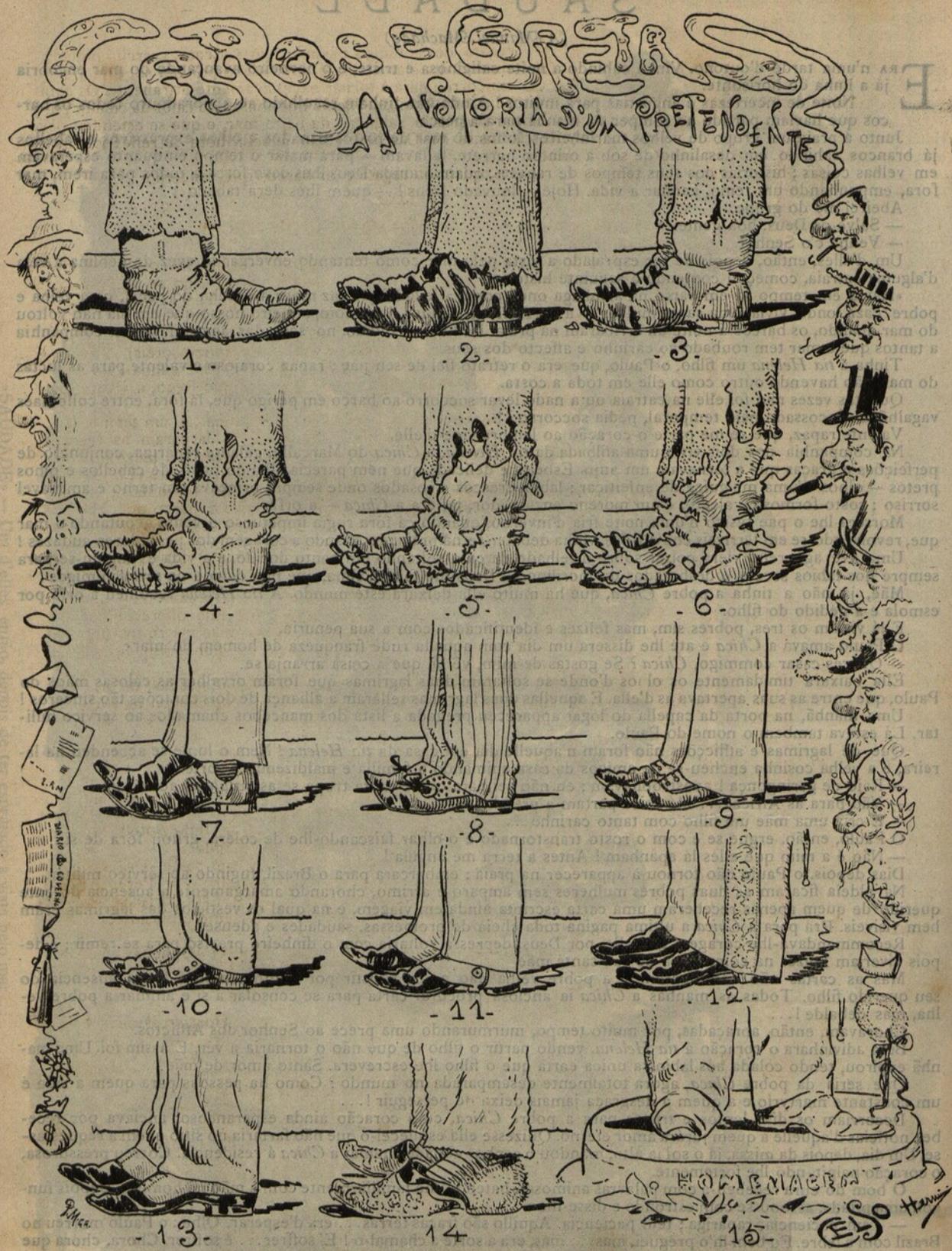
Ihavo.

DINIZ GOMES.

25

SAUDADE

F



A historia d'um pretendente. — Drama em 15 pares de botas, de alta psychologia sapateiral

1 Chega de Celorico o Anastacio, sobrinho do administrador. — 2 Vai pela Arcada e engraxa-se... para engraxar. — 3 Sua Ex.^a o ministro dá-lhe esperanças. Ha uma vaga... — 4 Sua Ex.^a promete. No primeiro *Diario*... — 5 Sua Ex.^a continua promettendo. Dá quasi a certeza... — 6 Sua Ex.^a affiança. No primeiro *Diario*... Sua Ex.^a é um pulha. — 7 Sae o *Diario*. Amanuense o Anastacio. Sua Ex.^a afinal é um homem de bem. Anastacio rejubila. — 8 Rejubila, ama e galopina. — 9 Galopina, intriga, vota — 1.^o official addido, com gratificações extraordinarias, o Anastacio — 10 Sorri-lhe á sorte. Vota, discursa — chefe de repartição, o Anastacio. — 11 Discursa, escreve nas gazetas — deputado. — 12 Syndicatisa-se, monopolisa-se... — ministro, o Anastacio. — 13 Predios, quintas, grã-cruzes, cartas de conselho, dinheiro no Banco inglez. — 14 Aposentação, calos e 6 contos de reis por anno. — 15 Estatua. Anastacio, o grande estadista.

A Regata em Cascaes

A regata de domingo passado, em Cascaes, correu animadissima. O dia claro e lindo, illuminado por um sol esplendido, concorreu para a tornar excessivamente atrahente. Os comboios iam cheios de gente que abalou do calor da cidade para as brisas frescas e salgadas da beira-mar, e que se estendeu pela orla da bacia de Cascaes, cheia aquella hora de reflexos scintillantes.

Eis a ordem da regata e os barcos que venceram :

CORRIDAS DE VELA

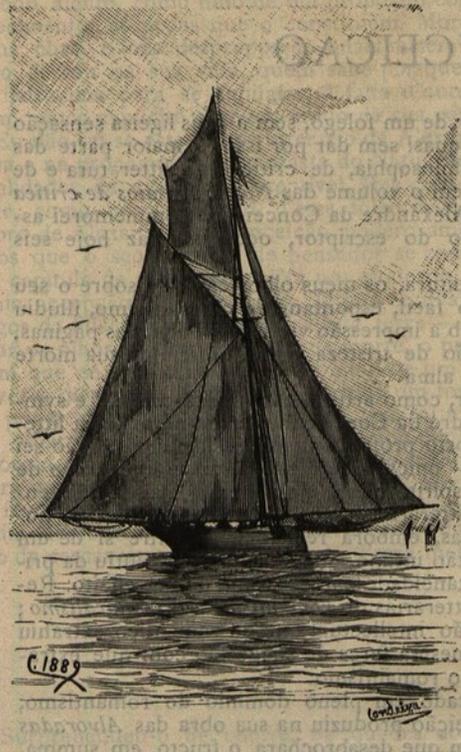
1.^a corrida. — Distancia 20 milhas ; premio offerecido por el-rei D. Carlos. Tomaram parte os barcos «Mina», do sr. H. Moser, e «Vega», do sr. Alfredo O'Neill. Ganhou a «Vega», chegando á balisa tres minutos primeiro que a «Mina».

2.^a corrida. — Canôa da picada ; distancia 20 milhas ; premio offerecido pelo sr. ministro da marinha (120\$000réis). Tomaram parte : «Etelvina», do sr. José de Faro ; «Eh ! canôa», do sr. Vicente Villa ; «Coquette», do sr. José Antonio Rego, e «Rosario de Maria», do sr. Joaquim d'Almeida.

A largada d'estes barcos foi lindissima. A um tempo, como que impellidos por uma mola, os 4 barcos largaram as vellas, e, como n'aquelle momento o vento norte fosse rijo, partiram com a velocidade de verdadeiros vapores. Ganhou o premio a «Eh ! Canôa».

3.^a corrida. — Botes catraios ; distancia 10 milhas ; premios offerecidos pela camara de Cascaes, para o barco que chegasse primeiro á balisa, 25\$000 réis, e para o segundo, 15\$000 réis. Tomaram parte : «Macaco», do sr. José Rodrigues ; «Alice», do sr. S. Duarte ; «Ethel Sleigh», do sr. Soluyo ; «Cacella», do sr. Marques Cella ; «Surpreza», dos srs. Marcos & C.^a Ganhou o primeiro premio a «Alice», e o segundo a «Surpreza».

4.^a corrida. — Distancia 5 milhas ; premio offerecido pela direcção, commissão das regatas. Achavam-se inscriptos para esta



corrida os barcos «Narciso», «Lacrau», «Bilontra», «Morgado» e «Lil». Correu só o «Lil» por terem desistido todos os outros barcos.

Não teve lugar a corrida para os barcos de 20 toneladas, em que estavam inscriptos «Estrella», do sr. Carlos Luz, e «Sant'Elmo», do sr. Gabriel de Almeida Santos, porque o «cutter» «Sant'Elmo», que chegou na sexta-feira do Havre, não teve tempo de se preparar para a regata.

CORRIDAS DE REMOS

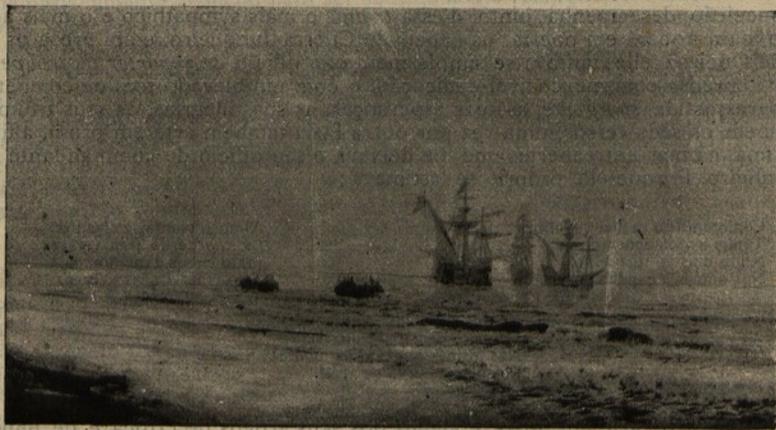
1.^a corrida. — Guigas de 6 remos, de 1.^a classe ; premio offerecido pela rainha sr.^a D. Amelia. Tomaram parte as guigas «Alice», do Club dos Aspirantes de Marinha, de que era timoneiro um official da armada e tripulantes socios do mesmo club, e o «Mizpha», da Real Associação Naval, de que era timoneiro o sr. Julio Botelho e tripulantes os srs. Zea Bermudes, C. C., S. Santos, C. Silva, B. B., e A. Dinorah. Ganhou a «Mizpha».

2.^a corrida. — Guigas de 4 remos, de 2.^a classe ; premios, medalhas de prata. Tomaram parte «Orion», tripulado pelos socios do Club dos Aspirantes de Marinha, e «Relampago», de que era timoneiro o sr. Pereira Dias e tripulantes os srs. Zea Bermudes, Arthur Santos, B. B. e C. C. Ganhou o «Relampago». Esta corrida despertou grande entusiasmo, pois as duas guigas chegaram quasi ao mesmo tempo, conservando sempre durante a corrida os espectadores na duvida de qual seria a vencedora.

3.^a corrida. — Guigas de 6 remos ; premio, medalha de vermeil. Tomaram parte a «Vega» e «Ophelia», ganhando esta de que era timoneiro o sr. C. Pestana e tripulantes os srs. B. B., C. C., A. Coutinho, R. Castro, J. Aldim e Dinorah.

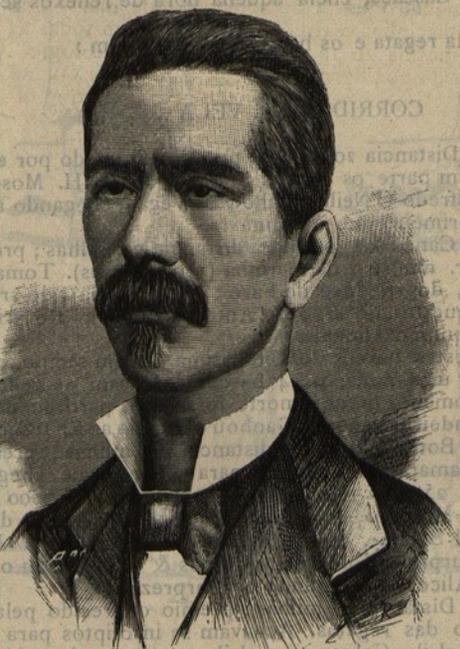
Já passava das 4 horas e meia da tarde quando terminou a regata.

— O jury para os barcos de véla era composto dos srs. R. d'Orey, Joaquim Quintella, Horacio Jauncey e Ren-gli Ookley.



ESCRITORES MORTOS

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO



A CABO de reler de um folego, sem a mais ligeira sensação de esforço, quasi sem dar por isso, a maior parte das peças de philosophia, de critica, de litteratura e de arte, que constituem o volume das *Notas, Ensaios de critica e litteratura* por Alexandre da Conceição. Commemorei assim o fallecimento do escriptor, occorrido faz hoje seis annos...

Ao cabo da leitura, os meus olhos cahiram sobre o seu retrato, e um riso facil, espontaneo e naturalissimo, illudiu por um instante, sob a impressão vivissima d'aquellas paginas, essa funda sensação de tristeza que a noticia da sua morte depozera na minha alma...

Como escriptor, como artista, essa figura original e sympathica de Alexandre da Conceição occupa na historia litteraria do paiz um posto profundamente assignalado, e não sei se poderá dizer-se — unico. Elle é por assim dizer o traço de união, que o meu espirito n'este momento vê mais nitido, entre duas epochas litterarias francamente dissemelhantes, notavelmente distinctas, embora relacionadas entre si de um modo tão logico e tão intimo, que a segunda evoluiu da primeira com a espontaneidade naturalissima de um effeito. Refiro-me ás epochas litterarias do *romantismo* e do *naturalismo*; refiro-me á evolução intellectual que do romantico extrahiu o naturalista, pela mesma força de suggestão com que extrahira do classicismo o romantismo.

Nascido e educado em pleno dominio do romantismo, Alexandre da Conceição produziu na sua obra das *Alvoradas* o fructo da sazão em que desabrochava, o fructo, em summa, que era natural que produzisse.

Se bem que na polpa d'esse fructo, aqui e ali, um paladar medianamente delicado pode descobrir já uns laivos de estranho sabor, especie de travo virginal pouco accentuado ainda, mas que era o primeiro symptoma de que nas cellulas d'essa arvore uma seiva nova se gerava, pura, virginal, resta-

tauradora... Para exemplo, a composição poetica denominada *Pergaminhos*, onde os prejulios d'esse hymno que mais tarde fez nos arraiaes das letras um largo e sonoro canto, porventura se definem já com mais precisão e com uma linha de desenho mais nitida, do que mesmo nas *Odes Modernas* entoadas por Anthero de Quental já fóra do rythmo do romantismo, é certo, mas n'uma especie de vago somnambulismo cortado de sobresaltos, que affirmava, apenas, que estava para breve o despertar.

Quem verdadeiramente tocou a alvorada, n'um clarim d'oiro, sob um céu azul purissimo onde sómente brilhava já a estrella da manhã, foi esse estranho corneteiro que se chamou Guilherme de Azevedo, esse que levava toda a noite n'uma vigilia contemplativa de namorado, cantando em cordas de lyrismo — nas *Apparições*, nas *Radições da Noite* — a lua, as flôres e a escrophula feminina, mas que ao romper da manhã, fitando *Vesper*, lhe enviou pela tuba do verso o hymno da sua *Alma Nova*...

Depois foi uma alegre fanfarra, quando ao coxo de Santarem, a rir-se por ter acordado os companheiros, vieram successivamente juntar-se no decurso da manhã, já dia claro, Guerra Junqueiro trombeteando o seu *D. João*, Ramalho Ortigão rufando destemidamente as *Farpas*, Eça de Queiroz com o *Crime do Padre Amaro*, Bento Moreno, Julio Diniz, Theophilo Braga, Julio Lourenço Pinto, Oliveira Martins, Gomes Leal, Guilherme Braga, Claudio Nunes, Nogueira Lima, Custodio José Duarte.

No fim, vivas a Balzac, vivas a Flaubert, vivas a Daudet e a Zola... — e estava proclamada a Republica em litteratura, isto é, o Naturalismo; isto é a applicação á litteratura da formula e do methodo positivo de Comte — que é como quem diz: a applicação á sciencia, definida até á metaphysica, e á litteratura, definida até ao romantismo, de uma forte corrente electrica, salvadora.

Alexandre da Conceição desempenha junto d'essa *troupe* o mais sympathico e o mais adoravel dos papeis. Sobejando-lhe talento para tocar, em poesia, os papeis de Guerra Junqueiro, e em prosa os papeis de Ramalho Ortigão ou de Eça de Queiroz, elle limitava-se simplesmente ao officio de *reporter* da *troupe*, regente ou contra regra, — referindo na imprensa com inexcedivel dedicacão, e com um elevado tom de competencia que ninguem lhe contestou, os progressos da *sua gente*, as suas esperanças, as suas alegrias, os seus triumphos. Uma vez por outra, compunha tambem os seus versos, uma vez por outra fazia tambem arte em prosa, affirmando a sua individualidade originalissima, n'umas entreabertas que lhe deixava o seu officio de commandante do Naturalismo e o seu officio... de engenheiro. Porque elle proprio se lastimava:

Como um Prometheu maldito
Tenho a vida acorrentada
N'uns dias ao theodolito
Nos outros á papellada.

Almoço plantas e alçados,
Luncho perfis transversaes
Janto cubos e quadrados,
Ceio empreitadas geraes.

Se durmo, sonho com pontes,
Se vélo, penso — é incrível! —
Nas fórmãs que têm os montes
Postos em curva de nivel.

São alguns d'esses trechos de arte em prosa, e alguns dos seus artigos de critica e de philosophia democrati-

ca, que preenchem as 282 paginas do seu livro das *Notas*, que tem a data de 1881, livro de acaso, urdido de peças vistas do jornal, suggerido, quem sabe! por um expediente de occasião, por alguma urgencia financeira inadivél... A data remota do livro, e ainda o seu limitado numero de paginas, tornaram-no documento insufficiente, hoje que o seu auctor é fallecido, para dar em mais remoto futuro uma ideia da obra litteraria, aliás vastissima e complexa, de Alexandre da Conceição. No momento em que appareceu, ha 14 annos, elle não podia considerar-se, de modo algum, como filho de um proposito consciente e reflectido de recolher do jornal, como de um [vento de esquecimento, as peças que o constituem. Morrendo sem o ampliar, ou sem remir com livro novo a exiguidade da sua obra, n'uma desproporção quasi miseravel com as forças do cerebro que o produziu. Alexandre da Conceição deixou na sua vida, quem sabe por que circumstancia, um livro que pôde ser no futuro uma unidade de peso falsissima para se aquilatar, á falta d'outros elementos, o valor intellectual de quem o assigna, um padrão, emfim, pouco explicito e pouco nitido da sua passagem triumphante pelas letras...

Eu não sei se este fervor litterario de Alexandre da Conceição, verdadeiro fervor de apostolo e de martyr, na defeza e na propaganda entusiasta do Naturalismo, revela só por si a disciplina mental do escriptor, em todas as modalidades de que era susceptivel. Mas creio que sim. Porque essa mesma disciplina litteraria evoluiu logicamente, como um corollorio, d'essa forte disciplina philosophica, haurida nos livros de Comte e Littré, e que no cerebro de Alexandre da Conceição, poderosamente constituido, achou elementos de vida tão propicios, que diriamos que o seu cerebro de pensador se converteu elle mesmo, por mais grosseira que pareça esta expressão, n'um capitulo de positivismo. Era um moderno, era um Novo, na mais ampla, na mais complexa, na mais distincta e sábia accepção d'esta palavra. O que equival: a dizer, afinal, que era sem contestação um dos mais galhardos fidalgos da fidalguia intellectual d'esta terra — o unico talvez que conservou inviolado e inviolavel, até á hora de fechar os olhos no eterno somno da morte, o primor e o timbre dos seus escudos. Nasceu d'esse quasi isolamento em que se viu, como nasce no meio de um prado de flôres a herva venenosa, esse fundo de scepticismo que por vezes dava ás suas paginas de critica um tom de vivo sarcasmo, e por vezes á lingua da sua phrase a agudeza e o poder penetrante de um punhal. Isso foi muito no silencio abrupto da sua ultima phase, silencio de lobo em cujo olhar fuzilam coleras estranhas, cujo explosir teria o impetuoso fragôr de uma maldição. Do canto onde se acocorára, raivoso e desconfiado, para não incommodar com a sua sombra erecta e nobre os irmãos que elle supozera outros tantos apostolos do Bem, do Altruismo e da Verdade, do canto onde se acocorára, escondido atraz dos ferros-velhos da engenharia, o meu ouvido percebia a distancia, bem claro e bem distincto, um rosar de mastim descontente... E se calhava fallar das suas Esperanças, dos seus Sonhos, do seu ideal irrealisado, um ruido de cascaveis constituia o fundo d'essa melodia — como se fôra um lobo a cantar...

*

* *

Surprehendeu-o de chofre, na quadra dos meliores enthusiasmos, isso que elle erradamente suppoz uma affronta de Camillo aos seus deuses. Dois ou tres annos mais tarde, apenas, Alexandre da Conceição, teria deixado de se empenhar n'esse duello, que, de resto, abriu na sua vida litteraria o capitulo mais interessante e mais vivo. E direi o seu mais glorioso capitulo — visto que das actas d'esse duello consta a bizarra galhardia com que terçou armas com o Mestre, aguentando-se em guarda, nobremente, parece que chumbado á terra. Cahiu, por fim, como não podia deixar de cair. Mas n'esses duelos com o Mestre, o invencivel, o valor e a destreza do adversario tinham de avaliar-se não tanto pelo resultado final do combate, que era sempre de morte inevitavel sob a sua clave d'Hercules, como pelo tempo que o adversario conseguia aguentar-se na liça, no defrontar destemido com o gigante.

Ignoro se Alexandre da Conceição, passado o impeto do combate, reflectiu na sem-razão com que n'elle se empenhou, n'um impulso de jacobinismo litterario irreflectido. Parece-me, porém, que sim. Porque nada mais absurdo, e, direi, mais offensivo para as altas faculdades litterarias de Alexandre da Conceição, quando caissem, depois, no remanso da sua tranquillidade, do que esse irrisorio, ingenuo, quasi ridiculo pavor de que se deixou tomar o seu espirito, quando, da sua atalaya de sentinella avançada do Naturalismo, descobriu ao longe Camillo, vestido com a fardeta vermelha do Naturalista, caminho dos nossos arraiaes.

— Camillo! um «velho!» era lá possível?! A's armas!

E sem mais reflexões, sem mais aviso, aponta-lhe da atalaya a sua escopeta, alveja o, e ferra-lhe o primeiro tiro...

Como se áquella hora da sua vida, Camillo não tivesse já conquistado para a propria consciencia de Alexandre da Conceição, e mediante a sua centena e meia de livros, as dragonas de marechal em litteratura, operando na campanha das lettras pela tactica e pelos processos de Balzac! Nada mais injusto para Camillo que a essa hora escrevera já, em romances, os tratados mais completos de psychologia, isto é, de analyse intuspectiva, que é a formula mais difficil do Naturalismo.

D'esse modo, Alexandre da Conceição apenas conseguiu demonstrar que na sua noção de Naturalismo, a fórmula exterior, a phrase, o processo verbal, em summa, desempenha uma funcção demasiadamente absorvente e que por um momento se lhe afigurou a propria essencia do realismo. Quando a verdade é que foi exactamente essa fórmula exterior, que era demasiadamente artificial para ser sensatamente real, que teve quasi em cheque o Naturalismo, quando se começou a entender que este era a arte de mover mechanicamente o adjectivo... A *Corja* não mirou a demonstrar isso, a meu vêr; porque nem a riqueza extraordinaria do seu vocabulario, tão preciso e tão justo, se sujeitava á hypothese um tanto desdoirada de ataviar uma obra de troça. A *Corja* foi, pois, um producto de intuitos bem diversos, e, antes de mais nada, a affirmação em obra de cunho de que não ha balisas de escola, por mais altas, que detenham um vôo de genio. E se a *fôrma* é, com effeito, alguma coisa essencial ao realismo, essa *fôrma* convencional e amaneirada, ahí tem então na *Corja* a obra suprema do realismo, considerada a *Corja* objectivamente, isto é, na esthetica da sua fórmula. Subjectivamente, no desenho dos typos e dos caracteres, dos meios e das situações, o mais superficial criterio proclama as excellencias do livro como obra naturalista...

Mas, em summa, essa questão foi liquidada opportunamente... — e generosamente esquecida, depois, pela saudade de Camillo pelo morto, tão nobremente affirmada na imprensa, após o fallecimento de Alexandre da Conceição. As pazes foram feitas — essas pazes a que o Mestre chamou «a reconciliação entre dois mortos.» E já o estavam, afinal, havia muito. D'isso tenho eu a certeza, derivada das excellencias de bondade que constituam o caracter de Camillo. E quanto a Alexandre da Conceição, eu mesmo sou testemunha dos extremos de affectuosa admiração que nutria por Camillo, revelados quando uma vez, em Coimbra, elle me fez ir da Baixa para a Alta, por uma torreira de verão, ao meio dia, só para que lhe mostrasse uma leve referencia benevola que nas paginas da critica á *Ljra Meridional* Camillo lhe fazia.

Passo, entretanto, a recordar-lhes esse soneto com que o Mestre se despediu «com saudade» de Alexandre da Conceição, e no qual reponta, como verão, a reminiscencia da peleja que os dois pelejaram «com grande gaudio das galerias»:

Bem me lembra que o vi, na juventude,
Rosado pela aurora d'essa idade.
Eram prismas d'amor e d'amizade
Os carmes do seu mystico alahude.

Sendo fatal que degener e mude
A crença e o affecto e o bem da mocidade.
Sangram-lhe o peito espinhos de vaidade
Nos arranques da briga azeda e rude.

Mais tarde o encontrei. Já era o homem
Ralado por desgostos que consomem,
E põem na face um gesto acre e severo.

Se o seu bondoso riso era apagado,
Restava-lhe este honroso predicado:
Prégando o Socialismo, era sincero.

... versos que são por assim dizer a bênção pontifical em nome da Arte — enviando ao seio da Gloria o bom e honesto e honrado nome litterario de Alexandre da Conceição...

TRINDADE COELHO.

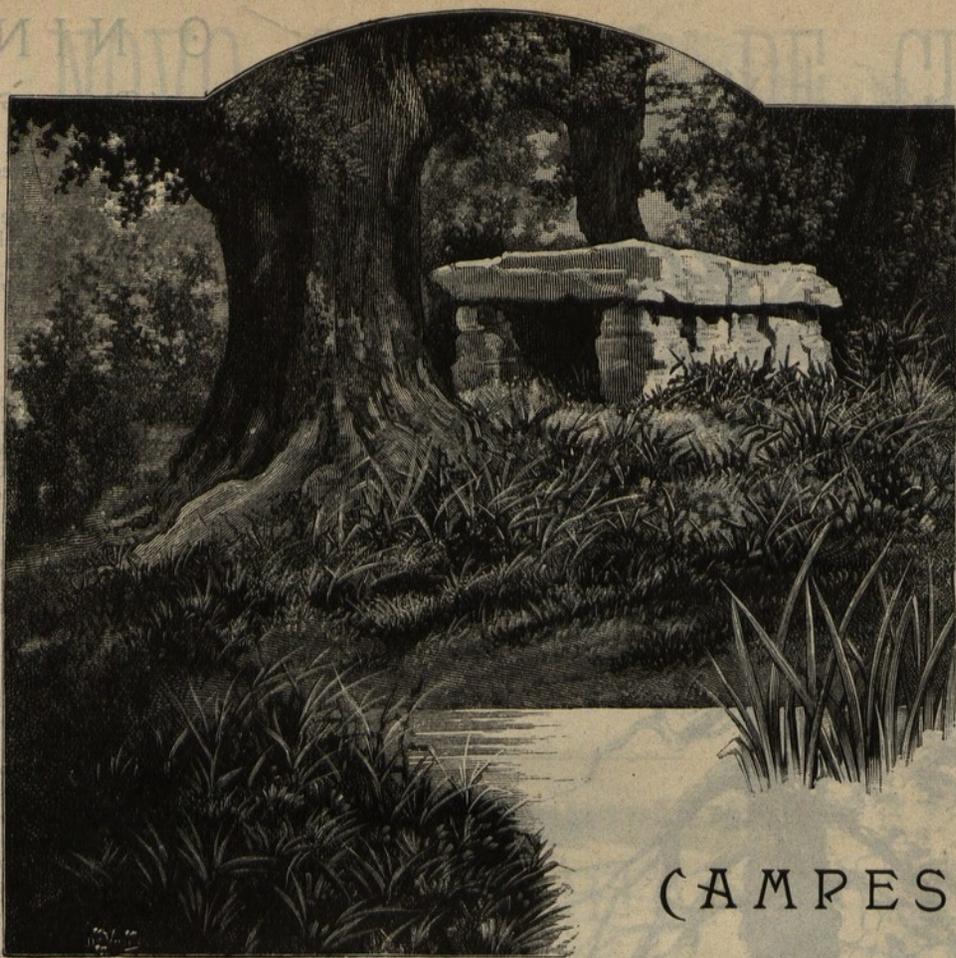
AS PRAIAS



TOMANDO BANHO

MANHÃ cedo, n'este meio outubro em que o frio corta, vêl-os ir, a tiritar, para as aguas marulhosas, é um prazer para o espectador que se não móilha e vae apenas á praia, para ares.

Lá cáe um, envolto n'uma vaga mais forte; ha gritos claros e esfusiantes que esguicham de gargantas atabafadas em pellicas. E emquanto o sol, no alto, canta uma hossanah de luz, rasgando o nevoeiro matinal, vae praia fóra uma alegria fresca, cortada de episodios hilares...



(AMPESTRE

Pelo campo em fóra, creancinha núa,
Tiritando ao frio, onde vae assim ?
Brinca nos seus olhos um albor de lua
E, na fronte virgem, como lhe fluctua
Uma aureola branca — d'algum Cherubim !

Onde vae, sosinha, pela madrugada,
Madrugada fria, de fazer horror ?
Ninguém passa ainda na deserta estrada...
E Ella já seguindo, tendo ao hombro a enxada,
E de pés descalços... Ai, Senhor ! Senhor !

Tendo ao hombro a enxada... que terrivel sorte,
A dos pobresinhos, como Esta é !
Antes no seu berço lhe sorrisse a Morte,
Do que andar no mundo com a Dôr por sorte...
— Triste condemnado de grilheta ao pé ! —

E lá vae serena — que serenidade
Na expressão do rosto, na expressão do olhar !
Na sua alma pura tudo é claridade...
Ai ! ditosa infancia, re florida edade...
Quem poderá ainda para traz voltar !

Não lhe rasga o seio o bysturi maldito
De brutaes desejos, de brutaes paixões !
Nem no céu profundo, longe, no infinito,
Retumbou ainda seu profundo grito
Feito de blasfemias e de imprecações !

Desconhece prantos, desconhece dôres
Dos que vão errantes pelo mundo além.
São de melodias, são de luz e flores,
De murmúrios brandos e de esplendores,
Os affectos puros que no seio tem !

Nem o frio e a fome, com a garra adunca,
Lhe poderam inda o coração rasgar :
Porque um Ser divino — que não vemos nunca —
Como que de flores os seus passos junca,
Como que de estrellas lhe illumina o olhar !

Quem podera, sempre, ser assim creança,
Ir por esses campos a cantar e a rir...
E sentir no peito — iris d'alliança —
Illusões e sonhos feitos d'esperança ;
Beijos e caricias de rosas a abrir !

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.

○ NINHO ○

(A Domingos Guimarães)

— **P**APÁ! Papá!...
E n'estes gritos vibrantes, e expansivos d'uma alegria extrema e d'um bem estar invejavel, a Rosina appareceu na volta da carreira do parque, em largos saltos, gargalhando como uma doidita, feliz como uma santa *corbeille* de virgens do Senhor. Rosina, que andara explorando os grappes arbustos proximos, encontrou na bifurcação de dois ramos occultos um ninho — grande achado! — um bonito ninho de pardaes, ainda com as avesitas n'úas e tiritantes a abrir o bico em desesperos infantis e laivos de susto simplesmente adoraveis. Um ninho de pardaes — grande achado! — A creança trepou, e com a mão-sita criminosa arrancou ao esconderijo o berço. E já descida, tremendo de emoção, veiu mostrar a sua conquista ao pae, que debaixo da latada e protegido do sol por uma vasta mancha de sombra, lia o jornal da tarde.

— Papá! Papá! Veja um ninho. . . Que lindo, pois não é?...

— E o que desejas fazer agora d'essa preciosidade?...

— Farei muito, papá. Vou pô-lo no oratorio grande, aos pés do nosso Santo Antonio, que é tão bom e tão bonito, e ensinarei os passarinhos a fa-

zer-lhe oração tal qual eu e a mamã lhe fazemos ás noites, sabes? pelos que andam em perigos de guerra e de inimigos ou sobre as aguas do mar... Não achas que faço bem, papá?...

E sem esperar resposta, Rosina foi-se de novo, correndo, a depôr o ninho com as avesitas no oratorio do santo querido da casa. Abriu a porta envidraçada do templosito, que estava todo em festa rija de rosas e lyrios frescos e perfumados, colhidos manhã cedo no jardim pela Engacia; e sempre gargalhando, sempre feliz, dirigiu-se á formosa imagem:

— Toma, este para ti, que és muito bonito. E com mil cuidados collocou o ninho junto aos pés do glorioso paduano; e levando as avesitas, ainda mui afflictas, com graça e amôr aos braços do menino Jesus, um menino gordalhudo, córado e nú, na habitual attitude de bater palmas á vista d'um doce tentador:

— Toma, os passarinhos serão teus, que a mamã diz que os meninos gostam muito de passaros!

O menino Jesus não a attendeu, claro — elle que estava alli ha vinte e tantos annos só a bater palmas a um bello doce que via longe e nunca lhe chegava ás mãos — pelo que os pardaes rolaram logo em dois trambulhões dos bracetos do pequeno para cima do largo e volumoso Evangelho onde assentava repimpadamente as gordas nalgas. Rosina exasperou-se:

— E's um mono, pois não gostas dos passarinhos! Eu direi á mamã que não te reze mais, espera lá...

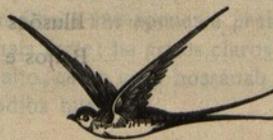
E foi pôr os pardaes nas petalas da açucena que o santo empunhava triumphante, onde ficaram excellentemente empoleirados, piando sempre, sempre assustados e deliciosamente infantis.

— Toma, são tambem para ti, que o teu menino é um mono e não os quer!

O Santo Antonio sorriu, e lembrando-se dos seus tempos de rapaz sentiu n'aquelle momento um desejo forte de devorar a beijos a face macia, rosada e fresca da Rosina alegre e buliçosa. Todavia, para não desmanchar a sua attitude honesta e celestial, dissimulou e nem sequer agradeceu á creança a sua delicada offerta. Entretanto Rosina, mais feliz, satisfeita e crente do que até'li, resava com mil fervores:

— Padre Nosso que estás no ceu, sanctificado seja o teu nome...

A. CAMPOS.



O NOVO SYSTEMA DE CURAR

DE

L. KUHNE

EXPOSIÇÃO, APRECIÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

Livraria do Editor

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

MANUAL

DE

ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro, broch. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

MANUAL

DE

GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

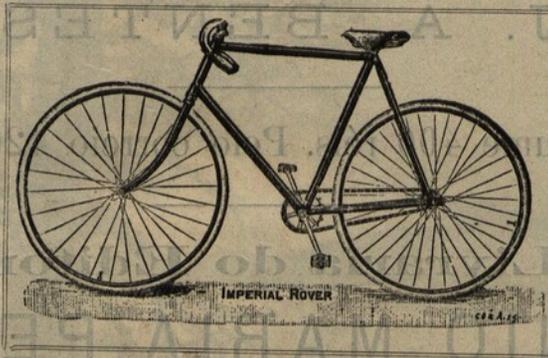
Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
África Portuguesa.....	650 »	1\$300 »	2\$600 »
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

ROVER CYCLES

OU BOM
OU NADA

11 Primeiros
premios.
6 Segundos
premios



1 Diploma de meda-
lha de ouro.
1 Diploma de meda-
lha de prata.

Na Rover não ha uma unica peça que não seja de superior qualidade.

ESPECIFICAÇÃO

SELLA — brooks N.º B 10.

QUADRO — (55, 60 e 65 centm.) é do melhor tubo Weldless (sem soldadura).

PEDALEIRO — 12 centm. de largura.

RODA DENTADA — desmontavel.

GUIADOR — reduzido.

PUNHOS — E. H.

AROS DAS RODAS — occos Westwood.

RAIOS — tangentes, reforçados nas duas extremidades.

PNEUMATICOS — da The Dunlop Pneumatic Tyre C.ª Ltd.

GARPHO — do melhor tubo Weldless (sem soldadura).

ALVADO — 12 centm. completamente impermeavel.

ROLAMENTOS — todas as caixas e rolamentos são feitos do aço DIAMANT, e temperados por um processo particular.

NICKELADOS — sobre cobre.

ACABAMENTO — esmalte extra-brilhante e adherente.

MANIVELLAS — quadradas

PEDAES — Rover, impermeaveis.

CORRENTE — Renold.

Com material tão escolhido junto a um acabamento esmerado, obtem o cyclista amador ou profissional uma machina de primeira ordem, tanto para a estrada como para a pista.

DEPOSITO DAS "ROVERS," CASA FAVORITA

50 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 52

AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA

Typographia e Stereotypla MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

BRANCO E NEGRO



UMA DESCONHECIDA

PREÇO 40 RÉIS

N.º 29

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
anuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.



PIANOS
HARMONIUMS
CORDAS
REBECAS
BANDOLINS, ETC.

ACCESSORIOS
PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS
MÚSICA

LAMBERTINI
43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior).....	"	240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello.....	\$400	e 1\$500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.....	"	050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	\$200	e \$200
OLEO «PREMIER» para lustrar instru- mentos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	\$200	e \$300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 29

LISBOA, 18 DE OUTUBRO DE 1896

1.º ANNO

BELLAS-ARTES



ROMEIRA — (Quadro de Julio Costa)

REPRODUZIMOS hoje um dos mais bellos quadros do distincto pintor portuense Julio Costa. Este artista, que se tornou sympathicamente conhecido nas exposições de pintura de Lisboa e Porto, é o principal promotor do certamen d'arte que annualmente se realisa no Atheneu Commercial Portuense. A sua obra de pintura é já extensa e assignala-se toda ella por uma firme segurança de desenho e por uma muito viva comprehensão de côr. Algumas das suas télas foram verdadeiros successos, consagrados pela imprensa e pelo publico. O quadro de que, hoje, damos a photogravura foi o grande exito da exposição d'arte no Atheneu do Porto, em 1883. A critica portuense celebrou essa obra como sendo um primor de pintura. Esse quadro pertence hoje ao importante capitalista sr. Joaquim Sotto Maior.

Convem recordar que o auctor da *Romeira* foi dos pintores portuguezes mais notados na recente exposição de Berlim.

SOUBE-SE um dia em Lisboa que tinha apparecido um assassinado para as bandas do Campo Grande, alta noite, mesmo ao pé do muro da quinta. Era em pleno estio, quando a população da capital emigra para todos os seus arredores. N'esse ardor annual de bucolica, a noticia caiu como um mensageiro de terrores, e a vida do campo creou subitamente, aos olhos dos emigrados, um aspecto torvo de crime.

Pairava sobre esse caso tragico um mysterio profundo. Não se suspeitava quem fosse o assassino. Não se calculava sequer que causa determinara o crime. Posta em campo, a polieia ncm ao menos conseguiu lançar-se n'uma pista falsa; faltavam-lhe completamente todos e quaesquer indícios, desde o rudimentar rasto de passadas até ao boato inexplicavel do povo.

O assassinado tinha um nome na sociedade elegante de Lisboa. Era novo, rico, alegre, sem inimigos, sem ligações aventurezas. Sabia marcar *cotillons*. Montava a cavallo. Estimavam-no sem reservas, como a uma creatura neutra pelo espirito e pela alma. Gosava a suprema ventura de não ser ninguem n'este mundo.

A autopsia ao cadaver, descoberto por volta da madrugada, estabeleceu que a morte fôra produzida por um tiro de pequeno calibre na fonte direita, com: largo derramamento interno e externo, e devia datar approximadamente das onze horas da noite. Nas algibeiras do morto tinham-se encontrado papeis sem importancia, dinheiro em oiro e em prata, o seu relógio e cadeia, uma lapiseira de marfim. Era evidente que não tinham assassinado aquelle pobre rapaz para o roubar. E ninguem se perdia em conjecturas, porque, na verdade, não havia conjecturas possiveis em face de tal extravagancia.

Minutos antes da descoberta do cadaver, vinha do Campo Grande, a pé, sósinho, pelo bello luar da noite, o Fernando de Moraes, um valsista infatigavel de todos os bailes do campo. Excellente moço, de uma finura precoce de nervoso, com delicadezas superiores á sua magra instrucção, necessidades estranhas e inconscientes de ideal,— tirára o chapéu ao fresco da noite, e vinha por alli fôra pausadamente, gosando o silencio em que apenas cantavam cigarras, e em que a lua derramava uma claridade alvacentas.

A partir do cotovello da estrada, o muro de uma quinta projectava a sua sombra no *macadam*, cortando-o em duas fitas de côres diferentes. Fernando, seguindo pelo mesmo lado em que vinha, entrou na zona da sombra. De repente, distraído, tropeçando em qualquer coisa de molle, caiu de bruços para a frente, com as mãos estendidas. As suas mãos bateram n'uma superficie fria e molhada; e quando elle rapidamente se quiz firmar para se pôr em pé, encontrou cabellos, o seu olhar já habituado ao escuro reconheceu um cadaver alli estatelado, de ventre para o ar, com a cabeça um pouco de lado, livida e horrorosa sob o luar alvcento.

Pôz-se a pé de chofre, gelado até á medulla, sentindo-se aniquilado e pallido como aquelle defuncto. Depois, afastou-se estugando o passo, com as pernas tremulas, a garganta contrahida por um terror. Vinte passos andados sentiu atraz de si patadas de cavallos avançando vagarosamente; e no silencio da noite, ouviu o tilintar dos freios. Depois, o baque surdo das patadas parou; e ao cabo de um minuto, Fernando ouvia apitarem como desesperados, com um rolar ininterrupto de assobio, emquanto que as patadas dos cavallos se precipitavam na sua direcção. Cheio de um medo irracionado, subitamente galvanizado no seu terror que o punha tremulo, deitou a correr com quanta força tinha. A pequena distancia, enfiou por um atalho sombrio que desembocava na estrada; quasi ao mesmo tempo, dois municipaes a cavallo passavam á desfilada na estrada, atraz de si, arrebatados n'um galope infernal, apitando sempre.

Viu luz a pouca distancia, no escuro, e correu sempre, direito a ella, cego para tudo que não era ella. Tropeçou n'um barranco, levantou-se immediatamente, tornou a correr, mais adiante tropeçou outra vez n'uma arvore caída, poz-se a pé, e chegou esbaforido á orle de um caminho, depois de ter andado alguns cinco minutos por entre campos. A luz estava do outro lado do caminho, agora, mas ficava a muito maior distancia do que o fizera suppôr a escuridão. Parou, instinctivamente; seria denunciar-se, apparecer assim alvoroçado diante de alguem.

Reconheceu uma taberna ainda aberta. Deu umas sacudidellas ao fato, verificou se teria o chapéu amolgado pelas quedas, compoz o laço da gravata encarnada. Depois, atravessando o caminho, chamando a si todo o animo, entrou, bateu palmas. A taberneira acudiu lá de dentro, chegando a sua cara enghada de velha á luz baça da cadeia pregada na porta interior.

— Dê-me... dê-me aguardente, disse Fernando.

E pensava:

— «Se eu estarei pallido! se eu estarei tremulo!...» —

Sentára-se, quasi se deixára cair sobre um banco de pinho alinhado com uma extensa mesa, ao fundo sombrio da taberna. A velha trouxe-lhe uma grande garrafa branca, oitavada, cheia de um liquido turvo, d'um amarelado ligeiramente vinoso, e um copinho. Não fallou, tinha olhos de somno, parecia casmurra de a terem i. o incommodar. E retirando-se logo para junto da porta interior, agachou-se no chão com os braços cruzados no peito, e a cabeça pendente, como para continuar o somno interrompido.

Fernando encheu um copinho, e ia leval-o á bocca, machinalmente, quando os seus olhos se fixaram na sua mão cortada de laivos de sangue já secco, de um vermelho escuro. E voltou-lhe todo o seu terror. A espaços, considerava-se verdadeiramente assassino, e horrorisava-se de si proprio. Poisou o copo sem beber, e metteu a mão no bolso do casaco, como quem esconde um facinora n'um cacifo. Depois, sentiu-se branco como a cal, pensando de novo:

— «Estou decerto cheio de sangue... talvez com sangue na cara, com sangue no fato...» —

E estremecendo, viu defronte de si a velha, imaginou que ella o espionava com o seu perfil adunco, presentiu-se denunciado por ella. Teve impetos de deitar outra vez a fugir, e de correr, de correr sempre para a frente, doido, com a cabeça vasia de intenções e de pensamentos, até ao fim do mundo, vertiginosamente, n'uma fuga phantastica adeante dos esquadrões de cavallaria que o perseguiriam tambem sempre, apitando. Então, n'um esforço violentissimo da sua vontade contra o seu terror louco enguliu de um trago o copinho cheio, encheu outro e bebeu-o, depois encheu outro, e outro, e outro, enguliu-os sem quasi saber o que fazia, bateu na meza com cinco tostões que tilintaram acordando a velha, e saiu sem esperar pelo troco, e metteu-se a caminho ao acaso, como um espectro, olhando sem ver, com o cerebro cheio de allucinações atrozes, até que caiu n'um vallado e adormeceu como uma pedra, vendo em torno de si uma dansa macabra de cadaveres lividos, empastados de sangue.

Quando acordou era meio dia, entrava lhe o sol pelo quarto dentro; e Fernando, erguendo-se meio estonteado, com uma vaga recordação muito confusa da sua terrivel noitada, notou que a unica porta do seu quarto estava fechada á chave por dentro, e que uma accumulção de moveis formava barricada de encontro a essa porta. Fez-se então mais nitida, no seu espirito, a evocação dos acontecimentos da noite. Voltou-se, o seu fato estava sobre a cadeira do costume, e tinha vestigios de lama. De repente levou a mão direita aos olhos; e viu-a, — cortada de laivos de sangue já secco, de um vermelho escuro. Era pois verdade tudo! Mas como viera elle alli parar, depois da queda examine no vallado, apoz a qual nada se lembrava?

Entretanto, o luminoso sol, o movimento da rua, o dia — entravam-lhe agora no cerebro e clareavam-lh'o;

e expulsavam de lá os terrores phantasticos, — simplesmente os terrores irraciocinados. Fernando via agora os factos lucidamente, e apenas estabelecia no seu espirito este aphorismo sensatissimo :

— «Se se lembrarem de propalar que furtei subrepticamente o zimborio da Estrella, a primeira coisa que tenho a fazer é fugir para o estrangeiro, e justificar-me depois de lá...» —

Raciocinou então o seu caso, methodicamente, e poz-se á obra. Examinou nas menores minuciosidades o seu vestuario, encontrou uma nodoa de sangue no collete, outra no lenço da algibeira. Accendeu uma vela, queimou o lenço, fez depois uma larga queimadura no collete. Procedeu em seguida a uma revista supplementar, e reconheceu que tudo o mais estava em perfeita ordem. Então, fez a sua *toilette* com precauções infinitas, empregando todos os sabonetes, todos os cosmeticos ; e degredando para o fundo do seu bahu o seu vestuario da vespera, vestiu-se todo de novo, — sempre com a porta implacavelmente fechada como um homem que fizesse moeda falsa. Depois, desarrumando os moveis encostados á porta, saiu, foi almoçar ao restaurante, e andou todo o dia alegre, mal pensando de tempos a tempos na sua aventura da vespera.

A noite, no *Martinho*, os seus olhos caíram sobre um jornal em que vinha a noticia do funebre achado, e acertou logo com estas palavras : — «*O cadaver tinha dedadas de sangue na cara. A policia anda na pista do assassino.*» — Teve um calafrio, turvou-se-lhe instantaneamente a vista, como se visse os beleguins deante de si.

E todo o horror da noite precedente lhe voltou, viu se caindo sobre aquelle corpo inerte, as suas mãos palpando o frio humido do rosto do cadaver, os seus dedos ficando assignalados em sangue na face do morto. Olhou de repente para as mãos, e pareceu-lhe vel-as cheias de sangue ainda fresco e mórno, fumegando como ao esgúchar da ferida de um assassinado. Ergueu-se, cambaleando ; e levantando a golla do casaco, derrubando para os oltos o chapeu, cosendo se com as paredes, escondendo-se na sombra, tremendo e ficando-se palpitante ao ver alguém que parecia dirigir-se-lhe, foi metter-se em casa com precauções de ladrão, com esquivanças de assassino que se evade.

O escuro da escada fez-lhe medo, via de repente alvorecer em certos pontos da treva a face livida do cadaver — do seu cadaver — e tomar-lhe os degraus. No seu quarto fechou-se por dentro, accendeu luz, e passou toda a noite sentado n'uma cadeira, absolutamente immovel, na attitude boquiaberta e desvairada do assombro perante qualquer coisa de infinitamente horroroso, tendo um solavanco electrico a cada rangidosinho do caruncho nas madeiras, pelo silencio cavo da noite.

Por volta da madrugada, adormeceu.

Viu-se deitado n'um esquite, assassinado, com um buraco de bala na frente ; e assim morto, atrozmente pallido, com as mãos encruzadas sobre o peito, um policia da segunda divisão agarrava-o pelo hombro, dizendo-lhe :

— «Está preso ! ande lá p'r'a esquadra !...»

Teve um sobresalto e acordou. Ao cabo de cinco minutos, adormeceu de novo.

Viu-se na estrada do Campo Grande, por horas mortas da noite, fazendo uma espera ao assassinado, apertando na mão crispada um punhal. E esse punhal era feito de uma velha gazeta, mortiferamente retorcida. Mas uma patrulha da guarda municipal surprehendia-o, e forçava o a confessar o seu criminoso intento, apontando-lhe á cabeça, com arrego, um apito.

Acordou de novo, alagado em suor frio. Era manhã clara. Seriam oito horas.

Levantou-se, marchou machinalmente para a porta n'um passo hirto de phantasma, e saiu. Um amigo disse-lhe na rua, rindo :

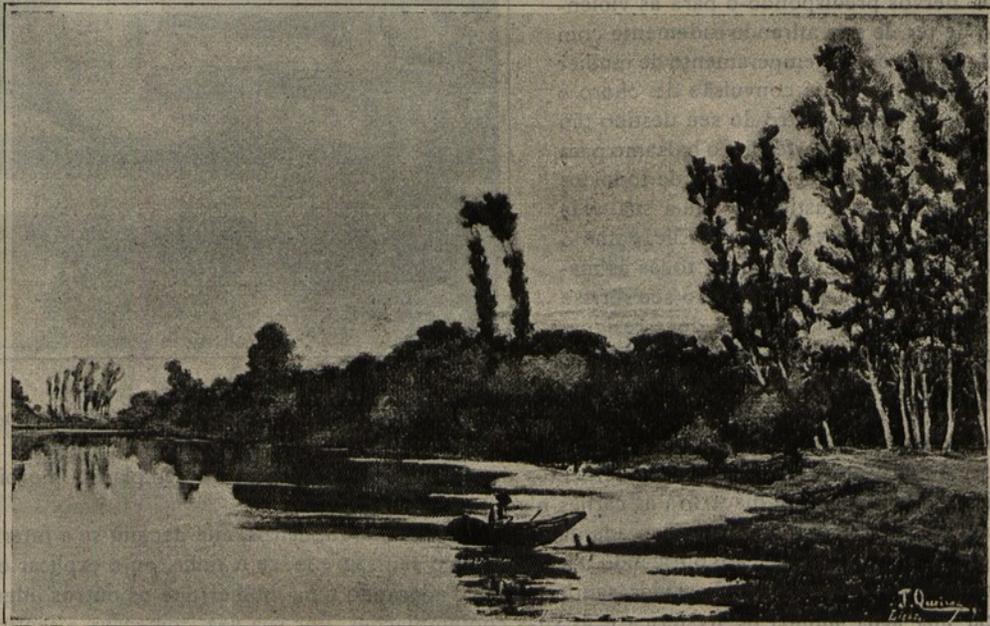
— «Vaes sem chapeu ? !...» —

Não fez reparo nas palavras nem no facto. Entrou n'um commissariado de policia, e contou ao commissario :

— «Venho dar-me á prisão. Fui eu que matei esse homem no Campo Grande. Matei-o agora mesmo... porque precisava absolutamente de matar esse morto...»

BELDEMONIO.

ALVERCA



(Quadro de José Queiroz)

VIRGEM

Da janella elle via-a inclinada para os tuffos de morangueiros, com o seu ar indifferente de rainha, a linha branca do pescoço destacando no fundo negro das rendas do corpete. Vinha-lhe um desejo de a possuir, de prolongar uma doce lua-de-mel, sós a sós os dois. E pensando nas luctas sustentadas contra a sua inexplicavel castidade, revoltava-se, tinha arrancos de raiva, enterrando os punhos no ar vago, com desejos loucos de esganar alguem. Porque esse desespero matava-o. Tinha perdido as côres, adelgagara-se-lhe o perfil, a sua pelle tinha já o tom doce do ambar. Porque havia de o repudiar assim? Que motivo secreto teria essa mulher, que elle quebraria com os seus musculos d'aço, para se envolver n'uma nuvem de puberdade inatacavel, afastando-o sempre com o seu gesto soberano? Pensou primeiro se não seria um antigo amor sepultado no mysterio de seu coração, amor de hystérica apegada a um preconceito banal, restos ainda de uma superstição religiosa e melancolica. Mas não. O seu ar era despreocupado, como quem não sente uma saudade que amorteça os olhos n'um langor e faça chorar ao vir o pôr de sol quebrando na espinha das serras. Era mesmo de uma infantilidade ingenua. Só amava as flores, que tinham para ella o grato encanto de um namoro; muitas vezes a surpreendeu em conversa intima com os cravos cuja côr vermelha gritava entre os canteiros, escorrendo uma vida cheia de encantadora volupia e de morbidos spasmos amorosos. Mas eram sobre tudo as rosas pallidas que a prendiam; n'um roseiral todo branco que parecia tocado de luar, debruçada sobre a estrada, era o seu poiso predilecto. Ahi parecia beber uma outra existencia toda mysterio, cheia de segredos e de magia, de coisas vagas que lhe entornavam na alma uma quietação tão divina que os seus cabellos, afflorados pelo sol, radiavam como a aureola d'um santo entre os lumes de um altar. E se presentia que a espreitavam n'aquelles arroubos onde se ia todo o seu entusiasmo e todas as suas crenças, andava todo o dia amuada como uma creança a quem tivessem batido e mostrava um supremo desdem por os que á sua roda conviviam. Vinham então as pequeninas questões de familia, sem causa, tão estereis mas tão prolongadas que o punham n'uma irritação brutal e lhe aguçavam os nervos predispondo-o para as violencias, a ponto de ter de sair atirando rudemente com a porta. Então, todo o seu temperamento de mulher hystérica trasbordava n'uma convulsão de choro e chamava por Deus, como arbitro do seu destino tão cruel. Via n'Elle a suprema perfeição, o balsamo para todas as feridas, aquelle que a livraria de todos os tormentos, de todas as angustias de que a sua vida estava cheia. Não acreditava senão n'Elle, como o refugio derradeiro onde se vão acoitar todas as maguas, o Ser cheio de graça que estende o seu sorriso alado a todos os infortunios, dando a doce resignação aos desesperos e formando-os da paciencia de que resam os Evangelhos. Sahia mais calma d'essas luctas, fiada na suprema omnipotencia, com os olhos cravados no azul dos céos onde lhe parecia ver Deus, de sorriso meigo, e tender para ella a sua mão cravejada de pedras que despedia raios. Era então que o seu desdem tomava uma forma mais altiva, alhejada dos incidentes da vida, abysmada n'uma contemplação morbida que lhe cavava olheiras de violeta, e lhe macerava as carnes n'um tom doce de cêra.



Mas n'essa tarde, vendo-a da janella curvada para os tuffos de morangueiros, elle decidiu-se a interrogar-a, serenamente, sem sombra de irritação, obrigando-a a confessar o seu segredo, se o tinha, ou a explicar o seu modo de proceder. Estava já cansado d'essa vida sem esperanza, adorando uma mulher que os outros julgavam sua e que pertencia aos seus sonhos de hystérica e ás suas contemplações. Por sua vez, começava a sentir cansada a paciencia e o seu amor proprio soffria de todo aquelle desdem sem causa conhecida que lhe confrangia o coração r'um desespero. Principalmente os domingos eram para elle um dia de indizível tortura. Vinha a familia, — a mãe,

os irmãos, os parentes, n'um alegre alvoroço, jantar á quinta. Tinha de se mostrar affavel, e ver, como os outros, tudo côr de rosa, quando a sua visão era negra; rir, contar historietas do campo, alegres passeios sob as arvores. E como a sua vida era muito differente, amodorrado em casa, a debater-se com a sua dôr, tinha lacunas na palestra, descachidas melancolicas e cheias de fel que aguçavam a curiosidade e a espicaçavam. Fugia então, pretextando uma ordem a dar e corria pela quinta, ao acaso, como um doido, esbarrando nas raizes que serpenteavam pela terra, parecendo-lhe ouvir sempre a musica chilrante dos risos que lhe alagavam a casa.

Ella é que nem parecia dar por tal. Essa mudança brusca nos costumes do marido não a feria. Sempre entregue aos seus extases, vivia mais uma existencia interior do que exterior, de modo que o ruido era para ella como a queda d'agua de uma fonte que não lhe perturbava as doces cogitações. Que lhe importava o gorgear das aves, a marcha ousada do vento agitando os ramos ou os gritos sonoros dos lavradores, no campo?

Não os ouvia; eram terrenos demais para o seu temperamento divino, que se deleitava olhando o azul do céu, as nuvens brancas correndo, e á noite, o brilho côr de oiro das estrellas.

Essa indiferença que os outros não notavam via-a elle e sentia-a; por isso, descendo ao jardim, ia resollvido a ter uma explicação decisiva que lhe puzesse um termo ao soffrimento. Encontrou-a já sentada á sombra d'um caramanchão de madresilvas, com um molho de cravos no regaço. Olharam-se ambos como se tivessem sahido de um suave sonho: Ella, com um sorriso a desabrochar nos labios côr de lacre, elle tremulo como um namorado pela primeira vez a sós com a mulher que ama. Já se não atrevia a lançar-lhe em rosto todos os desdens com que ella o acabrunhava e ficou-se de pé, sem uma palavra, vendo-lhe a linha branca do pescoço que se perdia, immaculada, entre as espaldas.

Foi ella que o tirou d'aquelle enleio. Fel-o sentar junto de si, com uma ternura de creança; pegou-lhe nas mãos, e com os olhos mergulhados nos d'elle, sem uma perturbação, sem uma commoção, sem tremer, começou a contar-lhe as suas reverias, o sonho de ir para Deus, entre um cõro doce de anjos, viver uma outra vida nas perennes delicias, nos confortos divinos e cheios de graça. Pedia-lhe perdão de o ter enganado inconscientemente, de ter julgado que podia amar. E se elle renunciasse a tel a por mulher, ficaria sendo a sua escrava, com a resignação dos Santos, feliz por poder prestar-lhe algum serviço que não dependesse senão da sua vontade.

Elle ficou pasmado, sem uma accusação que podesse formular, preso ás suas palavras, comprehendendo agora toda essa superstição religiosa que punha entre ambos uma barreira insuperavel. E vendo lhe os olhos tão limpidos e cheios de ternura, uma grande piedade o invadiu, desculpando essa loucura hysterica, essa tendencia para o mystico que lhe roubava a sua illusão mais cara. E afastando-se a passos vagarosos por entre os altos tufos de flores, o seu olhar parecia errar, soluçante e perdido, como se a sua alma acabasse de morrer n'essa explicação que lhe tirava uma virgindade e a entregava a Deus.

(Trecho de um livro inedito).

DOMINGOS GUIMARÃES.

As Manobras do Outomno



EL-REI E A RAINHA PASSANDO REVISTA ÁS TROPAS

LENDAS POPULARES

A PONTE DA ALLIVIADA

HA, por esse paiz fóra, amováveis lendas que são de um grato encanto ouvir contar aos serões, n'estas compridas noites de inverno que principiam agora.

Dando hoje a da ponte da Alliviada, nas cercanias do Marco de Canavezes, pedimos aos nossos leitores da provincia que nos enviem as que souberem, com a photographia ou desenho dos pontos a que se referem.

No livro *Tradições populares de Portugal* vem a seguinte lenda:

«Quando o diabo fez a ponte da Alliviada, chamou S. Gonçalo que andava a fazer a de Amarante e disse-lhe que a nã benzesse; mas o santo ergueu a bengala a modo de cruz, assim como quem ao fallar aponta; o diabo então fugiu para cima de um monte d'onde começou a atirar pedras ao santo, as quaes elle desviava. — Diz-se que n'esta ponte o diabo fritava sardinhas, cujo chiadouro é ouvido por quem passa. A pessoa que cahir á agua debaixo da ponte, nunca mais apparece. N'esse mesmo sitio vagueia á meia noite um phantasma embrulhado em um lençol. — Quando um pae diz a um filho: «Diabos te levem», á hora em que o padre diz na missa: *Amen*, o diabo leva a creança para a ponte da Alliviada. Depois é preciso ir lá o padrinho, a madrinha e um padre. O diabo pergunta d'entre os penedos: «Como queres a creança? Como veio, ou como está?» Se lhe respondem: «como veio», a creança sahe bem; se lhe respondem: «como está», sahe negra e come bichos, que é o sustento que o diabo lhe dava.»

Ha ainda outras variantes ouvidas por José Augusto Vieira e que elle conta assim no *Minho Pittoresco*:

«Na *Alliviada* — contaram-nos — está o caminho para o inferno, e ahi está tudo o que se dá ao diabo, menos o pão.

«Quando se lhe dá alguma creança, é preciso depois il-a *requerer*, chamando-a por tres vezes pelo nome proprio, á hora da meia noite, e quando se c'lega a casa a creança está já livre do inimigo.

«A ponte foi construida pelo diabo em despique a S. Gonçalo. Este, conversando com elle, disse que ia fazer a ponte de Amarante, e o diabo disse-lhe que faria a da Alliviada. Ora o diabo foi vêr a ponte do santo; este veio vêr a do diabo e achou-a melhor que a sua; mas como o diabo lhe tinha pedido que não a benzesse, e o santo assim o havia prometido, sophismando a promessa disse, traçando no ar uma cruz com o seu cajado:

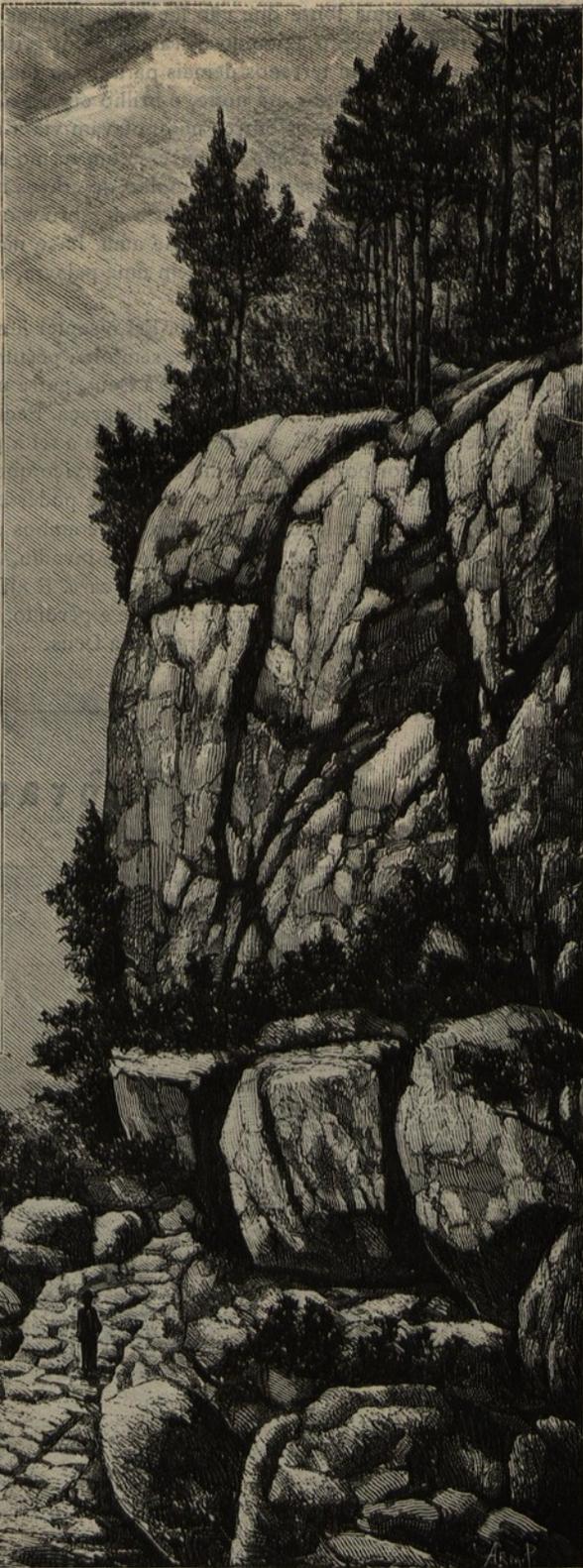
«— Se tu fosses por aqui como vaes por alli...

«E a ponte derruiu logo com grande estrondo, ficando o diabo muito pêrro.»

«Em outra variante é Santo Antonio que figura, como impedindo que o diabo destruisse a ponte, o que parecer conseguido apenas na occasião

«A fritura das sardinhas é na variante que ouvi, feita por uma moura encantada, que se punha no estreito caminho, a fazer essa operação culinaria.

«As sardinhas cheiravam muito bem a distancia e attrahiam os viajantes, mas quando estes as tocavam ellas transformavam-se em excrementos seccos, desaparecendo instantaneamente a moura, dando grandes gargalhadas de escarneo.»



O Zzar em França



O zzar, a tzarina e a grã-duquesa Olga

cas que escondem muitas vezes intuitos de ordem interesseira e que, portanto, estriam de um momento para o outro, mas com effusões partidas do mais intimo do coração dos dois povos!

Os jornaes de todos os paizes têm discutido este ponto que é um dos mais controversos da politica europeia e que marca na historia modernissima um ponto de partida, talvez, para grandes feitos no futuro. Olham uns esta alliança como geradora de graves perturbações, e sendo, talvez, o inicio de uma gravissima conflagração os mais optimistas, pelo contrario, vêem n'ella uma aurora de paz e de calma para a humanidade.

A indole do nosso jornal foge á discussão d'esse ponto e por isso nos limitamos a dar as impressões colhidas nos jornaes de todas as facções. O que é, porém, licito accentuar a qualquer que viva desprendido e alheio a estes factos da politica internacional, é que a visita da Russia autocratica á França republicana marca o inicio de uma grande era de prosperidades que não estará já muito longe.

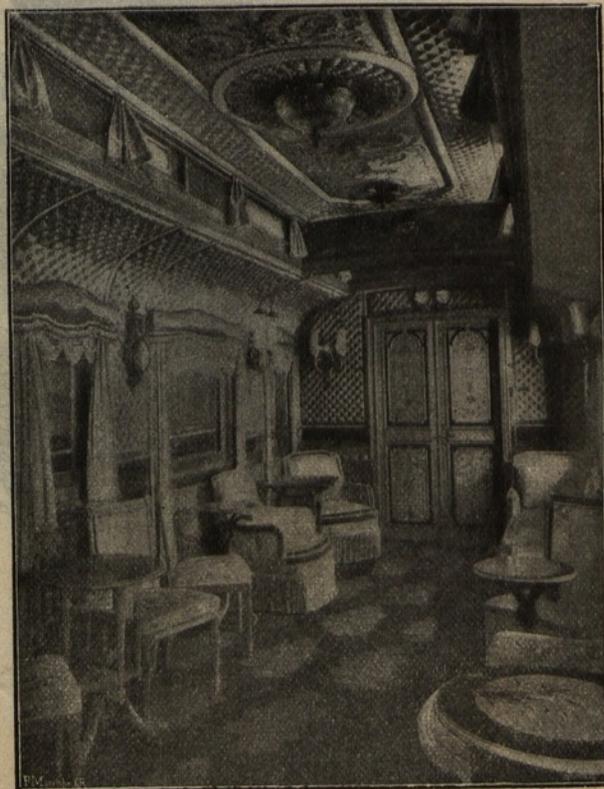
*
* *
*

Damos hoje em photogravura os retratos do zzar, da tzarina e da princeza Olga, bem como o salão do comboio imperial, que era de uma sumptuosidade verdadeiramente oriental.

A GORA que o poderoso senhor de todas as Russias abandonou a França, que o recebeu no meio de festas delirantes e de louco entusiasmo, juncando-lhe o caminho de flôres e saudações e sellando assim de vez um pacto de alliança duradoura, póde a velha Europa dormir um pouco mais tranquilla á sombra da amizade d'aquelles dois colossos—um com o seu arreigado amor patriotico que não cede diante mesmo da estouvance do seu temperamento irrequieto, o outro com a sua forte organização de povo do Norte, rigido e guerreiro, tendo a força esmagadora que não olha a obstaculos para chegar ao seu fim.

E' um caso unico na historia moderna este abraço fraternal de duas nações separadas por desigualdades de systemas, em contraposição perfeita,—uma roubando tudo á liberdade e concentrando n'uma unica mão todos os poderes, absorvendo todos os direitos e dictando por si só todas as leis, a outra ampliando as regalias da collectividade, fazendo leis a contento dos seus concidadãos, alargando prodigamente a liberdade de pensar e de escrever, dando a cada individuo direitos e poderes á sombra de leis liberalissimas que lhe permitem a sua independencia e que lhe dão, no mundo, uma supremacia áparte.

Este facto não tem talvez uma explicação tão facil como se imagina á primeira vista. A Russia, a forte entre as fortes, a omnipotente, a absoluta, a despotica, apertando effusivamente a mão á França,—não com as effusões diplomati-



O salão do comboio imperial



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O CARVOEIRO

ERA uma vez um rei, que gostava muito d'ir á caça. Um dia perdeu-se da sua gente, e encontrou-se só n'um grande bosque onde viu um carvoeiro, que andava trabalhando. O rei dirigiu-se para elle e perguntou-lhe :

— Com tanto trabalho que tens deves ganhar muito dinheiro.

— Eu, Senhor, ganho doze vintens por dia. Quatro empresto-os, quatro são para pagar uma divida e os outros quatro para eu e minha mulher vivermos.

Ficou o rei muito admirado e quiz saber como eram aquellas contas. O carvoeiro explicou :

— O emprestimo, é crear os filhos que depois trabalharão quando eu não poder. A divida, é sustentar os meus paes, que são já velhinhos e nada podem fazer. Os outros quatro vintens é para comermos nós dois.

Ficou o rei contente com a explicação e disse-lhe que não a desse a mais ninguem sem ver a cara d'elle cem vezes. O carvoeiro assim o prometeu e o rei foi ter com a sua comitiva. Mas, logo que chegou ao palacio mandou reunir todos os seus conselheiros, ministros e mais dignatarios da côrte e disse que lhe explicassem como podia um homem com doze vintens pagar uma divida, fazer um emprestimo e sustentar-se e á mulher. Acrescentou ainda : aquelle que decifrasse o enigma ganharia a sua confiança e os outros seriam desterrados ou mortos porque na sua côrte não queria ignorantes nem brutos.

Ficaram os sabios afflictos e os que não eram sabios estudaram de noite e de dia, mas, por mais que matutassem não podiam sahir d'aquella. O primeiro ministro, que era um velho muito esperto, andava triste como a morte por ver que d'uma só vez perdia os seus bellos creditos. Descoroçoado de todo foi um dia passear para o bosque onde se sentou a chorar. D'ahi a pouco veio o carvoeiro e perguntou o que tinha Sua Ex.^a para estar assim triste.

Contou o ministro o que o rei tinha dito e o carvoeiro consolou-o :

— Que lhe desse cem peças d'oiro com a cara do rei que elle lhe ensinava o que era. O ministro contentissimo foi buscar as peças d'oiro e deu-as ao carvoeiro.

No dia em que o rei tinha mandado reunir o conselho perguntou a todos a resposta á sua pergunta e ninguem a soube dar ! Então o primeiro ministro pediu licença e disse o que era com grande admiração e inveja de toda a corte. O rei ficou muito zangado e foi d'alli ter com o carvoeiro para o mandar matar por elle ter desobedecido. O homemsinho não teve medo, foi buscar as cem peças e mostrando-as ao rei disse :

— Vossa Magestade ordenou-me que não desse a explicação sem ver a sua cara cem vezes e como o seu ministro me deu estas cem peças que a têm, cumpri as suas ordens.

O rei riu-se muito e ficou tão contente com o carvoeiro, que por força lhe queria dar um premio. Elle não desejava mais nada do que tinha ; estava assim muito bem, não precisava nada. Mas o rei tanto teimou, que por fim disse-lhe :

— Pois eu só acceito de Vossa Magestade uma coisa.

— Diz-lá homem. E' isso que eu desejo. Tudo te farei.

— Só quero que Vossa Magestade me dê o direito de receber 5 réis de cada marido que tenha medo da mulher.

— Isso é um disparate que não tem rasão de ser. Pois é possivel que haja algum homem tão idiota que se deixe governar pela mulher ? ! Não, cá no meu reino não has-de tu ganhar muito e então pede outra coisa, que eu quero dar-te uma fortuna

— Se Vossa Magestade me não dá isto, outra coisa não acceito.

Tanto teimou que o rei concedeu-lhe o direito que elle pedia e foi-se embora.

Passou-se tempo e um dia que o rei estava na varanda do seu palacio viu uma carruagem muito bem posta, e dentro, feito um figurão, o nosso amigo carvoeiro. Mandou-o logo vir á sua presença e perguntou-lhe como tinha aquella fortuna. Respondeu elle :

— Com o direito que Vossa Magestade me deu. Eu já conto como o tenho exercido, mas primeiro vou descrever uma mulher que vi ha pouco. Senhor, ella tem nas faces o colorido da rosa ! Os seus cabellos são loiros como os trigaes maduros ! A sua bocca é vermelha como os morangos perfumados ! As suas mãos compridas são como lirios elegantes ! A andar parece a imperatriz das fadas ! Os seus olhos, Senhor ! Não ha nada com que os compare !...

Estava o rei muito entusiasmado a ouvir o carvoeiro feito fidalgo, quando este viu a rainha que chegava e continuou mais alto :

— Emfim, Senhor, ella é tão linda que só a acho digna de Vossa Magestade !...

O rei muito afflicto, atalhou logo :

— Falla baixo, que vem ahi a rainha !

O carvoeiro desatou a rir e disse :

— Ah ! tambem ? !... Passe para cá 5 réis.

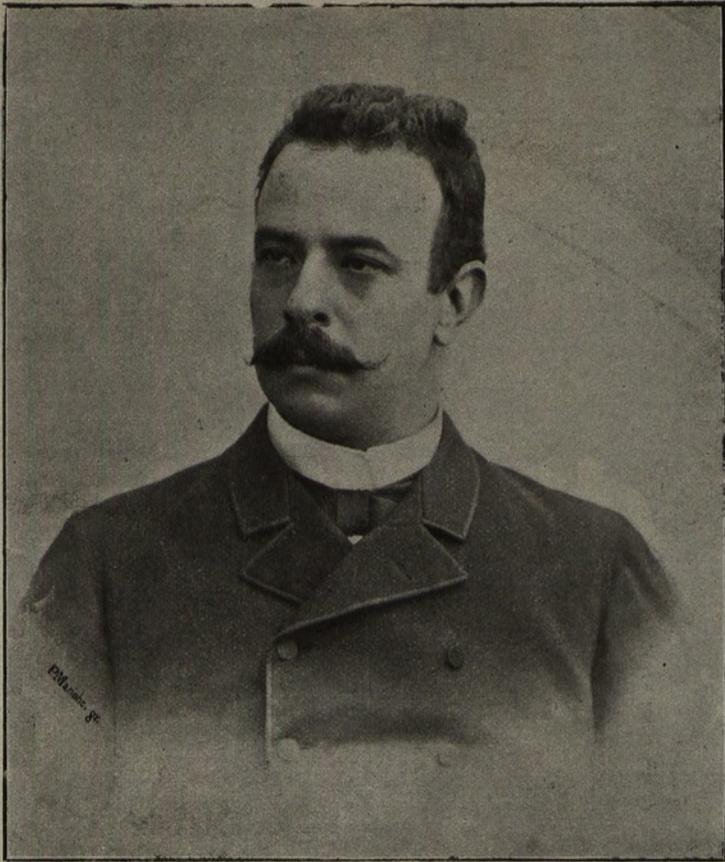
O rei, envergonhado, não teve remedio senão confessar que era muito facil fazer fortuna cobrando 5 réis de cada homem que tivesse medo da mulher.

Setubal, outubro 96.

42

ANNA DE CASTRO OSORIO.

O Museu Municipal da Figueira da Foz



Dr. Antonio dos Santos Rocha, fundador do Museu

ENCHE a nossa alma uma intensa alegria ao ter de render homenagem ao talentoso advogado e benemerito conservador do Museu Municipal da Figueira, sr. dr. Antonio dos Santos Rocha apresentando dois traços biographicos do illustre homem de sciencia, acompanhados do seu retrato e d'uma descripção do magnifico estabelecimento por elle organizado á custa de tantos esforços e de todos tão justamente apreciado e admirado.

Se o dr. Santos Rocha não se impuzesse ao respeito e á sympathia de todos pelo seu caracter extremamente amavel, e dotado da maior delicadeza e affabilidade, bastariam as suas poderosissimas faculdades de trabalhador e a fórma distincta como cultiva a sciencia e a litteratura para que das paginas d'este bello semanario surgisse a sua physionomia insinuante e sympathica a que servem de moldura estas pobres linhas, pobres na verdade, mas transpirando uma grande sinceridade.

O sr. dr. Antonio dos Santos Rocha nasceu na Figueira aos 30 d'abril de 1853. Foram seus paes o sr. Manuel dos Santos Rocha, proprietario e capitalista e a sr. D. Maria Adelaide de Sousa Rocha, filha do honrado negociante sr. Manuel José de Sousa.

Concluindo os preparatorios, durante os quaes deu eloquentes provas da sua intelligencia e do seu amôr pelo estudo, matriculou-se na Universidade na faculdade de direito, concluindo em 1875 o curso com distincção.

Estabeleceu então banca d'advogado na Figueira, conquistando desde logo numerosos clientes ao mesmo tempo que

começava a preocupar o estudo da antiguidade e sobretudo a archeologia prehistorica. Desde esse tempo o illustre filho da Figueira tem revolido a gleba da historia, já compulsando os documentos de eras remotas, já excavando com a mesma consciencia e não menos paciencia as montanhas e os valles, não só da Figueira, mas de grande parte do Algarve, ao qual costuma fazer todos os annos excursões scientificas, cujos resultados vão augmentar o valor do museu d'esta cidade e de que dá conta nas suas interessantissimas memorias com que tem enriquecido as bibliothecas dos eruditos.

O dr. Santos Rocha é auctor, entre outras obras, das seguintes: *Materiaes para a historia da Figueira nos seculos xvii e xviii* (1893), trabalho de grande investigação a que já nos referimos no artigo que n'este mesmo lugar publicamos acerca da Figueira; *Cartas da Andaluçia* (1886) em que retrata com verdadeiro primor as maravilhas d'aquelle feerico paiz, intercalando curiosas notas historicas e descrevendo com vehemente colorido ora os rendilhados multi-côres da Alhambra ora o delicioso e ridente pateo das Donzellas no Alcaçar de Sevilha; *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, de que estão publicadas tres partes, adornadas de primorosas illustrações, a primeira das quaes viu a luz da publicidade em 1888 e a ultima em 1895. Sua ex.^a que tem já concluida a parte descriptiva da 4.^a parte, anda agora trabalhando na parte ethnographica.

Tem collaborado em muitas revistas archeologicas, especialmente na *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, que se publica no Porto sob a direcção do illustre professor e escriptor sr. Wenceslau de Lima. N'esta magnifica revista tem publicado interessantes memorias como *A questão da anthropophagia nas estações neolithicas da Serra do Cabo Mondego*, *Uma obra da arte primitiva*, *Pequenas hachas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira* e *A arte nas estações neolithicas do concelho da Figueira*, memorias que vão agora ser reunidas com outras ineditas n'um volume que será impresso na officina typographica do nosso presado amigo sr. Augusto Veiga.

Desejariamos dizer largamente a relevancia dos seus serviços, quando presidente da camara da Figueira e provedor da Misericordia, cujo edificio foi concluido consoante o projecto mandado fazer pelo sr. dr. Santos Rocha; mas retrahe nos a falta de espaço de que nos é licito dispôr e o desejarmos fallar do Museu Municipal, a florescente instituição que elle colleciona e enriquece dia a dia com tanto carinho como o avarento enriquece o seu fulgido thesouro.

O Museu Municipal da Figueira foi inaugurado solemnemente em 6 de maio de 1896, produzindo o incansavel conservador e organisador do museu um dos seus mais brilhantes discursos e assistindo á cerimonia as auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, bombeiros voluntarios e municipaes e tres philarmonicas que tocaram alternadamente.

Entre os objectos, muitos dos quaes se encontram em elegantes vitrines, ha alguns de valor extraordinario, como uma admiravel ponta de lança triangular, retocada em ambas as faces, feita de silex, com a ponta fracturada, que mede no comprimento, até á fractura, nada menos do 0^m,32; este magnifico exemplar é não só o maior da Peninsula, mas maior do que a maior lança neolithica existente no grande museu de Saint-Germain de Laye, e quando completo devia ter 0^m,35; dois tumulos, um de telha romana, outro de lage, proveniente do cemiterio luso-romano da Quinta de Ferrustello (Maiorca), tornando-se muito notavel um d'elles por conter um esqueleto na posição em que foi encontrado; o tumulo dolmen, da Cabecinha, onde se encontrou a rica serie de pontas de lança e de setta, facas e serras, que se acham alojadas em fundo azul na estante n.º 4.

Como o nosso intuito é rendermos preito e homenagem ao talento e dedicação que presidiu á organização do Museu, e desejarmos dar d'elle conhecimento aos que ainda o não visitaram, estimulando-lhes a sua curiosidade e interesse, vamos enumerar alguns dos seus objectos mais valiosos e mais dignos de merecido exame, começando pela

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

Compreheende esta sala os principaes resultados dos trabalhos do sr. dr. Santos Rocha sobre a prehistoria do concelho da Figueira e em parte do Algarve.

Periodo paleolithico — Acha se representado por um instrumento *chelleano* (o mais antigo em pedra que foi fabricado pelo homem) e uma moldagem em gêsso.

Periodo neolithico — Historia do trabalho da pedra, desde o mais rudimentar até ao mais perfeito, comprehendendo exposição de martellos, nucleos, lascas, laminas de faca, umas simplesmente lascadas, outras retocadas, etc.

A collecção das peças perfectas proveio quasi toda dos megalithos, contendo bellos exemplares de pontas de lança, de setta e de dardo, grandes facas, serras, peças de collar, e uma serie de 160 machados approximadamente, alguns de dimensões extraordinarias, como um proveniente de Villa Velha de Rodam e outro da Figueira. Esta collecção é na sua maior parte regional.

Em osso ha uma grande serie de pequenos artefactos, como alfinetes de cabelo, agulhas, restos de manilhas e de pentes, ponções e pendentis de collar.

Em ceramica, alguns vasos restaurados e numerosos fragmentos de outros, havendo exemplares similhantes aos das bellas louças de Palmella.

Muitos fragmentos de esqueletos humanos e restos de comida, offercida aos mortos, como ossos de animaes e conchas de molluscos marinhos; e diversas moldagens de crâneos e maxillares, primorosamente feitas no museu de Saint-Germain em Laye, e outras de artefactos em pedra, existentes no Museu da Commissão Geologica de Lisboa.

Pertence tambem a este periodo o *tumulo dolmen*, de que já fallamos.

PRIMEIRA EDADE DOS METAES — *Epocha do cobre* — Alguns machados de cobre, typo primitivo, já analysados chimicamente pelo distincto pharmaceutico da Figueira, sr. Sotero Simões d'Oliveira, e provenientes do thesouro de Espite e parte d'uma lança igualmente de cobre e já analysada, bem como uma *sanguesúga*, que se presume do mesmo metal e fragmentos ceramicos da necropole prehistorica da Campina (Faro).

EPOCHA LUSO-PHENICIA — Objectos recolhidos em a necropole da Fonte-Velha em Bensafrim (Lagos); que são um cippo com inscripção em caracteres ibericos, contas de vidro esmaltado, restos de ossos humanos e a planta das explorações levantada pelo reverendo prior de Bensafrim, sr. Antonio José Neves da Gloria, dois quadros representando os resultados das explorações feitas em a necropole de Campina, proximo de Faro, resultados que por emquanto indicam que pertence á plena epocha do cobre.

EPOCHA PRE-ROMANA E PRINCIPIOS DA LUSO-ROMANA — O espolio de *Santa Eulalia*, proximo a Maiorca, composto de mós dormentes do typo primitivo, percutores, numerosos fragmentos de ceramica fabricada á mão, peças de collar em osso, barro e conchas, um *fusaio*, de forma conica, typo não vulgar, fragmentos de cobre e restos de cosinha; o espolio do *Crasto*, nas cercanias de Brenha, composto de mós de typo primitivo e mós circulares, restos de cosinha, percutores, mãos de gral, e afiadores em pedra, objectos de barro que se assemelham a moldes de fundição, muitos fragmentos de ceramica, uma trabalhada á mão e sem molde, outra com molde, algumas com interessante ornamentação e outra trabalhada á roda, parecendo alguma ser de fabrica romana; um *jusaiolo*, de forma descabida, um estojo de chifre de veado, objectos em bronce e em ferro, que provam que este castro pertence á plena epocha do ferro.

Está em preparação a collecção de objectos extrahidos nas recentes explorações da estação dos *Chões* ao norte de Brenha, e que pertencem indubitavelmente á mesma civilisação do *Crasto*, tendo aquella estação de notavel o achar-se estabelecida na planicie, ao contrario dos castros.

Decoram esta sala alguns bem executados quadros representando habitações na idade da pedra.

A esta secção segue-se a



Vista de parte da secção d'archeologia historica

SALA DE COMPARAÇÃO

N'esta secção vê-se a afinidade que existe entre grande numero de peças do mobiliario do selvagem das nossos tempos e as do mobiliario do homem neolithico. Contem diversos artefactos dos povos selvagens actuaes da Africa, da America e da Oceania, artefactos grosseiros fabricados em paizes civilisados, assim como exemplares



Ruínas do dolmen da Cabecinha Grande (Concelho da Figueira)

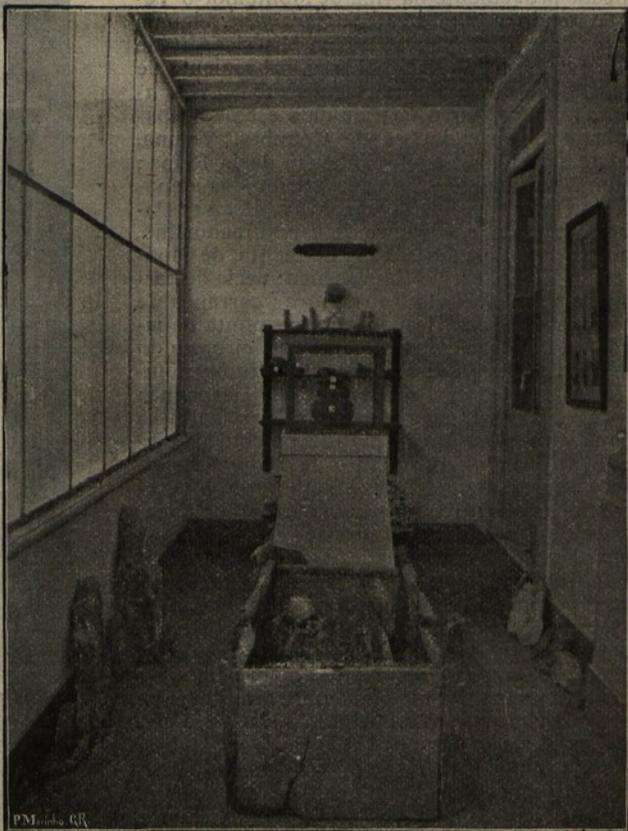
que pertenceram a um rei africano. Citaremos também, como mera curiosidade, a *vitrine* que encerra artigos da China, Japão e Índia, como uma collecção de instrumento musicos, um carro religioso de Brahma, algumas esculpturas, sendo uma do celebre Confucio e outras do deus dos ladrões do dia e do deus dos ladrões da noite; e muitos outros objectos. As ultimas victorias dos portuguezes em Africa estão representadas por um tropheu d'armas em que se encontram duas zagaias do espolio dos vátuas no combate de Coolella.

Em seguida entra-se na

SECÇÃO D'ARCHEOLOGIA HISTORICA

EPOCHA PRE-ROMANA — Fragmentos de ceramica e restos de argamassas, provenientes das citanias de Briteiros e do Alto de Santa Luzia (Vianna do Castello).

EPOCHA LUSO ROMANA — *Esculptura*: Dois cippós, ornados com baixos relevos, figurando um d'elles um portico d'ordem jonica, encimado por dois frontões cujo tympano é occupado por uma rosacea e folhas, tendo no intervalo dos frontões exculpida uma corôa; um busto proveniente das Alhadas. *Epigraphia*: — Uma inscripção encontrada n'um penedo da Serra de Crastos, freguezia de Maiorca, que diz: *VNODE* e os dois cippos de que vimos de fallar. *Ceramica e vidro*: Amostras de grande numero de materiaes de construcção, telhas, tijollos, manilhas, etc; fragmentos de vasos de todas as dimensões, e alguns d'elles restaurados, comprehendendo amphoras, restos de dolios, pesos e alguns vasos com ornatos em relevo, havendo n'esta secção, urra bella amphora, quasi inteira, de stylo grego-romano, proveniente de Valencia del Cid (Hespanha); urnas cinerarias de barro com os seus respectivos operculos (tampas), que n'algumas são representados por outros vasos invertidos; amphoras provenientes da estação romana de S. João da Venda, a 6 kilometros de Faro, typo que parece ser a reproducção das antigas amphoras egypcias; alguns interessantes fragmentos de ceramica com relevos, typo impropriamente chamado *sameano*, e que não passa d'uma imitação das louças *aretinas*, alguns restos de vidros e de grandes vasos, provenientes das ruínas romanas da Becca do Rio, proximo de Budens (Algarve), e um vaso mutilado, proveniente da necropole lusoromana de Marateca (Lagos), ha pouco explorada e uma das mais interessantes d'essa epocha; diversos vasos de vidro, taes como os da especie *alabastrum* e vasos de libações. *Metaes*: Diversos bronzes, consistindo em fibulas, pregaria e fecharia, pontas de lança e restos d'outras armas, bem como facas, pregos e chapas de ferro diversas; pregos de cobre e bronze, um escopro de ferro e um anzol de bronze, assim como um amuleto fei-



Tumulo proveniente do cemiterio lusoromano da quinta de Ferrustello (Maiorca)



Sala de comparação

lapides que D. João IV mandou collocar em diversas villas á Immaculada Conceição, sendo a exposta proveniente da villa de Montemor-o-Velho e tendo a data de 1646. *Ceramica*: alguma proveniente das excavações na Misericórdia de Buarcos; *Ecce-Homo*, de barro, proveniente de Hespanha, e attribuida ao seculo XII; *Sacra Família*, feita de barro, attribuida á escola hespanhola, e diversas louças de Coimbra, Vianna, Inglaterra, China, Saxe e Talavera de la Reina; algumas restaurações de vasos attribuidos á epocha de D. João II, fins do seculo XV. *Metaes*: Padrão de pesos em bronze de estylo manuelino, tendo a data de 1499; ferros de picota, de Montemor-o-Velho, estylo Renascença; bacia de barbeiro, em latão, estylo Renascença; carranca de ferro repuxado, de Hespanha; uma ponta de virote (não vulgar); instrumento de cirurgia do seculo XVII. *Quadros*; *Pintura em vidro*, attribuida a Albert Dürer e proveniente de Hespanha; quadro da escola flamenga; pinturas gothicas em madeira, *Magdalena*, pintura em couro, attribuida ao seculo XIV; quadro de Pedro Alexandrino, representando Nossa Senhora do Monte-Carmo. *Armas*: Espingardas de morrão; bacarmates de abordagem em bronze e em ferro; espingardas de fusil e espadas. *Tecidos*: Tapeçaria de Tavira, grande tapete, imitação de Gobelins, representando uma paisagem e proveniente da fabrica fundada por D. José, perto de Tavira; tapetes de Arrayolos; diversas peças de vestuario, do seculo XVIII e principios do XIX; exemplar de estamperia ingleza, commemorando a batalha de Trafalgar, tendo o busto de Nelson e a nau *Victoria*. *Adornos femininos*: Collecção de leques, pentes e enfeites de cabelo. *Pergaminhos*: Diversos do seculo XVI, illuminadas, salientando-se o frontespicio do livro dos Irmãos da Misericórdia de Buarcos, fundada no seculo XVI. *Numismatica*: A collecção que é uma das principaes do Museu, foi offerecida pelo reverendo abade

de um grande dente de javali engastado em cobre e proveniente das referidas ruinas da Bocca do Rio. *Cimentos, argamassas e mosaicos*: Amstras de argamassas e aparelhos d'alvenaria romana, incluindo o *opus signinum*, cimento hydraulico, restos de frescos, restos de mosaicos, provenientes de Tunisia, Argelia, Algarve, concelho de Montemor-o-Velho e Figueira de Castello; Rodrigo, sendo os das duas ultimas localidades em calcareo e a maior parte das outras em marmore; alguns fragmentos d'argamassas e de pinturas muraes (frescos), um pedaço de mosaico em calcareo e restos de placas de marmore, polidas, provenientes das ruinas romanas da Bocca do Rio.

EPOCHAS DA INFLUENCIA ARABE — *Ceramica*: Exemplares de louças com reflexos metallicos; azulejos e outros barros esmaltados de estylo mosarabe; vaso arabe envernizado e fragmentos d'outros vasos pintados, provenientes de Santa Olaya ou Eulalia (Figueira); alguidar restaurado em parte, proveniente do Algarve; collecção de azulejos hispano arabes.

EPOCHAS DIVERSAS — *Escultura em pedra*: Cabeça pertencente á epocha Wisigothica; baixo relevo representando um leão, attribuido aos seculos XII ou XIII; baixo relevo em marmore attribuido aos fins do seculo XV; algumas esculturas attribuidas ao seculo XVI, umas provenientes do concelho, outras de Montemor-o-Velho, taes como estatuas, brazões, fragmentos de architectura e baixos relevos sendo digno de exame detalhado a parte antiga do retabulo de Seiça, restaurado na Batalha, e que contem no centro a Virgem e os Doze Apostolos, com duas pilastras ornadas no genero plateresco. *Escultura em madeira*: Algumas talhas do seculo XVI, provenientes do convento de Seiça, tornando-se extremamente notavel uma figura de cherubim; outras provenientes da antiga capella ou convento de Santo Antonio da Figueira e uma columna proveniente de Tentugal. *Epigrapha*: Uma das



Vista da secção de archeologia historica

de Quinchães, sr. Fortunato Casimiro da Silveira e Gama, ha pouco fallecido. A quarta e ultima sala do museu é a que encerra a

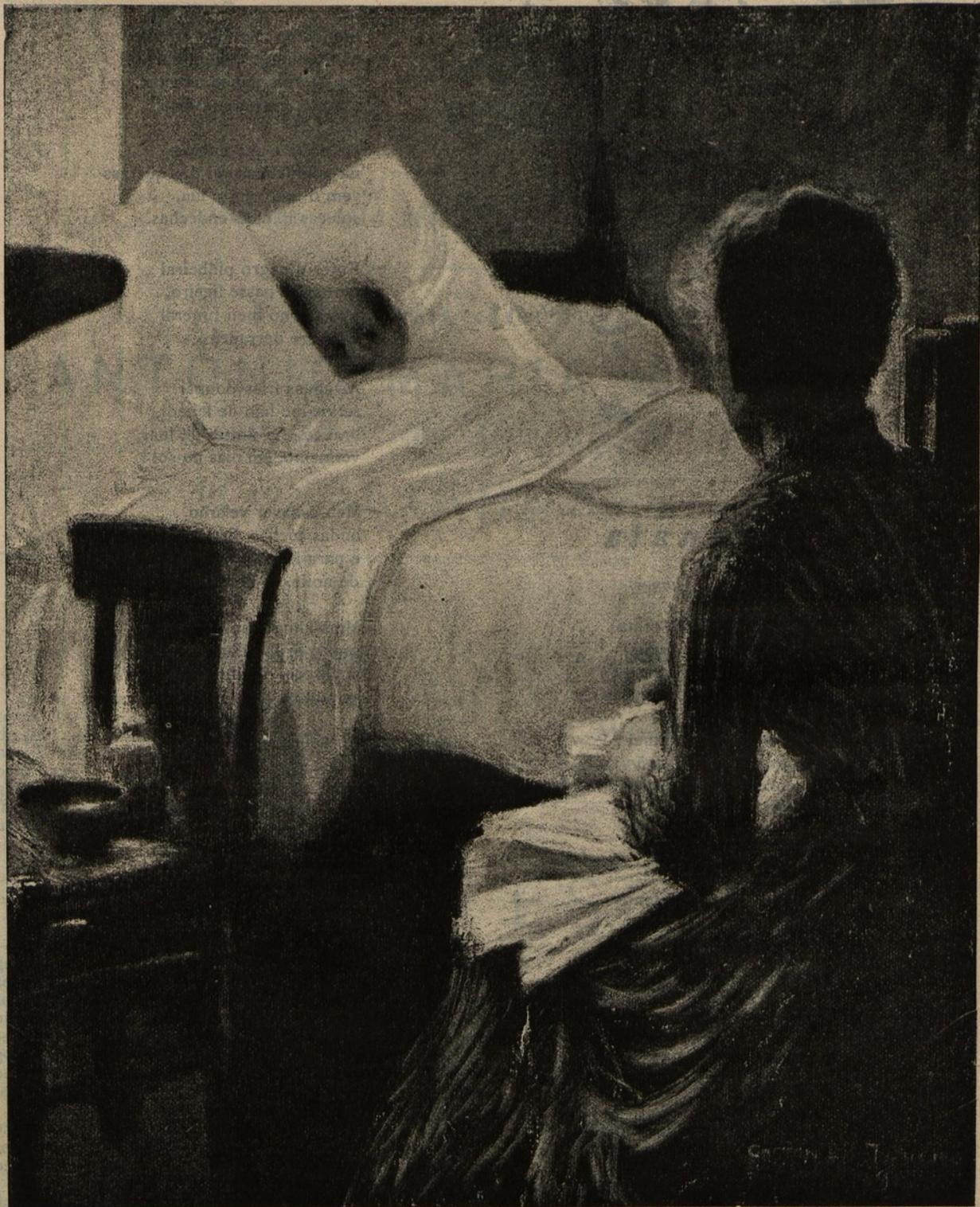
SECÇÃO INDUSTRIAL

Comprehende os principaes artefactos que o concelho produz, entre os quaes especificaremos a excellente exposição de poleame e de mosaicos em madeira, por Julio Braz de Lemos, premiado em diversas exposições, modellos de construção de Joaquim Augusto Rodrigues e importantes exemplares de ceramica que revelam a excellencia do trabalho sahido das officinas de João Amaro, premiado no estrangeiro em muitas exposições; ceramica de Amancio da Costa Pessoa, industria nascente, mas já muito perfeita, fundições em ferro, chavenas americanas, das officinas do Mondego, bem como amostras dos variados artefactos da Empreza Minerva e Industrial do Cabo Mondego.

Figueira da Foz 12 de outubro de 1896.

A. JULIO DO VALLE SOUSA.

SCENAS DA VIDA DOMESTICA





Serenata

(A Diniç Gomes)

O' meu bandolim de prata
enrinaldado com flôres,
canta, canta a serenata
da manhã dos meus amores.

Desprende no teu gemer
canticos de santa uncção ;
tuas cordas hão de ser
fibras do meu coração.

Anda a lua alvinitente
pelo azul a soluçar,
dando beijos mansamente
nas estrellas e no mar.

Sob a lua alvinitente
passam nuvens a chorar,
mas a lua meigamente
as consola n'um beijar.

Vem, ó fada alvinitente
a minha dôr consolar,
ouve o meu canto pungente
soluça-me o meu cantar.

Meu anjo, meu seraphim,
dá-me luz de inspiração,
que eu canto no bandolim
a mais pungente canção.

E' batel meu coração,
voga no mar da tortura ;
leva á prôa a illusão,
tem por leme a desventura.

Anda a minh'alma perdida
n'uma noite sem luar,
pois fugiu-me d'esta vida
a luz do teu doce olhar.

Sou como mendigo errante
não tenho guia, nem norte,
a tristeza é minha amante,
a noite, minha consorte.

De noite é que fluctua
na minh'alma o ai das queixas
vem ó lua, vem ó lua,
soluçar minhas endechas.

Entre o negro pinheiral
um canto passe ligeiro,
p'ra ser no meu funeral
miserere derradeiro.

As aguas frias do mar
servir-me-hão de lençol,
branco, em noites de luar,
vermelho, em dias de sol !

Meu cadaver velarão
lindas tochas, lindas velas,
e para isso servirão,
de noite, as brancas estrellas.

Minh'alma é noite fechada
sem o brilho d'um olhar ;
apparece, ó minha amada,
vem-me a alma illuminar.

Eu queria subir aos ceus
p'r'ás estrellas apagar ;
p'ra sorrir nos escarceus
basta a luz do teu olhar.

Adeus, ó noite querida,
confidente dos amores,
ouve esta prece sentida,
— lagrima da minhas dores. —

Foge a noite, vem a aurora,
sorrindo galhardamente,
bandolim, suspende agora
a tua canção pungente.

Suspende a tua canção
bandolim, não cantes mais,
que as fibras do coração,
partem ao som dos teus ais !

ANTONIO MARIA LOPES.

O NOVO SYSTEMA DE CURAR

DE

L. KUHNE

EXPOSIÇÃO, APRECIÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

Livraria do Editor

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

COISAS UTEIS

PÃO DE LÓ DA INDIA

250 gr. d'assucar, 250 gr. de farinha, 100 gr. de manteiga, 3 ovos inteiros, 2 colheres de chá de bicarbonato de soda, meio quartilho de leite e a porção que vendem por 5 réis de canella em pó. — Mexem-se primeiro os ovos com o assucar e a canella; depois a soda, em seguida a manteiga, depois o leite, e a ultima cousa é a farinha. Immediatamente deve ir para o forno em fôrma untada de manteiga. — Não quer forno muito esperto.

BOLO INGLEZ

Batem-se quatro ovos inteiros até formarem espuma. — A' medida que se batem, junta-se sempre, batendo 200 gr. de farinha e 200 gr. de manteiga derretida. Bate-se sempre com muito cuidado e não se junta a manteiga senão em pequenas porções de maneira que a porção precedente esteja sempre já ligada bem á massa. Juntam-se passas corynthis, um punhado d'ellas, e querendo, algum cidrão picado e passas de Alicante e 4 gr. de bicarbonato de soda. — Deitar tudo na fôrma untada de manteiga e põe-se a cozer 1 hora em forno brando.

E' conveniente pôr-lhe ao principio uma rodella de papel forte untada de manteiga em cima, para cozer, sem queimar — precaução aliás conveniente para todos os bolos.

Estas duas receitas são excellentes e já experimentadas.

MANUAL

DE

GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs.
Enc. 1\$000 rs.

MANUAL

DE

ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro. broch. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

SANTO ANTONIO

NOTAVEL DISCURSO DE

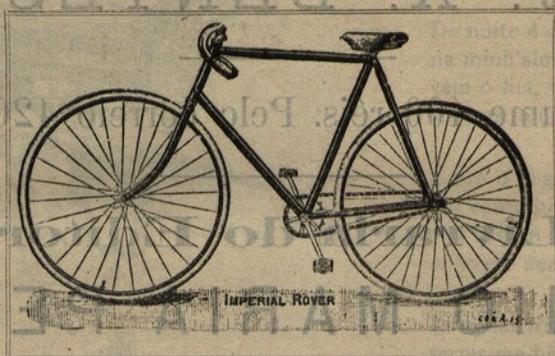
ALVES MENDES

Preço 300 réis. — Editor, Antonio Maria Pereira.

ROVER CYCLES

OU BOM
OU NADA

11 Primeiros
premios.
6 Segundos
premios



1 Diploma de meda-
lha de ouro.
1 Diploma de meda-
lha de prata.

Na Rover não ha uma unica peça que não seja de superior qualidade.

ESPECIFICAÇÃO

SELLA — brooks N.º B 10.
QUADRO — (55, 60 e 65 centm.) é do melhor tubo Weldless (sem soldadura).
PEDALEIRO — 12 centm. de largura.
RODA DENTADA — desmontavel.
GUIADOR — reduzido.
PUNHOS — E. H.
AROS DAS RODAS — occos Westwood.
RAIOS — tangentes, reforçados nas duas extremidades.
PNEUMATICOS — da The Dunlop Pneumatic Tyre C.ª Ltd.

GARPHO — do melhor tubo Weldless (sem soldadura).
ALVADO — 12 centm. completamente impermeavel.
ROLAMENTOS — todas as caixas e rolamentos são feitos do aço DIAMANT, e temperados por um processo particular.
NICKELADOS — sobre cobre.
ACABAMENTO — esmalte extra-brilhante e adherente.
MANIVELLAS — quadradas.
PEDAES — Rover, impermeaveis.
CORRENTE — Renold.

Com material tão escolhido junto a um acabamento esmerado, obtem o cyclista amador ou profissional uma machina de primeira ordem, tanto para a estrada como para a pista.

DEPOSITO DAS "ROVERS,"
CASA FAVORITA

50 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 52
AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA

BRANCO E NEGRO



BACCHANTE — (Busto executado por Alberto Nunes)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 30

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphin Gomes, Rua Velha.



PIANOS
HARMONIUMS
CORDAS
REBECAS
BANDOLINS, ETC.

ACCESSORIOS
PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS
MUSICA

LAMBERTINI
43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	\$200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior).....	"	\$240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	\$200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello.....	\$400	" e 1 \$500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent. 2.....	"	\$050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	\$200	" e \$300
OLEO «PREMIER» para lustrar instru- mentos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	\$200	" e \$300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO

SEMÁNARIO ILLUSTRADO

N.º 30

LISBOA, 25 DE OUTUBRO DE 1896

1.º ANNO

Uma Canção



De olhos no tecto, seguindo o fio triste á melopeia, o menestrel canta as maguas de um amor já morto, enquanto o companheiro relembra tambem o seu passado, afogado na tinta da saudade.

Em volta, reina o socego mysterioso que se segue ás grandes calamidades, e as notas choram, fugindo — soluçantes viivas, — errando pelos cantos, perfurando as sombras, como gemidos lancinantes de quem já não espera.

A cantiga é doce, a principio, como um psalmo; diz dos amores que acordaram n'uma aurora de risos, dos extasis que elles provocaram, das supremas delicias; depois, arranca n'um lamento e conta a grande tragedia, o luto eterno da nossa alma, todas as angustias e todos os desesperos. Tem gritos de revolta contra o Desconhecido, embriaga-se na Dôr, mergulha até ao fundo do infinito desalento e parece tirar d'elle todas as forças para recordar os soffrimentos, as torturas intimas, toda a legião dos grandes males que o Destino traz comsigo.

E esmorece, languida, voluptuosa quasi, escorrendo por entre as cordas em subtilissimos sons que, embriagam os dois companheiros, reunidos para ouvirem no mysterio da noite o carpir de tantas saudades que os trazem para alli derrancados, vendo travada a meio da vida a roda das grandes felicidades...

Jose SARMENTO.

VIAGENS NO PAIZ

(X)

A VILLA DE AMARANTE



Rua de D. Luiz I, (vista tirada do Senhor dos Afflictos)

villa apparece lá em baixo como que emergindo do Tamega, com a sua casaria branca e a sua prodigiosa vegetação, sorridente e fresca como ao sair de um banho... Não se destaca nitidamente o alinhamento das ruas, a povoação não apparece em massa, impondo-se com as suas edificações aglomeradas e altaneiras... O arvoredo invade tudo; os quintaes quebram a regularidade das ruas; as vides trepam á porfia pelos carvalhos, pelos choupos, pelas cerejeiras; os castanheiros pompeiam as elegantes umbellas verdes, agora matisadas pelos ouriços dourados; as oliveiras põem na paysagem a sua côr triste e metallica; os pomares alastram se por toda a parte; os pinheiros debruçam-se das encostas; e chega a gente a receiar que, como no delicioso conto de Daudet *Wood Stown*, n'uma reivindicação espantosa e terrivel, um dia o arvoredo com seus abraços de ferro estrangule os monumentos e edificações, destrua e subverta, e com sua musculatura gigantea tome posse do terreno, que a civilização lhe conquistou, e tudo transforme n'uma immensa floresta, que desça das montanhas em catadupas de verdura até formar lá em baixo um docel magestoso de ramaria entrelaçada ás aguas docemente murmurantes do rio...

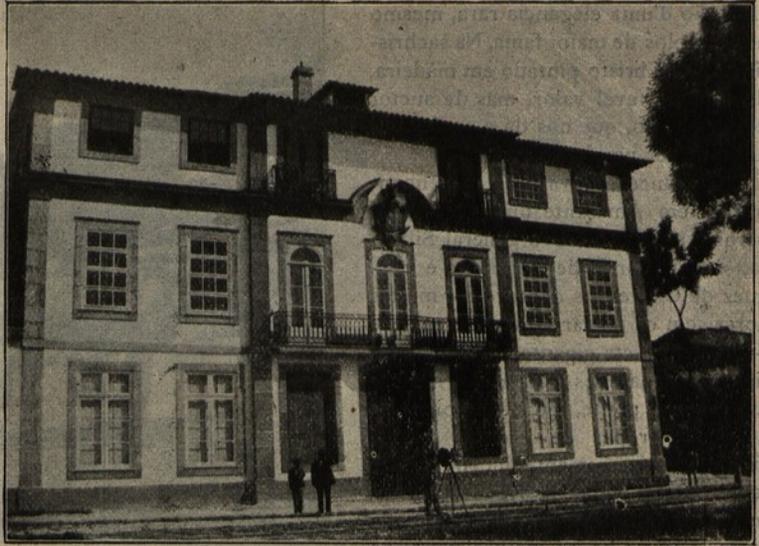
Percebe-se apenas que deve estar ali uma povoação importante pelos palacetes, pelas igrejas, que aqui e alem conseguem destacar por entre a vegetação, como perolas espalhadas e quasi perdidas em um estranho montão de esmeraldas...

Amarante, a sultana do Tamega, dormita languidamente recostada e meio escondida no fôfo e tufado ninho de verduras, emquanto em volta os montes, formidaveis eunuchos, n'uma postura magestosa, a guardam religiosamente — para leste e sud'este a serra do Marão; para o norte as serras de Basto, sobre uma das quaes se descobrem as ruinas de castello de Arnoia; para nord'este o pico da Graça, de forma conica, e tão elevado que parece um ovo a ermidinha, que o corda; para occidente a serra de Santa Cruz, e as montanhas, que vão fechar o circulo pelo sul, para as bandas do Marco de Canavezes ..



Mercado no largo de S. Gonçalo

Amarante é antiquissima. A sua fundação é attribuida aos turdetanos, 360 annos antes de Christo e parece que o seu nome deriva de Amarantho, governador romano em cujo governo foi reedificada. A sua ultima reedificação, porém — ou melhor a penultima, porque depois de incendiada pelos francezes, foi quasi por completo reconstruida — deve-se a S. Gonçalo, frade dominico do convento de Guimarães, que em 1250 fundou uma ermida no sitio onde hoje se levanta o magestoso templo da sua invocação. Esta pequena ermida está hoje incorporada no referido templo ao lado esquerdo do altar mór, e ali se diz ter sido enterrado o santo padroeiro.



Hospital da Misericórdia

S. Gonçalo dedicou-se em seguida á reconstrução da villa e sob o seu benefico influxo uma nova Amarante surgiu, como que por encanto.

Em 1260 fez tambem construir uma ponte sobre o Tamega, ponte que durou até 1763, anno em que se desmoronou, sendo substituida pela actual e elegantissima ponte de cantaria, assente sobre tres arcos e a grande altura do rio em 1781, reinando D. Maria I. Na margem direita do rio e junto á ponte é que se ergue o magestoso templo de S. Gonçalo e o convento dominicano do mesmo nome, que foi fundado em 1540 por D. João III, continuado por D. Sebastião e cardeal D. Henrique, mas só concluido em tempo de Philippe I. No convento, que foi um dos mais sumptuosos da sua



Rua Maria Pia

ordem, está hoje installado o Lyceu Nacional e Bibliotheca, inaugurados em fins de 1890, administração, recebedoria, conservatoria, camara e tribunal, achando-se este no antigo refeitorio dos frades.

No mesmo se alojam as duas baterias de artilheria permanentes em Amarante e nos seus claustros e no largo de S. Gonçalo, que lhe fica fronteiro, têm logar os abundantes mercados bi-semanaes. A igreja de S. Gonçalo é formosa e elegante. Exteriormente são de notar a porta lateral com os seus trabalhos em pedra e a varanda dos reis, onde se acham as estatuas dos 3 reis portuguezes, em cujos reinados se construiu o convento. A torre é elevadissima. Ao centro da igreja ha um arrojado zimbório; no arco cruzeiro levantam-se duas columnas collossaes



Feira de louça no largo de S. Gonçalo

e elegantísimas ; a capella-mór e o seu altar são d'uma elegancia rara, mesmo nos templos de maior fama. Na sacristia ha um Christo pintado em madeira, de incontestavel valor, mas de auctor desconhecido, que nos dá a perfeita illusão de ser uma escultura.

Os francezes invasores, que encontraram em Amarante uma resistencia heroica e onde o bravo general Silveira, depois conde de Amarante e Marquez de Chaves, os conteve por muitas horas sem os deixar atravessar a ponte — e d'essa lucta gigantea ainda ha vestigios nas paredes da igreja, nas columnas da ponte, etc. — heroicidade a que as tropas de Loyson corresponderam bizarramente, incendiando e saqueando a villa ; os francezes invasores, dizia, collocaram uma sentinella junto d'esse Christo, naturalmente na louvavel intenção de o levarem d'ali — o que não consumaram, ou pela precipitação da partida, ou pela difficuldade de conservarem intacta a pin.tura no caso de arrancamento, feita como



Musicos ambulantes. — Realejo em carriola

ella é, sobre tres taboas.

Tambem em Amarante ha um convento de freiras claristas, fundado por D. Mafalda, filha de D. Sancho I, em 1226, e que, reedificado pelo conde de Redondo em 1560 chegou a encerrar 110 freiras. Está hoje transformado em habitação do sr. dr. José Monteiro da Silva, que, além de ser o mais rico proprietario e capitalista do concelho, é um espirito culto e illustrado, *double* d'um fino character, d'uma modestia illimitada e d'um bondosissimo coração.

A cêrca d'este convento e a do de S. Gonçalo são apenas separadas, além dos muros respectivos, por um estreito caminho. A limpeza de uns canos d'esgoto, que, saindo do convento das freiras, passavam

Tamega, suscitou grave pleito entre umas e outros, que foi afinal decidido



Margem esquerda do Tamega. — A carregar areia

pelo dos frades, para irem desaguar no pela famosa sentença ambigua de um juiz patusco, sentença que tanto tem sido reproduzida, que poucas pessoas haverá que não a conheçam. Tambem é digna de menção, entre tantas outras, a igreja de S. Pedro, cuja sacristia contem preciosos trabalhos em talha, e que os francezes adaptaram para cavallariça ; e a igreja da Misericordia, proximo da qual está o hospital do mesmo nome, hoje dirigido por irmãs da caridade, e que merece menção pelo aceio e boas condições hygienicas em que se acha.

* * *

Amarante, pelo aspecto e pelos costumes, é, por sem duvida, a primeira terra trasmontana. O Minho acaba no concelho de Felgueiras, mas nem por isso é menos pittoresca e formosa. Da ponte de S. Gonçalo o panorama



Uma officina de tanoeiro

é magnifico. Para um lado, a rua de D. Luiz alonga-se, rio fóra, indo acabar no largo do Conselheiro Antonio Candido d'onde a villa trepa ainda pela encosta até á igreja da Magdalena, para cima da qual ainda fica o estabelecimento das Caldas das Murta, que vem na gravura, de magnificas aguas sulfureas.

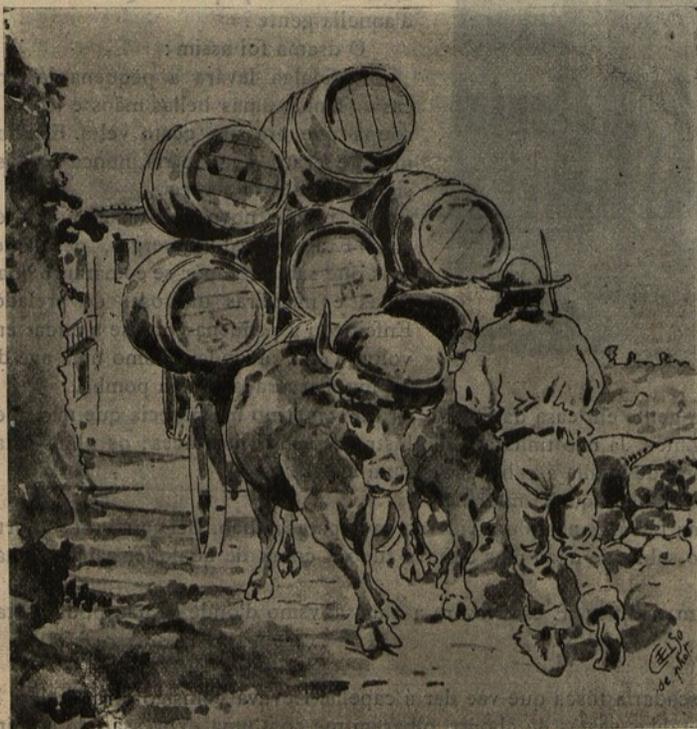
O rio agora abandona as evoluções caprichosas da villa e desvia-se para a esquerda, ladeando a estrada da Feitoria, um dos passeios mais encantadores dos arredores de Amarante.

Defronte da rua de D. Luiz, o rio, dividindo-se, forma uma *insula*, (*insua* por corrupção) que, desaparecendo quasi sob as aguas no inverno, é de verão um sitio aprazível e frequentado, graças ás magnificas sombras das suas amoreiras e ameiros e á fresquidão que lhe transmite a agua, que a envolve. Para o outro lado da ponte o rio desce entre a estrada, que conduz ao Marco de Canavezes e os quintaes das casas da rua de S. Gonçalo, até se precipitar do açude dos Morleiros.

Este sitio, que é muito pittoresco, e d'onde a villa tem uma magnifica vista, transforma-se de verão em animada praia. As aguas do Tamega são preciosas, e por isso, a concorrência dos banhistas é grande. Na antiga casa dos Morleiros existe actualmente o Collegio da Virgem da Soledade, dirigido pelo sr. José da Fonseca Lage. Além d'este collegio e do Lyceu, Amarante possui um magnifico collegio installado n'esse vasto edificio de proposito construido no alto da villa, junto ao Campo da Feira, e dirigido pelos padres Lazaristas, que ha muitos annos dirigiam o Collegio de Santa Quiteria em Felgueiras; e o Internato Sertorio de Carvalho, nome do seu fundador, o meu querido mestre, que ha annos já dorme sob a terra o seu bem repousado somno do qual se não acorda nunca...



Caldas das Murta



Carro com pipas vasias

Outra curiosidade d'Amarante] é a cadeia — não como casa de reclusão, porque, para não se furtar á regra geral não tem nem condições hygienicas, nem condições de segurança — mas por ter o edificio servido de residencia municipal do antigo concelho de Amarante, para prova do que, ainda conserva a torre de dois sinos, distinctivo, na idade-media, de taes residencias. Porque é de notar, e talvez seja caso unico, que a povoação, que hoje é séde do concelho de Amarante, foi até 1834, séde de tres concelhos: Amarante, Gestaço e Gouveia, possuindo conjunctamente tres jurisdicções, quer ecclesiasticas, quer civis, tres foraes, e tres pelourinhos differentes!...

(Conclue no proximo numero.)

ALBERTO SILVEIRA.



Um Caso Triste

A FINAL, a rapariga entuscou e lá morreu.

Eu bem o tinha dito!

Agora, lá fica a mãe ao desamparo e mais o irmão pequeno. Que ha-de ser d'aquella gente?

O drama foi assim:

A fidalga levára a pequena lá p'ra casa. Tinha umas bellas mãos e trazia a roupa que era um gosto vê-la. Era bonita; e graça, quando ria, nunca a vi assim, nem já gora a verei.

O patrão novo veio da cidade a férias. Era um estoira-vergas, petulante, mas que sabia compôr-se com muito boas fallas e maneiras untuosas de prelado. Enfeitçou a pequena; poz-se a andar em volta d'ella, a andar, como uma ave de rapina mascarada n'uma pomba.

Um dia eu tinha ido até lá. Era tudo boa gente em casa da fidalga. O filho mesmo me parecia que não quebraria um prato. Pois, rapazes, desconheci a Chica. Já não tinha aquelle lustro de saude nas faces; os olhos estavam cavados como se tivesse passado uma noite de vigilia á cabeceira de um morto.

Sahí de lá ancioso por descobrir d'onde provinha aquella mudança.

A mãe andava por fóra, no amanho de uma terra, ganhando a vida curvada para o chão. Dei uma volta á horta e puz-me de cavaco com a boa mulher. Não sabia de nada mas deitava tudo á conta de qualquer zanga de namorados.

Pois não era. Namorados só conhecêra um, a Chica. E esse levára-a a um abysmo d'onde se não póde voltar com a cara virada para o sol.

Lá se foi definhando e morreu.

A mãe, encontrei-a hontem subindo a escadaria tosca que vae dar á capella. Levava comsigo o rapazelho. E os seus olhos desbotados, como duas esmeraldas gastas de chorær, olharam-me com uma expressão de infinito desespero.

Fugi, e aqui me têm vocês a contar-lhes este triste caso, que é, no fim de contas, uma grande tragedia.

José SARMENTO.

LITTERATURA BRAZILEIRA

PSALMO DE AMOR

I



«MOSTRAES tamanho empenho em que eu vos conte a historia triste da minha pallidez que eu vos privar não quero de sabel-a.»

Disse-me estas palavras a camponia Lenira, do logar da Jurema, aldeia escura e pobre, perdida entre montanhas.

E, para contar a triste historia, pousou junto da fonte a bilha d'agua e sentou-se á sombra de uma ingaraneira.

II

«Pallida, pallida, para todo o sempre pallida — de amor, de amor sómente. Ao sol appareço pallida, pallida appareço á noite, e os vermes da morte fria, pallida me acharão no tumulo. Um moço meigo e forte, guia rebanhos, foi o meu noivo jurado. Arduino! ainda hoje é assim que o chamam os ais da minha saudade. Ao tempo do nosso enlace, marcado para a Conceição, tinha eu treze annos e elle vinte e dois. N'esse tempo que foi não havia em Jurema rosas como as do meu rosto.

Eu ia vê-lo ao monte, á tarde; e á luz pura dos astros confidentes, diziamos, como n'uma reza, as mesmas palavras ternas de alliança e de amor — amor eterno. E confiado esperavamos o dia da ventura, mas pelo frio, pelo frio intenso d'esta serra brava, uma noite, Arduino deu-me na bocca o derradeiro beijo e expiou nos meus braços.

III

O enterro fez-se pela hora do Angelus; morria a tarde escura, vinham descendo nuvens sobre os montes. O dia todo a chorar, a chorar bati sebes, touceiras, moutas e ramarias, á cata de uma flôr, nem uma havia! O inverno que o matára fizera o mesmo ás galas dos campos. Voltei ao calmo funeral onde os cirios ardião tristemente.

Vendo-me desolada e em choro, os camaradas pastores fecharam o caixão de pinho, não sabendo, talvez, que era a minh'alma que levavam a enterro e o feretro sahiu para a estrada deserta, ao som do Angelus vesperal que gemia dolentemente o sino do presbyterio.

E foi-se acompanhado de amigos e até de ovelhas, das suas ovelhinhas orphans que seguiram-o balando, balando, a passo, n'um continuo choro até junto da cerca de espinhaes do campo santo.

Iam a descer o caixão... triste caixão sem flôres... sem flôres! Mas como encontrar flôres por esse mez aspero de gelo na serra, ou mesmo no campo raso!

Ah! meu senhor! O que meus olhos não puderam ver, mostrou-me o coração — flôres no inverno!

IV

Ajoelhei-me junto da cóva fria, ergui a Deus a minh'alma e n'uma prece de noiva pedi-lhe que colhesse as rosas do meu rosto para ornar o pobre esquife do meu noivo. E Deus ouviu-me misericordiosamente.

Como d'um galho que o vento arrasta e verga cahem purpureas rosas entreabertas, assim do rosto meu, hoje tão pallido, cahiram sobre o esquife as rosas que o coloriam

Foi um mimo, o presente final, a derradeira prova d'alliança eterna.

Ide! correi ao cemiterio e vêde — ha sobre um tumulo duas rósas frescas, não as ha mais formosas em Jurema. Ide e vêde!

São as rosas do meu rosto, hoje flores tumbaes.»

Ficaram-lhe os tristes olhos rasos d'agua e depois de um silencio, disse Lenira entrecortadamente:

«Eis a razão da minha pallidez. As minhas rosas são do cemiterio, a côr do rosto meu pertence ao tumulo.»

E erguendo a bilha, foi-se balbuciando lenta, pausadamente:

«Pallida, pallida, para todo o sempre pallida — de amor, de amor sómente!»

COELHO NETTO.



O CONSELHO DAS BABAS

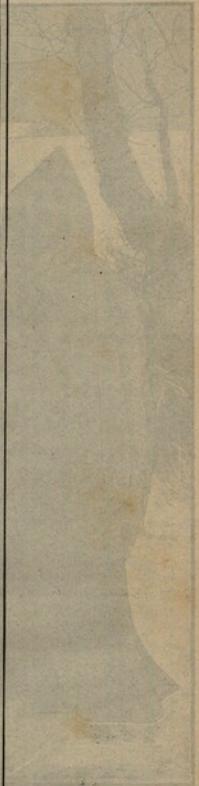
ESTADO DE AMOR



Auguste Le Saulneux

A EXTREMA-UNCÇÃO (quadro de Desrousseaux)

Quando os dois pedu-
ramo e donzannas
— Olha que lindo
E ficaram paradas
ho, cantando.
Est' realmente lindo



A voz cantando...
— Foi isto que...
— Os dois pareciam...
— Por esta vez...
A parte e os dois...
O outro filho...
Quando os dois...
tratam-se...
dando a...
O que lhes...
mais...
JOSE SARMENTO.

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O S. GONÇALO DAS BARBAS

QUANDO os dois pequenos se reuniram na estrada, de caminho para a escola, tiveram ambos a mesma exclamação espontanea de jubilo :

— Olha que lindo sol !

E ficaram parados, a olhar os campos onde, a essa hora, os lavradores começavam o seu trabalho, cantando.

Era realmente lindo aquelle sol que doirava as espigas do trigo já maduro e inundava a planicie extensa, pondo reflexos nas folhas verdes dos choupos.

— Vamos nós fazer gazeta ? disseram os seus olhos, fitando-se.

E sem que um ao outro o dissessem, ellesahi se puzeram a correr atraz das borboletas que poisavam nas rosas de todo o anno, cahindo aqui, levantando-se acolá, com gritos, rebolões na herva humida, risos claros como um chiro de pardal.

Já ia longe o burgo e as vozes dos lavradores apagavam-se, subindo para o céo, como a



ultima camada de uma nuvem de incenso.

Mas não mediam o espaço nem o tempo, todos entre-gues á corrida, á galopada por entre as arvores, saltando os vallados, picando-se nas urzes, sem darem tento n'isso, vermelhos e contentes.

Subito, n'uma cama d'hervas, mais alta e mais macia, os dois caíram extenuados, rindo ainda, com o saquitol dos livros postos por baixo da cabeça, á laia de travesseiro.

E certo é que passou por alli o subtil deus do somno pois que os olhos se lhes foram cerrando, enquanto o o riso lhes brincava ainda nos labios, n'uma fulguração radiosa d'alegria.

— Olá ! gritou do alto d'uma sebe uma voz forte. Aqui é que é a escola ?

No bocejar do primeiro somno, os dois ergueram-se d'um salto, e ficaram hirtos, com os olhos espantados, a bocca entreaberta, diante d'aquelle espectro enorme, de barbas côr de neve que lhe chegavam á cintura.

Nunca na sua vida tinham visto uma aventesma. Aos serões, contavam-se á lareira historias de lobishomens e bruxas, que elles ouviam transidos de medo e que os fazia mergulhar debaixo da roupa, mal que se pilhavam na cama. Mas isso era de noite, e de noite até as sombras se parecem com phantasmas. Mas áquella hora, com aquelle sol ?...

A voz continuou, profunda e forte, como sahida do fundo de um abysmo :

— Foi isso que vossos paes vos ensinaram, mariolas ? Esse é que é o caminho do Dever ?

Os dois parecia terem perdido a falla e continuavam a olhar o espectro enorme, com uma expressão de pavor louco.

— Por esta vez perdão-lhes. Vão-se embora em paz. Mas lembrem-se sempre de S. Gonçalo que os vê em toda a parte e os irá buscar, se tornarem a desviar-se do bom caminho.

E o santo virou costas, affastando-se lentamente, com a grande capa roçando pelas hervas altas. . .

Quando os dois acordaram ia já o sol — aquelle bello e lindo sol — a cair por detraz das montanhas. Lembraram-se então do sonho ; e como a sombra começava já a errar por entre as arvores, deitaram a correr, acordando a passarada que começava a tomar posições para essa noite, e chegaram a casa afogueados da carreira.

O que lhes posso jurar, meus meninos, é que os dois não cearam n'essa noite e que d'ahi por diante nunca mais faltaram á escola.

José SARMENTO.

Cantigas Populares do Minho



I

O' mar de Christo, sagrado,
Quantas almas tens em ti!
Já lá tens a do meu bem,
Já estás vingado de mim.

II

Os meus olhos são anzoos
Que pescam no mar sem rede,
Tambem te pescam a ti,
Menina da saia verde.

III

Se fores ao mar pescar
Levae a rede de linho,
Se me pilhares nas malhas
Serei eu vosso peixinho.

IV

Embarquei-me no mar largo,
Perdi a vista de terra,
Não vejo senão agua,
Mar e vento, que me leva.

V

Fui ao mar buscar o lume,
Queimei-me n'uma faisca,
Os teus olhos me prenderam,
Quem ama, muito se arrisca.

VI

Se fôra de leite o mar
Como é de agua salgada,
Corria por elle abaixo,
Ia vêr a minha amada.

VII

Ondas do mar abrandae
Que eu quero pilhar um peixe,
Que eu quero deixar o mundo
Antes que o mundo me deixe.

VIII

As ondas do mar são brancas,
No meio são amarellas,
Coitadinho de quem nasce
Para morrer no meio d'ellas.

IX

O mar pediu a Deus peixe
Para andar acompanhado,
Quando o mar quer companhia,
Que fará um desgraçado.

X

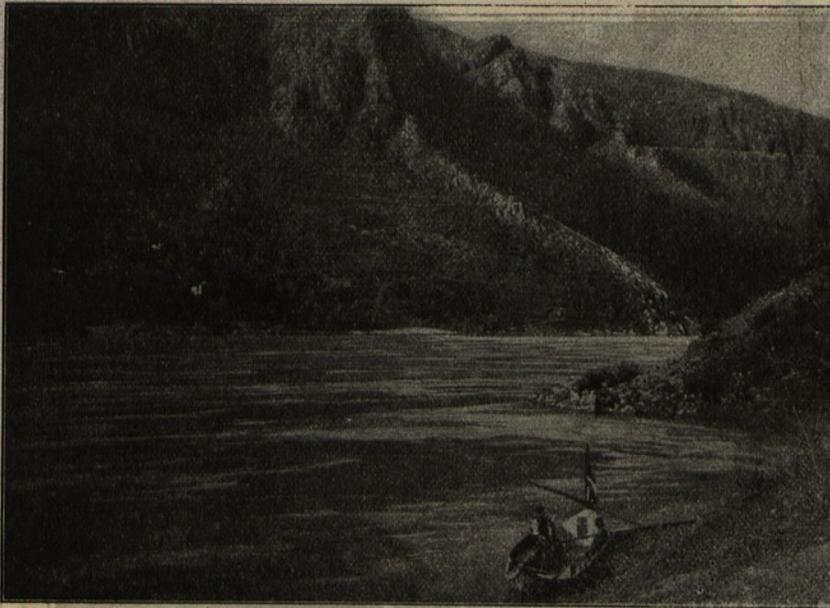
Eu hei de ir ao mar chorando,
Chorando lhe hei de pedir
Que abrande a sua fereza
Que o meu amor quer partir.

XI

O' mar alto, ó mar alto,
O' mar alto, não tens fundo,
Antes andar no mar alto
Do que nas boccas do mundo.



O DOURO



Penhas das Avitureiras (Margens do Douro)

ENTRE uma garganta formada por altas montanhas, o Douro cacha temerosamente, em catadupas que se despe[nham] em toalhas de espuma, produzindo um espectáculo atterrador e, ao mesmo tempo, grandioso. Por vezes, estreita tanto que difficilmente dá passagem aos *rabellos* que vêm de cima, peçados de pipas cheias de vinho. Quem fôr pela linha ferrea assente á beira de fundos precipicios, vê o lá em baixo, amarello e medonho, dando vertigens a quem o olha; e o marulhar das suas aguas, quebrando nos penedos do fundo, produz uma orchestra de sons que atterrisa.

Nas duas photogravu-

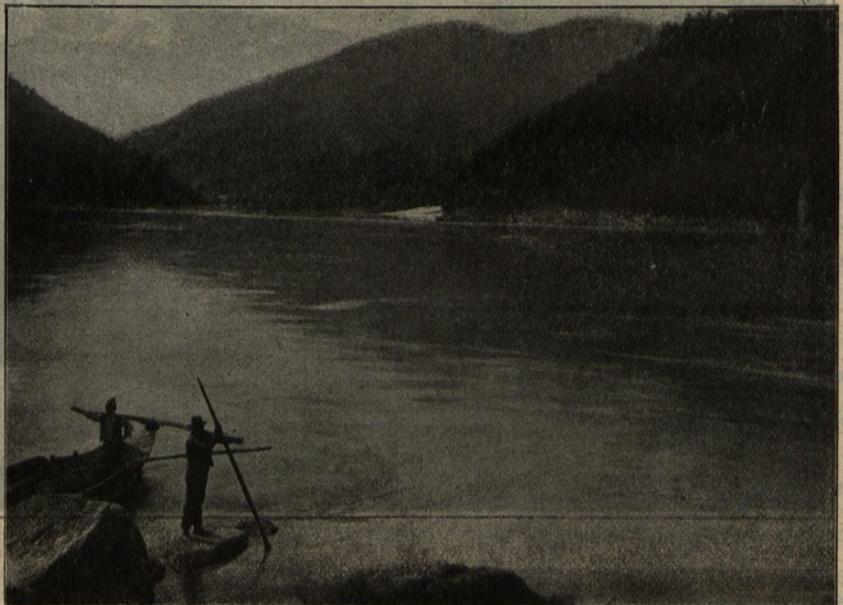
ras que hoje damos, espraia se elle como um lago, placido como uma agua mansa e clara.

Mas o Douro tambem tem os seus segredos: quando, no rigoroso inverno, depois de muitas chuvas, as montanhas começam de entornar lhe toda a agua que as tempestades depositam no seu seio, elle revolta-se, sae do seu leito; e não podendo espraiair-se, corre de encontro á penedia, e bate-a com um fragor medonha, arrastando tudo na sua furia.

Ess'outra photogravura que representa o Douro, entre as freguezias de Barrô (Rezende) e a de Barqueiros (Mezão-frio) no lugar onde ainda existem restos da lendaria ponte de Piar, é um pedaço de paysagem vigorosa, que tem o encanto de uma coisa sobrenatural.

Conta a lenda que aquella ponte fôra mandada construir pela rainha D. Mafalda, esposa de D. Affonso Henriques, por lhe terem dito uns feiticeiros que um seu filho, muito habituado a atravessar o Douro n'aquelle ponto, alli havia de morrer afogado. Estando a ponte ainda por concluir, succedeu que o principe ali foi morrer afogado, dando assim uns certos visos de verdadeira á prophecia, e ficando, por isso, incompleta a construção da ponte.

O rio Douro tem tambem a sua lenda. Quando Deus distribuiu os rios pela terra, marcando lhes o dia em que haviam de partir para os seus diversos destinos, o Douro adormeceu. Ao acordar, já os outros rios tinham feito caminho e seguiam o itinerario marcado pelo Creador. O Douro então, para recuperar o perdido, perfurou as montanhas, galgou penhascos e chegou, muito primeiro que os outros, ao seu fim.



Margens do Douro

Conto d'Aldeia



MARIA, uma guapa mocetona d'aldeia, morava com sua avó Thomasia n'uma modesta casinha de janellas brancas, ornadas de craveiros sempre verdes, sempre viçosos. Pombinhas alvas de neve, n'um arrulhar constante, iam e vinham de sob os beirões do telhado. Uma acacia frondosa, carregada de pequenas contas amarellas como se fosse um cacho de botõesitos de ouro fôscos, sombreava o balcão que dava accesso a esta casinha tão poetica, a este ninho d'amôr.

A avó, uma santa velhinha, martyr, entrezada, perdera seu marido — era tão bom o meu Pedro!... — nas sangrentas guerrilhas do *nosso senhor* D. Miguel, como ella lhe chamava; e no dia do seu enterramento cahira de cama, sem que jamais se pudesse levantar.

N'aquelle leito, de viuva, rodeada de novellos de alvo linho e manhu-

ços de loiras estrigas por onde as faces e as tranças de Maria sorriam, de carinho e confusão, havia já dezoito annos que arrastava o grilhão de uma existencia de saudades e de muitas dores. E chamava muita vez a morte, que d'ella parecia ter se esquecido.

A neta, o seu encanto, o seu amor, a sua companheira constante, era linda, de uma belleza não muito vulgar nas raparigas d'aldeia, affeitas ao sol ardente que as morenece e queima.

Que linda não era Maria!...

Seus olhos azues que tão bem diziam com o seu cabello loiro, tão loiro; a cutis mimosa e transparente do seu rosto muito alvo, deixando vêr nas faces a placidez das almas puras e affectuosas; o seu colo de leite, mimoso e fresco como uma magnolia; e, finalmente, o que é mais bello e sublime, despretençiosa e sem affectação, amavel e carinhosa para com todos, tudo isso lhe dava um tom airoso e agradável, tornando-a a deusa do logar.

Alma pura e candida, Maria era um anjo.

Estava no vigor da vida; vinte primaveras haviam passado por aquella rosa em botão, sem que a menor nuvem viesse escurecer o ceu azul da sua existencia.

Era verão, e graciosamente se baloiçavam as papoilas nas cearas.

O CASTELLO DOS OUROS EM CINTRA

* *

João, um perfeito rapaz, alto, valente e sympathico, de tez morena e olhos pretos, de ha muito que abrigava por Maria uma affeição que não comprehendia, mas que desabafava em desesperos e arrepelões, terminando por algumas lagrimas de fraqueza, quando se achava a sós. Assim refrescava o coração.

Um dia, porém, quando Maria se encaminhava para a fonte, que ficava alli ao pé, com o cantarinho de barro á cabeça, João abeirou-se-lhe, e com aquella franqueza rude mas pura, que é o mais sublime caracteristico da gente d'aldeia, pediu-lhe um beijo. Maria córou... e não respondeu.

*

* *

Os passarinhos chilreavam alegremente nos trigaes.

O que é certo é que d'ahi a alguns dias toda a aldeia dizia, e com razão, que João e Maria se amavam e casariam nas proximas sementeiras.

Porém, certo dia cahiu o raio n'aldeia, e João lá ia de rosto alegre mentindo ao coração afflicto, e retendo a custo as lagrimas, — *tirar a sorte*. Até fora do povoado, ao meio do caminho do monte, seguiu-o um enorme cortejo de boa gente, lacrimosa e triste. Era um verdadeiro dia de lucto.

Maria...

Maria adoeceu ao saber de tão cruel noticia, e uma tysica pertinaz lhe foi minando a existencia.

Dizem que a ausencia é uma meia-morte!

Assim aconteceu: Maria procurava na soledade allivio ás suas dores, e n'ella se adormecia horas e horas n'uma immobilidade de estatua de dôr.

Não fallava, não ria; não pensava mais que em João — que não voltou. Lá ficara sem que d'elle houvesse mais que vagas noticias que muito e muito a affligiam.

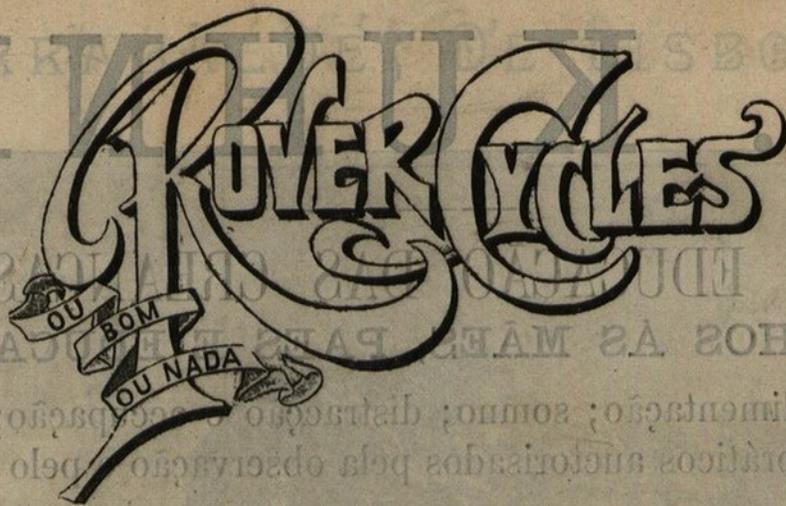
Folhas e ramos seccos juncavam os campos; a chuva fustigava as vidraças.

Recebera-se alguns mezes apoz de cruel tortura e acerba dôr, uma carta tarjada de preto, assignada por um militar da mesma aldeia e amigo de João.

Espalhou-se rapidamente a noticia n'aldeia, e parece que ave agoireira estendera as suas azas negras por sobre o logar. Tudo chorava a morte do desditoso moço!...

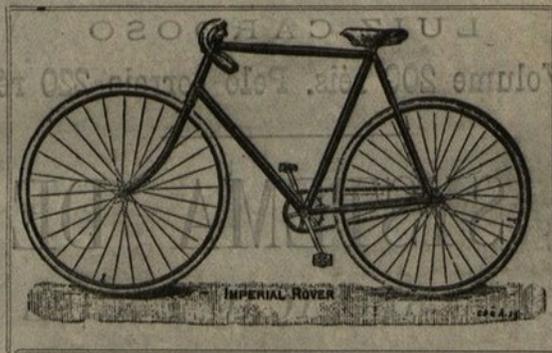
Maria soube-o tambem; e essa linda rapariga de olhos azues e cabellos côr de ouro, amarella e pallida, envolvida a frente na aureola do martyrio, sem uma lagrima, levando os olhos ao céu, como procurando dois entes queridos — dois pedaços da sua alma — sorriu dolorosamente... e desmaiou para sempre sobre uma enxerga, ao lado do cadaver de sua avó.

ALEXANDRE DE MATTOS.



11 Primeiros
premius.

6 Segundos
premius



1 Diploma de meda-
lha de ouro.

1 Diploma de meda-
lha de prata.

Na Rover não ha uma unica peça que não seja de superior qualidade.

ESPECIFICAÇÃO

SELLA — brooks N.º B 10.

QUADRO — (55, 60 e 65 centm.) é do melhor tubo Weldless (sem soldadura).

PEDALEIRO — 12 centm. de largura.

RODA DENTADA — desmontavel.

GUIADOR — reduzido.

PUNHOS — E. H.

AROS DAS RODAS — occos Westwood.

RAIOS — tangentes, reforçados nas duas extremidades.

PNEUMATICOS — da The Dunlop Pneumatic Tyre C.ª Ltd.

GARPHIO — do melhor tubo Weldless (sem soldadura).

ALVADO — 12 centm. completamente impermeavel.

ROLAMENTOS — todas as caixas e rolamentos são feitos de aço DIAMANT, e temperados por um processo particular.

NICKELADOS — sobre cobre.

ACABAMENTO — esmalte extra-brilhante e adherente.

MANIVELLAS — quadradas.

PEDAES — Rover, impermeaveis.

CORRENTE — Renold.

Com material tão escolhido junto a um acabamento esmerado, obtem o cyclista amador ou profissional uma machina de primeira ordem, tanto para a estrada como para a pista.

DEPOSITO DAS "ROVERS,"

CASA FAVORITA

50 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 52

AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA